

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

LUANN DIAS DE SOUZA

FONTES DO ACENTO PAROXÍTONO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Uberlândia

2019

LUANN DIAS DE SOUZA

FONTES DO ACENTO PAROXÍTONO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: (i) Teoria, Descrição e Análise Linguística

Orientador: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães

Uberlândia

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S729f
2019 Souza, Luann Dias de, 1990-
Fontes do acento paroxítono do português brasileiro [recurso eletrônico] / Luann Dias de Souza. - 2019.

Orientador: José Sueli Magalhães.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2019.707>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Magalhães, José Sueli, 1967- (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Gerlaine Araújo Silva - CRB-6/1408

LUANN DIAS DE SOUZA

FONTES DO ACENTO PAROXÍTONO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Uberlândia, 19 de julho de 2019.

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães
Orientador (UFU)

Profa. Dra. Fernanda Alvarenga Rezende
Examinadora externa (ESEBA/UFU)

Profa. Dra. Camila Tavares Leite
Examinadora interna (UFU)

Suplentes

Prof. Dr. Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS)

Prof. Dr. Maurício Viana de Araújo (UFU)

DEDICATÓRIA

*Dedico este estudo aos meus pais Leila
Aparecida Mendes e José Célio de Souza.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Leila e ao meu pai Célio por estarem comigo em todos os momentos dessa longa caminhada.

Às minhas irmãs Popo e Vivi, por me alegrarem todos os dias; e, também, ao meu amado afilhado e sobrinho, João Guilherme, que melhora a minha vida. Titio te ama!

À minha namorada Thaís, que eu amo tanto. Obrigado por caminhar comigo por todo esse tempo e me ajudar nos momentos mais difíceis, além de ser minha corretora de todas as horas. Obrigado, linda!

Ao meu querido orientador e professor José Magalhães, por ter confiado em mim desde quando me conheceu na graduação e me guiou até o presente momento sempre com dedicação e seriedade. Minha admiração e gratidão por você é inenarrável.

Aos amigos do grupo Hegemonia Petista, que sempre estiveram comigo nos momentos políticos dos últimos quatro anos, que não foram fáceis.

À professora Camila Leite, que me auxiliou durante toda a produção da metodologia, além de fazer parte da minha qualificação com as melhores contribuições possíveis.

Aos professores Ubiratã Kickhöfel Alves, pelas valiosas contribuições ao trabalho no evento SEPELLA-UFU, e Evellyne Costa, que fez parte da minha qualificação e colaborou com diversas orientações importantíssimas para a parte diacrônica do trabalho.

Ao meu amigo e irmão Otávio Alves, pesquisador brilhante e companheiro de discussões políticas. Obrigado por esses sete anos de caminhada, aprendo muito com você!

Ao economista Isaias Silva e ao matemático Rafael, queridos amigos e responsáveis pela parte de estatística. Obrigado pela paciência e disponibilidade para enfrentar as dificuldades que apareceram durante o trabalho.

Aos meus grandes amigos e irmãos Gabbe e José Renato, pelas sempre sábias palavras, paciência, confiança e carinho que sempre tiveram comigo nesse tempo.

Aos amigos do grupo GEFONO, por proporcionarem grande crescimento intelectual e pessoal durante esses cinco anos de caminhada juntos.

Ao meu sogro Gilberto e à minha sogra Vera, cuja casa foi, por diversas vezes, refúgio para a escrita do trabalho. Obrigado por me receberem tão bem!

Aos professores João Bortolanza, João Bosco e Talita Marine pelas aulas incríveis a que tive a oportunidade de assistir e aprender cada dia mais.

À FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), por possibilitar o desenvolvimento desta dissertação.

Por fim, agradeço aos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Roussef, pelos investimentos na educação pública e por permitirem, a partir de políticas sociais, o combate à desigualdade no Brasil. Foi assim que diversos jovens brasileiros que nunca tiveram acesso à educação de qualidade puderam cursar uma universidade pública e trilhar caminhos nunca antes sonhados.

"Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!"

Riobaldo, em Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ATA DE DEFESA

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 11, PPGEL				
Data:	dezenove de julho de dois mil e dezenove	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:00
Matrícula do Discente:	11722ELI012				
Nome do Discente:	Luann Dias de Souza				
Título do Trabalho:	Fonte do acento paroxítono do português brasileiro				
Área de concentração:	Estudos em linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Modelos fonológicos, variação e ensino - revelações da oralidade e da escrita				

Reuniu-se no Anfiteatro/sala 209U, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: [Camila Tavares Leite, PPGEL/UFU](#); [Fernanda Alvarenga Rezende, ESEBA/UFU](#); [José Suelí de Magalhães, PPGEL/UFU](#) orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). José Suelí de Magalhães, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Camila Tavares Leite, Professor(a) do Magistério Superior**, em 23/07/2019, às 10:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Alvarenga Rezende, Usuário Externo**, em 23/07/2019, às 14:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Sueli de Magalhães, Presidente**, em 20/08/2019, às 11:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1372416** e o código CRC **D6A57C00**.

RESUMO

O presente trabalho pretendeu fazer uma análise acentual diacrônica e sincrônica de palavras paroxítonas terminadas em consoante. Para isso, selecionamos todas as palavras paroxítonas terminadas em consoante do dicionário Houaiss (2015) e buscamos uma explicação na origem dessas palavras tidas como irregulares pela literatura. Na contraparte sincrônica, criamos quatro diferentes grupos de palavras: Grupo A, com pseudopalavras terminadas em consoante; Grupo B, com palavras paroxítonas da língua, em que retiramos o acento diacrítico; Grupo C, com pseudopalavras terminadas em consoante e acentuadas graficamente na penúltima sílaba e Grupo D, com palavras oxítonas da língua marcadas com acento penúltimo. O objetivo do teste sincrônico foi descrever como o falante acentua palavras terminadas em cada uma das consoantes *L, R, S, X e M/N* nos contextos de cada um dos grupos acima. Os modelos teóricos que nortearam o trabalho foram a Fonologia Métrica de Hayes (1995), que nos auxiliou para descrever e demonstrar a alocação do acento bem como os tipos de pés das línguas, e o modelo silábico de Selkirk (1982), que utilizamos para representar as mudanças que ocorreram na estrutura interna da sílaba, ao longo da diacronia da língua, observando a localização do acento. Os resultados obtidos na análise diacrônica mostraram que a postulada irregularidade não existe, visto que o acento nas palavras permanece na mesma posição da língua de origem, a saber, o Latim Clássico; o que acontece, nessas palavras, é um rearranjo silábico, após a perda de material segmental. Constata-se, com isso, o caráter conservador do acento, que se mantém na mesma sílaba de origem, sem deslocamentos. Já os resultados sincrônicos demonstram que essa irregularidade pode ser observada, visto que a maior parte dos participantes acentuou as palavras como paroxítonas, o que aponta para uma discordância com a regra do Português, que atribui acento final às palavras terminadas em consoantes.

PALAVRAS-CHAVE: Acento; Paroxítonas; Sílaba; Diacronia; Sincronia; Fonologia Métrica.

ABSTRACT

The present work intends to make a diachronic stress and synchronic analysis of paroxytone words terminated in consonant in Brazilian Portuguese paroxytone. Therefore, we selected all the paroxytone words ending in consonant of the dictionary Houaiss (2015) and we looked for an explanation in the origin of these words considered irregular by the literature. In the synchronic counterpart, we created four different groups of words: Group A, with pseudo-words ending in consonant; Group B, with paroxytone words of the language, in which we remove the diacritic accent; Group C, with pseudo-words finished in consonant and accented graphically in the penultimate syllable and Group D, with oxytone words of the language marked with a penultimate stress. The objective of our synchronic test was to describe how the speaker accentuates words ending in each of the consonants L, R, S, X and M/N in the contexts of each of the above groups. The theoretical models that guided the work were the Metrical Phonology of Hayes (1995), who helped us to describe and demonstrate the stress allocation as well as the foot types of all languages; and Selkirk's (1982) syllabic model, which we used to represent the changes that occurred in syllabic structures. The results obtained from the diachronic analysis show that the postulated irregularity does not exist, since the stress in the words remains in the same position of the primitive language namely, Classic Latin; what happens, in these words, is a syllabic rearrangement. The synchronic results showed that this irregularity can be observed, since most of the participants have stressed the words as paroxytones, which is contrary to the general rule of Portuguese to mark words ending with a consonant as oxytone.

KEYWORDS: Stress; Paroxytone Stress; syllable; Diacronia; Synchrony; Metrical Phonology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estrutura silábica de Selkirk (1982).....	29
Figura 2: Representações silábicas das palavras "mar" e "foice"	30
Figura 3: Representação silábica da palavra "pata"	30
Figura 4: Representações silábicas das palavras "jovem" e "útil"	30
Figura 5: Representações silábicas das palavras "Pater" e "mālum"	31
Figura 6: Representação silábica da palavra "mālum" com sílaba extramétrica	35
Figura 7: Paroxítone terminada em consoante no LV (spéclum)	43
Figura 8: Paroxítone terminada em consoante no LV (vernáclus)	43
Figura 9: Escansão das sílabas (baculus)	43
Figura 10: Apagamento do núcleo da penúltima sílaba (baclus).....	44
Figura 11: Apagamento da sílaba (baclus).....	44
Figura 12: Associação da consoante extraviada à posição de coda da última sílaba (baclus)....	44
Figura 13: Posição de coda vazia na última sílaba (sagradoØ)	47
Figura 14: Posição de coda preenchida na última sílaba (sagradón)	48
Figura 15: Representação silábica da palavra "bīlis"	79
Figura 16: Apagamento do <i>i</i> final na palavra "bīlis".....	79
Figura 17: Associação do <i>l</i> como coda da sílaba anterior	79
Figura 18: Posição de coda da sílaba final vazia (lignage)	84
Figura 19: Preenchimento da coda da sílaba final com a consoante <i>M</i> (linhagem).....	84
Figura 20: Posição de coda da sílaba final vazia no Latim Clássico (imago)	85
Figura 21: Posição de coda preenchida no Português Brasileiro (imagem).....	86
Figura 22: Consoante final extramétrica (natil).....	104
Figura 23: Consoante final <i>l</i> em posição de coda silábica desconsiderada (natil).....	105
Figura 24: Consoante final extramétrica (mobim).....	106
Figura 25: Consoante final <i>m</i> em posição de coda silábica desconsiderada (mobim)	107
Figura 26: Consoante final <i>r</i> em posição de coda silábica não é extramétrica (nicor)	108
Figura 27: Consoante final <i>s</i> extramétrica (vules).....	109
Figura 28: Consoante final <i>s</i> em posição de coda silábica desconsiderada (vules)	110
Figura 29: Consoante final <i>x</i> extramétrica (lomax)	111
Figura 30: Consoante final <i>x</i> em posição de coda silábica desconsiderada (lomax)	112
Figura 31: Consoante final extramétrica (futil)	114
Figura 32: Consoante final <i>l</i> em posição de coda silábica desconsiderada (futil)	114
Figura 33: Consoante final não é extramétrica (futil).....	115
Figura 34: Consoante final extramétrica (eden)	116
Figura 35: Consoante final <i>n</i> em posição de coda silábica desconsiderada (eden)	117

Figura 36: Consoante final <i>r</i> extramétrica (eter)	118
Figura 37: Consoante final extramétrica (anus)	120
Figura 38: Consoante final <i>s</i> em posição de coda silábica desconsiderada (anus)	120
Figura 39: Consoante final extramétrica (latex)	121
Figura 40: Consoante final <i>x</i> em posição de coda desconsiderada (latex)	121
Figura 41: Consoante final extramétrica (fómal)	123
Figura 42: Consoante final <i>l</i> em posição de coda desconsiderada (fómal)	124
Figura 43: Consoante final extramétrica (cátem)	125
Figura 44: Consoante final <i>m</i> em posição de coda desconsiderada (cátem)	125
Figura 45: Consoante final extramétrica (tófar)	126
Figura 46: Consoante final <i>r</i> em posição de coda desconsiderada (tófar).....	127
Figura 47: Consoante final extramétrica (fímis).....	128
Figura 48: Consoante final <i>s</i> em posição de coda desconsiderada (fímis).....	128
Figura 49: Consoante final extramétrica (lágex)	129
Figura 50: Consoante final <i>x</i> em posição de coda desconsiderada (lágex)	130
Figura 51: Consoante final extramétrica (vógal).....	132
Figura 52: Consoante final <i>l</i> em posição de coda desconsiderada (vógal).....	132
Figura 53: Consoante final extramétrica (fútum)	133
Figura 54: Consoante final <i>m</i> em posição de coda desconsiderada (fútum)	134
Figura 55: Consoante final extramétrica (dúrar)	135
Figura 56: Consoante final <i>r</i> em posição de coda desconsiderada (dúrar).....	135
Figura 57: Consoante final extramétrica (sófas).....	136
Figura 58: Consoante final <i>s</i> em posição de coda desconsiderada (sófas).....	137
Figura 59: Consoante final extramétrica (bótox).....	138
Figura 60: Consoante final <i>x</i> em posição de coda desconsiderada (bótox).....	138

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Regressão Logística.....	71
Gráfico 2: Gráfico com as leituras por grupo, sem distinção de terminações	102
Gráfico 3: Palavras terminadas em L (Grupo A).....	104
Gráfico 4: Palavras terminadas em M/N (Grupo A).....	105
Gráfico 5: Palavras terminadas em R (Grupo A).....	107
Gráfico 6: Palavras terminadas em S (Grupo A)	108
Gráfico 7: Palavras terminadas em X (Grupo A)	110
Gráfico 8: Produção dos participantes do Grupo A.....	112
Gráfico 9: Palavras terminadas em L (Grupo B).....	113
Gráfico 10: Palavras terminadas em M/N (Grupo B)	116
Gráfico 11: Palavras terminadas em R (Grupo B).....	117
Gráfico 12: Palavras terminadas em S (Grupo B)	119
Gráfico 13: Palavras terminadas em X (Grupo B).....	120
Gráfico 14: Produção dos participantes do Grupo B	122
Gráfico 15: Palavras terminadas em L (Grupo C).....	123
Gráfico 16: Palavras terminadas em M/N (Grupo C)	124
Gráfico 17: Palavras terminadas em R (Grupo C).....	126
Gráfico 18: Palavras terminadas em S (Grupo C)	127
Gráfico 19: Palavras terminadas em X (Grupo C).....	129
Gráfico 20: Produção dos participantes do Grupo C	130
Gráfico 21: Palavras terminadas em L (Grupo D).....	131
Gráfico 22: Palavras terminadas em M/N (Grupo D).....	133
Gráfico 23: Palavras terminadas em R (Grupo D).....	134
Gráfico 24: Palavras terminadas em S (Grupo D).....	136
Gráfico 25: Palavras terminadas em X (Grupo D).....	137
Gráfico 26: Produção dos participantes do Grupo D	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação das palavras paroxítonas selecionadas no dicionário Houaiss (2015).....	56
Quadro 2: Relação entre número de palavras e consoantes finais.....	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados de produção das palavras terminadas em L (Grupo A).....	89
Tabela 2: Dados de Produção das palavras terminadas em M/N (Grupo A).....	90
Tabela 3: Dados de Produção das palavras terminadas em R (Grupo A)	91
Tabela 4: Dados de Produção das palavras terminadas em S (Grupo A).....	91
Tabela 5: Dados de Produção das palavras terminadas em X (Grupo A)	92
Tabela 6: Dados de Produção das palavras terminadas em L (Grupo B).....	92
Tabela 7: Dados de Produção das palavras terminadas em M/N (Grupo B).....	93
Tabela 8: Dados de Produção das palavras terminadas em R (Grupo B).....	93
Tabela 9: Dados de Produção das palavras terminadas em S (Grupo B).....	93
Tabela 10: Dados de Produção das palavras terminadas em X (Grupo B).....	94
Tabela 11: Dados de Produção das palavras terminadas em L (Grupo C).....	94
Tabela 12: Dados de Produção das palavras terminadas em M/N (Grupo C).....	95
Tabela 13: Dados de Produção das palavras terminadas em R (Grupo C).....	95
Tabela 14: Dados de Produção das palavras terminadas em S (Grupo C)	96
Tabela 15: Dados de Produção das palavras terminadas em X (Grupo C).....	96
Tabela 16: Dados de Produção das palavras terminadas em L (Grupo D).....	96
Tabela 17: Dados de Produção das palavras terminadas em M/N (Grupo D).....	97
Tabela 18: Dados de Produção das palavras terminadas em R (Grupo D).....	97
Tabela 19: Dados de Produção das palavras terminadas em S (Grupo D).....	98
Tabela 20: Dados de Produção das palavras terminadas em X (Grupo D)	98
Tabela 21: Regressão em função do grupo A.....	99
Tabela 22: Regressão em função do grupo A e B.....	101
Tabela 23: Regressão em função dos grupos A, B e C	101
Tabela 24: Regressão em função dos grupos A, B, C e D.....	101

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. REVISÃO TEÓRICA.....	21
2.2 A SÍLABA NO MODELO DE SELKIRK (1982).....	28
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	33
3.1. O acento no Latim Clássico.....	33
3.1.1. Análise métrica do Latim Clássico.....	35
3.2. O acento no Latim Vulgar	37
3.2.1. Análise métrica do Latim Vulgar.....	41
3.3. O acento no Português Arcaico.....	45
3.4. O acento no Português Brasileiro	49
4. METODOLOGIA	55
4.1 Parte Diacrônica: coleta e organização do <i>corpus</i> da diacronia do PB.....	55
4.1.1. Critérios de inclusão e exclusão de palavras	56
4.1.2. Grupos de palavras e análise dos dados	56
4.2. Coleta e organização do <i>corpus</i> da sincronia do PB.....	57
4.2.1. Grupo A – Pseudopalavras Não-Acentuadas.....	60
4.2.2. Distratoras do Grupo A	61
4.2.3. Grupo B – Palavras α Não-Acentuadas	61
4.2.4. Distratoras do Grupo B.....	62
4.2.5. Grupo C – Pseudopalavras Acentuadas com diacrítico.....	63
4.2.6. Distratoras do Grupo C.....	64
4.2.7. Grupo D – Palavras β Não-Acentuadas	65
4.2.8. Distratoras do Grupo D	66
4.2.9. Alocação das Palavras em Frases-Veículos.....	67
4.2.10. Apresentação das pseudopalavras e leitura dos participantes.....	68
4.3 Metodologia Estatística	70
5. ANÁLISE DIACRÔNICA DOS DADOS.....	73
5.1. Grupo 1: Sufixo <i>-vel</i>	73

5.2. Grupo 2: Sufixo <i>-agem</i>	81
5.3. Grupo 3: Demais palavras	86
6. ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS SINCRÔNICOS	89
7. ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS SINCRÔNICOS	103
7.1. Grupo A	103
7.2 Grupo B	113
7.3. Grupo C	122
7.4. Grupo D	131
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	143
APÊNDICE – Lista de palavras paroxítonas irregulares	147

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve, como objetivo central, realizar uma análise diacrônica e sincrônica do acento primário de palavras paroxítonas terminadas em consoante do português brasileiro (doravante PB). Com esta investigação, procurou-se contribuir para a descrição do acento no PB e apresentar possíveis explicações acerca da localização do acento primário em palavras paroxítonas terminadas em consoante, consideradas irregulares pela literatura. Essas palavras são consideradas irregulares por apresentarem sílaba final terminada em consoante e acento penúltimo, o que contraria o argumento de que o PB é sensível ao peso silábico, pois a consoante final não atrai o acento nessas palavras, por exemplo, *fácil, jovem, mártir, córtex*. Assim sendo, ao tecer uma descrição para o acento no PB, a literatura da área sempre aborda essas palavras utilizando algum mecanismo para adequá-las à regra geral proposta para a língua.

O acento, segundo Camara Júnior (1970, p.63), em uma abordagem puramente estruturalista, caracteriza-se como “uma maior força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas”. Por outro lado, a fonologia gerativa tradicional, apresentada em *The Sound Pattern of English* (SPE), de Chomsky e Halle (1968), toma o acento como uma propriedade do segmento, como a vogal; o acento, neste caso é representado por meio de traços binários: em vogais acentuadas têm-se o traço [+ac] e nas vogais não acentuadas o traço [-ac]. Além disso, como algumas línguas possuem níveis de acento, como primário, secundário, terciário, o SPE traz os traços [ac1], [ac2], [ac3] para diferenciar esses níveis de acento de uma vogal [-ac]. As críticas posteriores a esse modelo apontam para o fato de que o SPE permite acentos ilimitados; as línguas, no entanto, possuem-nos limitados. Nesse sentido, outros modelos foram sendo elaborados para aprimorar a descrição do acento, e de outros fenômenos rítmicos das línguas.

Para Hayes (1995), “o acento é uma manifestação linguística da estrutura rítmica, e esta propriedade fonológica especial do acento pode ser explicada por suas bases”¹ (p. 1, *tradução nossa*²); o autor adota uma representação em grade métrica, com uma hierarquia dos elementos rítmicos, agrupados em constituintes. Portanto, o acento é

¹ [...] stress is the linguistic manifestation of rhythmic structure, and that the special phonological properties of stress can be explicated on this basis (HAYES, 1995, p. 1)

² Todas as traduções que aparecem ao longo do texto são de nossa responsabilidade (nota do autor)

explicação para o acento paroxítono irregular, mas essas palavras sempre divergem da regra geral, sendo preciso lançar mão de alguma excepcionalidade à regra.

Nesse sentido, a justificativa da presente dissertação foi desvendar a suposta irregularidade propagada para o acento de paroxítonas terminadas em consoantes. Além disso, pretendemos contribuir para a descrição do acento no PB, visto que existem discussões emblemáticas que circulam sobre o acento das palavras acentuadas na penúltima sílaba. Para isso, é importante ressaltar que a ausência de uma descrição diacrônica que acompanhe tal evolução demonstra a importância do trabalho em buscar, na origem, uma possível explicação para a irregularidade acentual; além disso, uma avaliação teórica do acento dessas palavras pode ser feita nas mudanças desde o Latim até hoje, contribuindo com novas explicações para o acento paroxítono irregular. Por fim, acreditamos que o cruzamento da descrição diacrônica com a descrição sincrônica permitiu uma generalização mais adequada para essas palavras ditas excepcionais na literatura sobre o acento no PB.

Como explicitado, o objetivo principal do presente trabalho foi oferecer uma explicação para o acento tratado como irregular pela literatura. Além disso, seguem-se a este objetivo geral os seguintes objetivos específicos:

- i. Apresentar como a fonte das paroxítonas terminadas em consoantes pode auxiliar na explicação do acento considerado irregular, visto que a literatura da área carece de uma descrição diacrônica que acompanhe a evolução do acento nessas palavras;
- ii. Investigar se as palavras paroxítonas terminadas em consoantes, tratadas como irregulares pela literatura, são realmente irregulares se analisadas a partir de sua origem;
- iii. Formalizar a regra de mudança que essas palavras sofreram, do Latim Clássico ao Português Brasileiro, e o que mudou em termos representacionais, utilizando o modelo da Fonologia Métrica, de Hayes (1995);
- iv. Demonstrar como o falante acentua, sincronicamente, palavras terminadas em sílabas pesadas no PB, por meio de teste de produção.

Dividimos a metodologia do trabalho em duas partes: uma diacrônica e uma sincrônica. Inicialmente, para compor nosso *corpus* de análise diacrônica, selecionamos todas as palavras paroxítonas terminadas em consoantes do dicionário Houaiss, edição de 2015, que conta com aproximadamente 32.000 verbetes; encontramos 400 paroxítonas

irregulares e as organizamos em ordem alfabética. Posteriormente, fizemos uma busca da origem dessas palavras, a fim de obter uma explicação para o acento irregular.

Para a contraparte sincrônica, dividimos as palavras alvo em quatro grupos. No Grupo A, criamos vinte pseudopalavras dissílabas. No Grupo B, selecionamos palavras existentes na língua, dissílabas, acentuadas graficamente e retiramos o acento diacrítico dessas palavras. Para o Grupo C, criamos pseudopalavras, assim como no Grupo A, dissílabas e introduzimos um acento gráfico na penúltima sílaba. Por fim, para o Grupo D, selecionamos palavras existentes na língua, oxítonas, terminadas em sílaba pesada; introduzimos um acento gráfico na penúltima sílaba das palavras desse grupo.

Utilizamos, também, para nossa análise sincrônica, o programa estatístico *stata*, que nos auxiliou nas análises quanto as relações entre os participantes e as leituras produzidas por eles. Tal *software* permite, sobretudo, verificar a confiabilidade dos dados e refinar, portanto, a análise do nosso *corpus* de trabalho.

Além disso, criamos 160 palavras distratoras para evitar que o falante percebesse o padrão das palavras alvo para o trabalho. As palavras foram inseridas nas frases-veículos para alcançar maior espontaneidade na fala, visto que a linguagem oral se manifesta por meio de frases e não de palavras isoladas. Nossos dados foram obtidos a partir da gravação de vinte participantes com Ensino Superior Completo ou Incompleto. Esse recorte procurou representar uma variedade mais monitorada do português de Minas Gerais.

Nesse sentido, essa pesquisa foi norteadas pelas seguintes hipóteses:

- i. a origem das palavras paroxítonas irregulares pode oferecer uma explicação para a suposta irregularidade acentual;
- ii. o acento paroxítono no português brasileiro atual mantém-se na mesma sílaba de sua origem latina;
- iii. o falante opta por acentuar novas palavras terminadas em consoante como oxítonas;
- iv. a motivação para o falante acentuar palavras terminadas em consoante como oxítona pode estar no fato de que o PB é sensível ao peso silábico e, portanto, a consoante final que confere peso à sílaba atrai o acento.

Pistas para verificarmos as hipóteses acima advêm, por exemplo, do que se pode observar na evolução de palavras como: *pénsilis* (proparoxítona em Latim) > *pênsil* (paroxítona irregular no português); o mesmo acontece com *móbilis* > *móvel*, *fácilis* > *fácil*, *agrādābilis* > *agradável* (Saraiva, 1993).

No Capítulo 2 do presente trabalho, apresentamos a revisão teórica, evidenciando a teoria paramétrica de Hayes (1995), e tratamos da representação da sílaba no modelo de Selkirk (1982). No Capítulo 3, fizemos uma descrição do acento do Latim Clássico (LC) ao Português Brasileiro (PB), passando pelo Latim Vulgar (LV) e Português Arcaico (PA). No Capítulo 4, detalhamos a metodologia e a seleção dos dados utilizados e, no 5, a análise diacrônica dos dados. No Capítulo 6, apresentamos as análises estatísticas dos dados, seguida por nossa análise descritiva no 7 e as considerações finais no capítulo 8.

2. REVISÃO TEÓRICA

A descrição do acento das línguas do mundo passou a receber grande adequação descritiva a partir do advento da Fonologia Métrica, iniciada por Liberman e Prince (1977). Desde então, várias outras propostas de representação do acento foram implementadas. Dentre esses modelos, interessou-nos diretamente o modelo paramétrico de Hayes (1995), ao qual recorreremos para a descrição dos dados a serem analisados nesta pesquisa, referentemente ao acento penúltimo no PB.

Para Hayes (1995), “a teoria métrica do acento é um ramo da teoria fonológica gerativa que lida com os padrões acentuais”⁴ (p.1). Um dos pressupostos da teoria é que o acento, antes atribuído às vogais e descrito linearmente, se dá em virtude da relação de proeminência entre as sílabas, ou seja, abandona-se a ideia de que o acento é propriedade de um segmento.

Os estudos de Hayes (1995), em Fonologia Métrica, oferecem um alto grau de formalização na descrição do acento das línguas do mundo. Na elaboração de sua teoria, o autor se sustenta nos pressupostos da fonologia métrica de Liberman (1975) e Liberman e Prince (1977). Dentre seus princípios, Hayes (1995) adota a culminatividade, ou seja, cada palavra ou frase possui apenas um acento principal que incide sobre a sílaba mais forte. Além disso, a única unidade portadora de acento para Hayes é a sílaba (Hayes, 1995, p. 49). Observe-se abaixo o exemplo:

(2)

a)

```

          x
        x  x
      x x x x
    camareira
  
```

b)

```

          x
        x  x
      x x x x x
    cachorro lindo
  
```

⁴ “Metrical stress theory is a branch of the theory of generative phonology that deals with stress patterns” (Hayes, 1995, p.1).

Como se pode observar, a palavra *camareira* possui apenas um acento primário, a sílaba *rei*; na construção *cachorro lindo* o acento primário da palavra *cachorro* é a sílaba *cho* e, da palavra *lindo*, a sílaba *lin*, ambas marcadas com duas posições na grade métrica. No entanto, o acento principal da sequência *cachorro lindo*, garantido pela lei da culminatividade, incide sobre a sílaba *lin*, marcada com três posições na grade métrica.

Além disso, outro princípio importante é o da “distribuição rítmica”, isto é, a alternância do ritmo acentual das línguas é dada em espaços de distâncias iguais. Na palavra *café*, temos o acento último, e, na palavra *quente*, o penúltimo, como abaixo:

(3)

x	x
x x	x x
ca.fé	quen.te

A segunda marcação na grade demonstra que as sílabas tônicas *fé* e *quen* possuem acento primário, e as sílabas *ca* e *te* possuem acento secundário. No entanto, o princípio da distribuição rítmica postula que os acentos precisam ter uma sequência de espaços iguais, e se produzirmos a sequência *café quente* teremos um choque de acento, pois os dois acentos primários estão um ao lado do outro. Assim, o PB faz um reajuste acentual, deslocando o acento primário da palavra *café* para a sílaba *ca*, ao invés da sílaba *fé*:

(4)

x	x	x	x
x x	x x	>	x x
ca.fé	quen.te		ca.fé
			quen.te

Outro princípio importante em sua teoria é a “hierarquia do acento”; isso quer dizer que a maioria das línguas do mundo possuem acentos hierárquicos: primário, secundário, terciário etc. O PB, por exemplo, possui acento secundário. Podemos visualizar melhor a hierarquia do acento por meio da palavra borboleta:

(5)

x
x x
x x x x
bor.bo.le.ta

A sílaba *le* projeta três marcações na grade métrica, o que a caracteriza como a sílaba portadora de acento primário. Depois, temos a sílaba *bor* com duas marcações na grade, ou seja, uma marcação a menos que a sílaba *le*, que recebeu o acento primário. Além disso, a sílaba *bor* possui uma marcação na grade a mais que as sílabas *bo* e *ta*. Portanto, temos o acento principal na sílaba *le* e o acento secundário na sílaba *bor*. Fica claro, na proposta de Hayes (1995), que uma sílaba portadora de acento não induz o acento em sílabas adjacentes, o autor chama esse princípio de “Lack of assimilation”.⁵

Para Hayes (1995), o conjunto de padrões rítmicos da gramática universal pode ser influenciado pelo o que o autor denomina de “Lei Iâmbico-Trocaica”.

- a. Elementos que contrastam em intensidade naturalmente formam agrupamentos com proeminência inicial; (troqueu silábico e mórico)
- b. Elementos que contrastam em duração naturalmente formam agrupamentos com proeminência final; (iambo)

Da Lei Iâmbico-Trocaica advém, segundo Hayes (1995), dois tipos de sistemas acentuais: i) os insensíveis ao peso silábico, com cabeça à esquerda, e ii) os sensíveis ao peso silábico com cabeça à esquerda e outro com cabeça à direita. Nesse sentido, com uma teoria essencialmente paramétrica, Hayes (1995) alcança grande economia descritiva na adoção de um pequeno conjunto de pés utilizados para generalizar a descrição dos acentos das línguas do mundo. São três os tipos de pés que sustentam essa teoria:

- i) troqueu silábico: pé binário de proeminência à esquerda. Esse tipo de pé não leva em conta a estrutura interna da sílaba:

$$(x \ .)$$

$$\sigma \sigma$$

Hayes (1995, p. 63) apresenta exemplos do troqueu silábico na língua Pintupi, falada na Austrália:

(6)

(x)

(x .)(x .)(x .)

σ σ σ σ σ σ

a. t̪ámulìmpat̪ùŋku⁶

(x)

(x.)(x.) (x .)

σσσ σ σ σ σ

b. tíliriŋulàmpat̪u⁷

⁵ Falta de assimilação.

⁶ Nossa relação

⁷ O fogo para nosso benefício incendiou-se

ii) iambo: pé formado por uma sílaba leve e uma sílaba pesada com proeminência final; são três os pés possíveis, / ˘ ˀ /, / ˘ ˀ ˘ / e / ˀ ˀ /⁸, todas com proeminência final.

Abaixo, exemplos dados por Hayes (1995, p. 64), da língua Seminole, falada na Flórida:

(7)

(x)

(. x)(. x)

˘ ˘ ˘ ˘

a. apataká⁹

(x)

(. x)(. x)

˘ ˘ ˘ ˘

b. amapatáka¹⁰

iii) troqueu moraico ou mórico: o troqueu moraico, assim como o troqueu silábico, é um pé binário de cabeça à esquerda; no entanto, diferentemente do troqueu silábico, o troqueu mórico leva em conta a estrutura interna da sílaba para a atribuição da proeminência. As construções de pés possíveis para o troqueu moraico são: (x .) ou (x).

Hayes (1995, p. 67), oferece exemplo do Árabe Cairense:

(8)

(x)

(x .)

˘ ˘ ˘

a. kátaba¹¹

(x)

(x .)(x .)

˘ ˘ ˘ ˘

b. katabítu¹²

(x)

(x)

˘ -

c. gató¹³:

Nesse sentido, no caso do troqueu silábico, a proeminência inicial se compõe de duas unidades de igual duração, em uma cadência estável; essas unidades iguais são as sílabas e não leva em conta a sua estrutura interna. No caso do troqueu moraico, as unidades iguais são as moras, resultado da relação estrutural dos elementos constitutivos da sílaba, isto é, uma sílaba leve projeta uma mora, enquanto uma sílaba pesada projeta

⁸ Os três significam, respectivamente, uma sílaba leve e uma pesada, duas sílabas leves e uma sílaba pesada.

⁹ Panqueca

¹⁰ Minha panqueca

¹¹ Ele escreveu

¹² Ela escreveu isto

¹³ Bolo

duas moras. De outro lado, pés que possuem contraste de duração são formados por uma sílaba leve e uma pesada, ou seja, um iambo canônico, que pode ser constituído também de duas sílabas leves ou uma sílaba pesada, tudo isso advém da lei iâmbico-trocaica.

Quando é impossível construir pés canônicos na constituição dos pés, Hayes (1995) formula restrições para disciplinar a aplicação do modelo; são os chamados pés degenerados ou irregulares. O pé degenerado, no caso do troqueu silábico, é o pé formado por apenas uma sílaba. No caso do troqueu moraico e do iambo, pés degenerados são aqueles formados por uma única mora. No entanto, Hayes (1995) formula algumas proibições relativas à construção de pés degenerados, a saber:

(9)

Proibição forte: absolutamente proibido.

Proibição fraca: são permitidos somente em posição forte, ou seja, quando dominado por uma marca mais alta na grade.

Temos, portanto, atendendo as restrições, os seguintes pés degenerados:

(10)

troqueu mórico: pé formado por apenas uma mora (x)

˘

troqueu silábico: pé formado por apenas uma sílaba (x)

σ

iambo: pé formado por apenas uma mora (x)

˘

Além dos pés degenerados, temos, também, os pés irregulares. Esse tipo de pé extrapola o número desejável de elementos em cada constituinte. Hayes (1995) chama esse pé de troqueu irregular; ele possui uma configuração parecida com a do troqueu mórico, sensível ao peso silábico com cabeça à esquerda. No entanto, no troqueu irregular, não existe harmonia entre os dois lados do constituinte, isto é, ele pode ser composto por três moras distribuídas entre a sílaba pesada e a sílaba leve (Hayes, 1995, p. 91):

(11)

troqueu irregular: (x .) ou (x) em que a sílaba é sempre pesada.

σ ˘ σ

No entanto, Hayes (1995) opta por deixar de lado este último pé por ser uma exceção à Lei Iâmbico-Trocaica. A teoria métrica de Hayes (1995) admite apenas pés

binários e ilimitados. Para eliminar os pés ternários, o autor utiliza o recurso da extrametricidade¹⁴.

Um exemplo de língua que utiliza a extrametricidade para marcar o acento da palavra é o Latim Clássico. Nessa língua, não existem palavras com acento final; se a penúltima sílaba for pesada (possuir vogal longa ou consoante em posição de coda) o acento é penúltimo; se a penúltima sílaba for leve, o acento é antepenúltimo. É uma língua, portanto, que respeita a restrição da janela de três sílabas, assim como o PB:

(12)

cathe<dra>

mulíe<rem>

As sílabas *dra* e *rem* estão marcadas com os colchetes angulados < > por se tratar de sílabas extramétricas, ou seja, essas sílabas não são levadas em conta na atribuição de peso à palavra, pois o LC não possui palavras oxítonas. A extrametricidade é utilizada, portanto, para desconsiderar constituintes (segmentos, sílabas, moras, pé, palavra fonológica, afixo) para que a palavra se adeque à regra geral do acento da língua.

Hayes (1995, p. 57) delimita a utilização da extrametricidade e propõe uma posição não-marcada para uso do recurso. As restrições que o autor propõe são as seguintes:

- a. Constituency¹⁵ (dos elementos que podem ser extramétricos): apenas constituintes (segmentos, sílaba, pé, palavra fonológica, afixo) podem ser marcados como extramétricos.
- b. Peripherality¹⁶ (da posição do constituinte): o constituinte pode ser marcado como extramétrico somente se ele estiver na borda (direita ou esquerda) do domínio.
- c. Edge Markedness¹⁷ (da marcação da borda): a borda não marcada para a extrametricidade é a direita.
- d. Nonexhaustivity¹⁸ (da exaustividade): uma regra extramétrica é bloqueada se ela tornar o domínio de aplicação de regra de acento extramétrico.

¹⁴ A extrametricidade torna invisível segmentos (pé, sílaba etc) na aplicação do acento da palavra.

¹⁵ Constituinte

¹⁶ Perifericidade

¹⁷ Marcação de borda

¹⁸ Não-exaustividade

Em línguas com acento proparoxítono, como é o caso do Latim Clássico, a sílaba final é extramétrica, ou seja, a extrametricidade é não marcada, por ocupar a borda direita da palavra:

(13)

i) *pensi*<lis>ii) *fáci*<lis>

A condição *b. perifericidade* pode ser observada no PB, isto é, um constituinte extramétrico, ao deixar a posição de periferia, tem sua extrametricidade bloqueada:

(14)

máqui<na> -> maquinário

árvo<re> -> arvoredo

Palavras como *spé, sús, sól* do LC demonstram a atuação da restrição *d. não-exaustividade*. A última sílaba das palavras dessa língua é extramétrica; no entanto, como essas palavras só possuem uma sílaba, a extrametricidade é bloqueada para evitar que ela englobe todo o domínio de aplicação do acento.

Portanto, acreditamos que a capacidade de formalização da proposta de Hayes (1995) permitirá uma maior adequação de uma regra de acento que dê conta de explicar e representar a mudança ou manutenção do acento que ocorreu na passagem do Latim Clássico, passando pelo Latim Vulgar, Português Arcaico até chegar ao PB. Além disso, a teoria métrica oferece-nos um inventário de pés métricos que podem ser usados para regularizar uma explicação para o acento em cada um desses períodos evolutivos da língua, trazendo mais formalidade para a adequação de uma regra que dê conta de explicar a natureza do acento nas palavras proparoxítonas terminadas em consoantes.

Além dos subsídios teóricos e representacionais da Fonologia Métrica, de Hayes (1995), será importante para o trabalho analisar as mudanças que a estrutura das sílabas, desde o Latim Clássico até o PB, sofreu e qual o impacto dessas mudanças na configuração do acento nas palavras proparoxítonas terminadas em sílaba pesada. Para isso, apresentamos, na próxima seção, o modelo silábico de Selkirk (1982), que nos auxiliará na representação e análise dos nossos dados diacrônicos e sincrônicos.

2.2. A SÍLABA NO MODELO DE SELKIRK (1982)

A descrição do acento depende diretamente de estudos sobre a sílaba. Ao produzir um modelo de análise métrica do acento das línguas do mundo, Hayes (1995) faz referência, a todo momento, à estrutura interna da sílaba, considerando, por exemplo, sua posição na palavra, sua constituição mórica na atribuição do peso e ainda os elementos segmentais que a integram. Por esse motivo, o modelo de sílaba proposto por Selkirk (1982) é indispensável para a presente análise.

Nos estudos iniciais do SPE, de Chomsky e Halle (1968), início da Fonologia Gerativa, o acento não recebeu o tratamento que merecia, ou seja, as palavras eram vistas como uma sequência de sons. No entanto, teóricos como Fudge (1969), Hooper (1972) e Vennemann (1972) são alguns dos autores que salientaram a importância do estudo da sílaba na fonologia. Teóricos mais atuais, como é o caso de Blevins (1995), Selkirk (1982) e Goldsmith (1990) concedem um espaço privilegiado para o estudo da sílaba.

Quando observamos as palavras de uma língua qualquer, podemos perceber que as regras que regem a estrutura interna das sílabas são diferentes de uma para outra. As regras fonotáticas das línguas definem as configurações possíveis para a estrutura das sílabas que compõem as palavras de uma língua. No PB, por exemplo, uma sequência como [sp] não aconteceria na formação de uma sílaba; diferentemente do inglês, que possui [spot] – “lugar”.

No modelo silábico proposto por Selkirk (1982), o nó silábico, representado pelo símbolo denominado *sigma* (σ), bifurca-se em duas ramificações, o Onset (O), que representa o ataque de uma sílaba, e a Rima (R). A rima, por sua vez, se ramifica obrigatoriamente em Núcleo (N) e pode se ramificar em Coda (Cd). O núcleo, no PB, só pode ser ocupado por uma vogal. A coda, por sua vez, pode ser ocupada por uma consoante, duas consoantes ou um glide. Toda sílaba que possui coda é considerada uma sílaba pesada; do contrário, ou seja, uma sílaba que não possui coda é considerada leve no PB. No LC, uma sílaba poderia ser pesada sem possuir coda, pois nesta língua o peso era, também, atribuído pela presença de vogais longas, as quais portavam duas moras, isto é, duas unidades de peso. No entanto, esse não é o caso do português, que não possui distinção entre vogais longas e breves.

O modelo de Selkirk (1982) propõe-se a apresentar estruturalmente a relação íntima que existe entre Núcleo e Coda, mas que não existe entre Onset e Núcleo. Além disso, cada posição dentro dessa estrutura possui suas próprias restrições fonotáticas, que

são definidas pelas propriedades particulares de cada língua. Assim sendo, a estrutura arbórea do modelo é universal, mas as características dos elementos que podem ou não ocupar cada posição são definidas pelas línguas em particular. Temos, portanto, a seguinte estrutura:

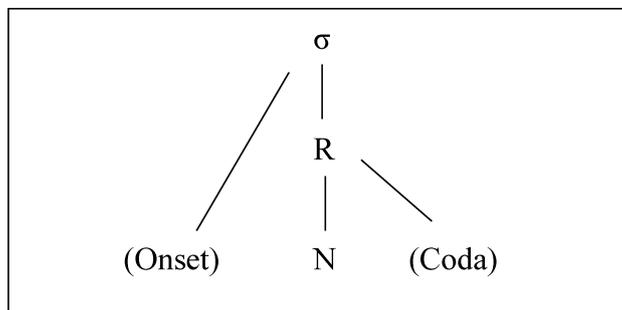


Figura 1: Estrutura silábica de Selkirk (1982)

No modelo acima, os parênteses informam os elementos que não são obrigatórios para a constituição de uma sílaba, no caso, o Onset e a Coda. Apenas o núcleo é elemento obrigatório, ou seja, não se pode construir uma sílaba sem a presença de uma vogal no PB; outras línguas, no entanto, como o inglês, permitem soantes no núcleo. Se a sílaba possuir uma vogal longa no núcleo, como é o caso de diversas palavras do latim, ela será considerada pesada. Uma sílaba que possui vogal breve, mas possui uma consoante na posição de coda também é considerada pesada. Como o PB não faz distinção de vogais longas e breves, uma sílaba pesada é aquela que possui uma consoante na posição de coda silábica.

Selkirk (1982, p. 337) elenca três pontos importantes em favor do estudo da sílaba:

Primeiro de tudo, pode ser argumentado que a mais geral e explanatória afirmação das restrições fonotáticas de uma língua pode ser feita apenas pela estrutura silábica de um enunciado. Segundo, (...) apenas por meio da sílaba pode-se dar a caracterização apropriada do domínio de aplicação de uma série de regras da fonologia segmental. E terceiro, (...) um adequado tratamento de fenômenos suprasegmentais, como o acento e o tom, requer que o segmento seja agrupado em unidades que são do tamanho da sílaba.

Portanto, ao tratar a questão do acento nas línguas, é imprescindível descrever como a sílaba se estrutura. Como afirma Selkirk (1982, p. 337), “a representação da sílaba é especialmente para a hipótese que as sílabas são um elemento da hierarquia organizada na estrutura prosódica”.

Assim, é considerada uma sílaba pesada no PB aquela que possui uma vogal seguida de uma consoante (VC), que ocupa posição de coda silábica; ou ainda um ditongo, em que a vogal ocupa o núcleo e o glide ocupa a coda silábica:

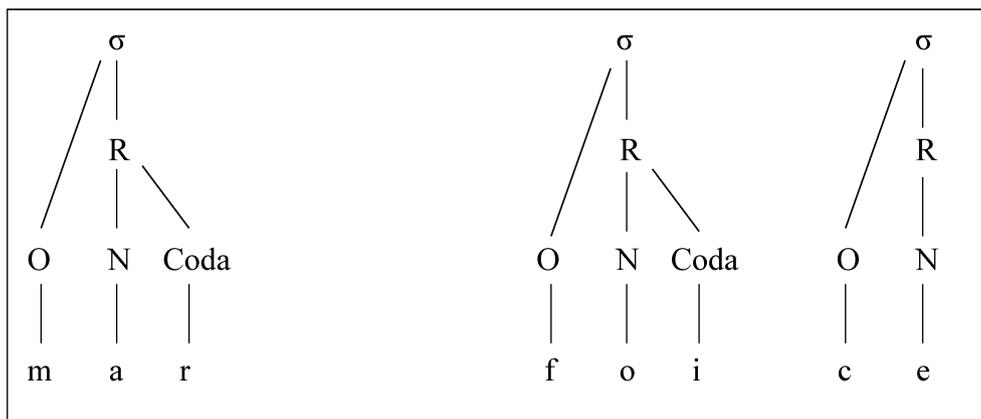


Figura 2: Representações silábicas das palavras "mar" e "foice"

Como se pode observar, o peso da sílaba é determinado pela rima. Se ela for ramificada, isto é, possuir uma consoante ou um glide, no caso dos ditongos, em posição de coda, ela é considerada pesada; se ela não atende a esses critérios, é considerada leve (CV, V):

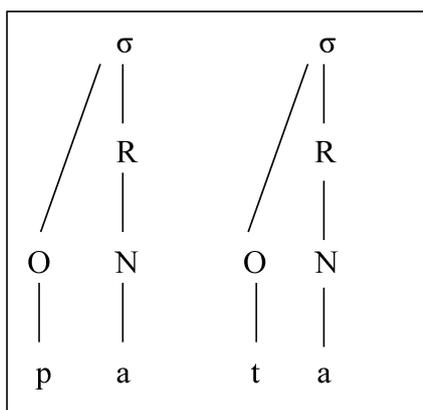


Figura 3: Representação silábica da palavra "pata"

Nesse sentido, as paroxítonas terminadas em sílaba pesada, objeto de estudo do presente trabalho, são consideradas irregulares pela literatura por apresentar uma sílaba pesada final que não atrai o acento, fugindo do padrão geral de acentuar palavras terminadas em sílaba pesada final:

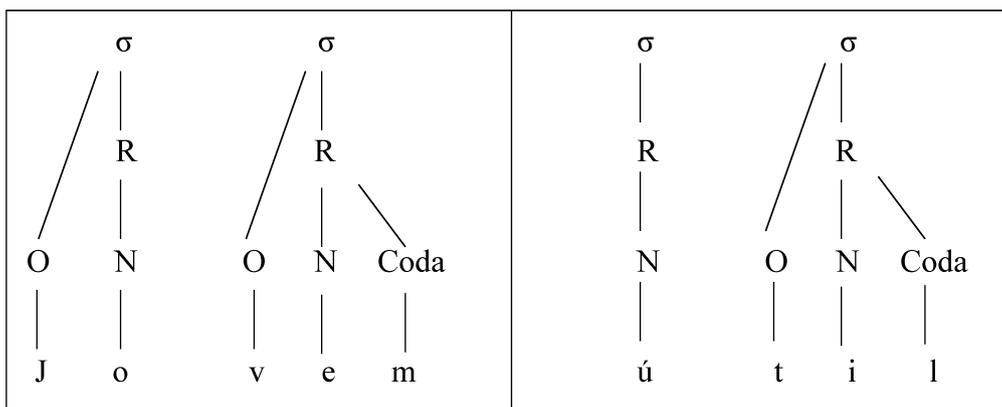


Figura 4: Representações silábicas das palavras "jovem" e "útil"

Portanto, utilizamos a proposta apresentada por Selkirk (1982), por ela demonstrar grande adequação descritiva, além de permitir a representação dos elementos da sílaba e, com isso, facilitar a visualização dos elementos silábicos que mantêm relação de maior intimidade, como a relação entre Núcleo e Coda, em oposição à relação entre Onset e Núcleo, por exemplo. A Rima, como postula a autora, é o elemento que pode portar o acento e é a Rima que pode atrair o acento em línguas sensíveis ao peso silábico. Além disso, o modelo da autora nos permitirá visualizar mudanças na estrutura interna das sílabas que ocorreram na evolução das palavras.

O Português Arcaico, assim como o PB, possuía a mesma estrutura silábica, com sílabas leves CV e pesadas CVC; portanto, o PB e o Português Arcaico seguiram a mesma estrutura silábica do Latim Vulgar. O acento também sofre uma mudança, pois no LC tinha-se um acento quantitativo, em que se fazia a distinção pela duração das vogais, que não se distinguiam das átonas a não ser pela duração. Na passagem do LC para o LV, no entanto, o acento de quantidade dá lugar ao acento de intensidade; as vogais longas deixam de existir e a duração dá espaço à produção das vogais com maior energia que as demais da palavra. O acento de intensidade do LV foi herdado pelo PA e pelo PB.

O Latim Clássico, por possuir um acento quantitativo, levava em conta a quantidade de moras presentes na penúltima sílaba e também possuía vogais longas e breves; as vogais longas possuíam duas moras, as breves, uma. Da mesma sorte, as sílabas CV eram consideradas leves e CVC pesadas:

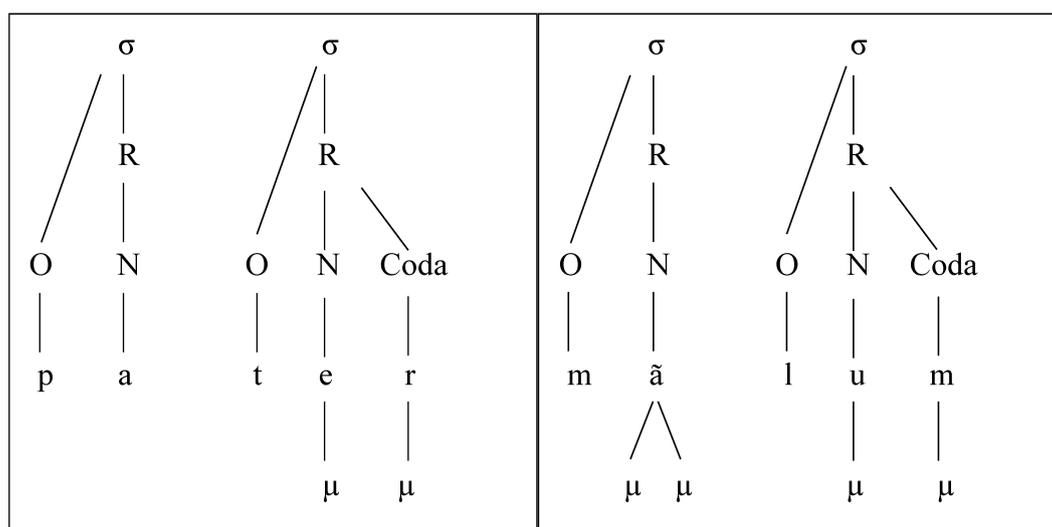


Figura 5: Representações silábicas das palavras "Pater" e "mālum"

Nesse sentido, o modelo de representação silábica proposto por Selkirk (1982) foi importante para este trabalho para representar as possíveis mudanças ocorridas na estrutura silábica do PB, de modo que o acento, antes regular na forma latina, passasse a

uma forma acentualmente irregular no PB. Além disso, a possibilidade de representar os elementos que compõem a sílaba e a relação entre esses elementos nos permitiu analisar os dados de maneira mais trabalhada e demonstrar os modelos mais adequados de pés para representar o acento das línguas seguindo o modelo de Hayes (1995).

A apresentação do modelo silábico proposto por Selkirk (1982) feita até então nos auxiliará na descrição das mudanças estruturais da organização interna da sílaba. O que se pode perceber é que houve uma transformação das palavras proparoxítonas em paroxítonas. Essa mudança foi um dos fatores mais importantes para que o acento, regular no Latim Clássico, fosse alocado como paroxítono no PB, mesmo em palavras terminadas por consoantes, tidas como irregulares pela literatura da área.

No próximo capítulo, apresentamos a revisão bibliográfica acerca do acento.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1. O acento no Latim Clássico

O acento no Latim Clássico incidia sobre as vogais; Holt (1997) aponta a existência de dez fonemas vocálicos do Latim Clássico, sendo cinco vogais longas e cinco breves, são eles: /A:, E:, I:, O:, U:/; / Ā, Ē, Ī, Ō, Ū/. Alguns exemplos abaixo:

(15)

numerāre / uidēre / audīre / pōpulus/ mūlum – a, e, i, o, u longos
audīre / fācēre/ uīdēre/ lūpus – a, e, i, o, u breves (Saraiva, 1993)

Essas vogais, como pode-se observar, eram caracterizadas pela duração e podiam ser longas ou breves. A duração de uma vogal longa era duas vezes a duração de uma vogal breve. A duração da vogal, que conferia peso à sílaba, influía diretamente no acento latino, pois o Latim Clássico era uma língua sensível ao peso silábico, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

(16)

audīre, uīdēre, amīcum

Nessas palavras, a duração da vogal da segunda sílaba, a contar da borda direita da palavra, faz com que o acento permaneça nessa posição; isso acontece porque essas vogais longas são portadoras de duas moras. Se essas vogais fossem breves, o acento se deslocaria para a sílaba anterior e teríamos **áudire, *uídere, *ámicum*, o que não converge com o padrão acentual do Latim Clássico. A regra de acentuação do Latim Clássico é consideravelmente simples e está descrita mais detalhadamente abaixo.

Segundo Teyssier (1993, p.8), “generaliza-se um acento de intensidade, cuja posição é determinada de maneira automática. Quando nenhuma ação contrária entra em jogo, a acentuação permanece a mesma em galego-português e em português contemporâneo”. Nesse sentido, como demonstra Teyssier (1993), as regras de acento do Latim Clássico são:

1. Palavras de duas sílabas: o acento recai na primeira. Ex.: *séptem* > port. *sete, dátum* > *dado*.

2. Palavras de três sílabas ou mais: o acento recai na penúltima sílaba se esta for pesada. Ex.: *amīcum* > port. *Amigo*, *capīllum*¹⁹ > port. *cabelo*; e recai na antepenúltima se a penúltima sílaba for leve. Ex.: *ārbōrem* > port. *árvore*, *hōminem* > port. *homem*, *quīndēcim* > port. *quinze*.

É importante notar que a sensibilidade à quantidade silábica do Latim Clássico está localizada na segunda sílaba a contar da borda direita da palavra. A última sílaba é sempre extramétrica, com exceção dos monossílabos tônicos, já que, como afirma Hayes (1995), a extrametricidade não pode abranger todo o domínio de aplicação das regras.

Além disso, a terceira sílaba da palavra, contando da borda direita, no Latim Clássico, é estruturalmente irrelevante na atribuição do acento. Isso acontece porque se a segunda sílaba for pesada, ou seja, portadora de duas moras, o acento cairá nessa sílaba, independentemente se a sílaba anterior for leve ou pesada, como se pode observar nas palavras *capillum* e *perfectum*. Ambas possuem acento penúltimo paroxítonas, a primeira tem a terceira sílaba leve e a segunda possui a terceira sílaba pesada, não influenciando na alocação do acento paroxítono. O Latim Clássico é, portanto, uma língua que possui acento por peso “weight by position”²⁰, isto é, se a segunda sílaba, contando da borda direita, é pesada, acentue-a.

Allen (1969) afirma que é considerada uma sílaba pesada no Latim Clássico aquela formada por uma vogal longa, ditongo ou vogal seguida de consoante. A consoante que antecede a vogal da sílaba é irrelevante na atribuição de peso silábico. Por outro lado, as sílabas leves são formadas apenas por vogais breves. O acento, no LC, é previsível e é a duração que tem valor fonológico, portanto, *mālum* significa maçã, *mālum*, o mal; *ēdēre*, comer; *ēdēre*, publicar.

No LC, existiam diversas palavras paroxítonas terminadas em consoante, como *mālum*, *capillum*, *perfectum*. No entanto, essas palavras não eram consideradas irregulares acentualmente, uma vez que a última sílaba do latim é extramétrica, não conferindo, portanto, interferência na atribuição do acento da palavra:

¹⁹ Observa-se que, embora a vogal *i* da sílaba *pil* seja leve, essa sílaba possui a consoante *l* em posição de coda silábica, que confere peso à sílaba, portanto, o acento é penúltimo.

²⁰ Peso por posição.

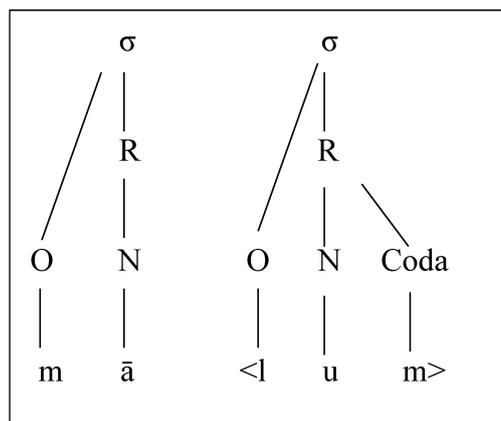


Figura 6: Representação sílabica da palavra "mālum" com sílaba extramétrica

A escansão da palavra *mālum* demonstra como a alocação do acento em LC independe da última sílaba. Os colchetes angulados < > marcam a extrametricidade da sílaba final; assim sendo, essa sílaba é desconsiderada na construção do pé e, portanto, na alocação do acento à palavra. Descarta-se a última sílaba e constrói-se um troqueu mórico na sílaba *ma*, que projeta duas moras. O acento, portanto, é penúltimo:

(17)

x
 x
 mā<lum>

Como se pode ver, a sílaba *lum*, por ser extramétrica, não chega sequer a projetar marcação na grade. Assim sendo, o acento só pode se alojar na sílaba *mā*. Assim, embora o LC tenha palavras paroxítonas terminadas em consoante, essas palavras não são consideradas irregulares, pois a última sílaba do LC é marcada lexicalmente como extramétrica.

3.1.1. Análise métrica do Latim Clássico

Para representarmos metricamente o acento no Latim Clássico, de acordo com a Fonologia Métrica, de Hayes (1995), basta criarmos um pé troqueu moraico, da direita para a esquerda, não iterativamente. Como o pé é troqueu, ele possui proeminência à esquerda e a regra final, do contrário, é à direita, dentro do limite das três sílabas finais,

o que identifica claramente o acento no Latim Clássico como *default to the opposite side*²¹:

(18)

(x)	(x)
(x)	(x)
<i>ca. pil. <lum></i>	<i>per. fec. <tum></i>

(19)

(x)
(x)
<i>um. <bra></i>

(20)

(x)
(x)
<i>spe</i>

Nos exemplos em (18), temos as sílabas *-pil-* e *-fec-* formando pés trocaicos. Esses pés são binários, porque cada uma dessas sílabas possui duas moras - uma mora atribuída ao núcleo da sílaba, que no caso é a vogal, e outra atribuída à consoante em posição de coda. A consoante pós-vocálica recebe uma mora por “weight by position”, isto é, é atribuída uma mora para consoantes em posição de coda quando adjungidas à sílaba, como aponta Hayes (1989). Além disso, os pés são trocaicos, porque a mora inicial, projetada pela vogal nuclear, é a de maior proeminência, satisfazendo as condições para erigir um troqueu mórico pleno.

No exemplo em (19), temos a sílaba *um-* construindo um pé trocaico e em (20) a sílaba *spe* forma, também, um troqueu mórico. No entanto, para esse pé, é preciso aplicar a proibição fraca do pé degenerado, uma vez que essa sílaba não pode ser marcada como extramétrica por ser todo o domínio de aplicação de regras. Nesse sentido, fica claro que o pé trocaico, proposto por Hayes (1995), é ideal para dar conta da regra de atribuição do acento primário no Latim Clássico.

²¹ Padrão para o lado oposto. O Latim Clássico possui proeminência mais à esquerda, no entanto, na regra final, permanece a sílaba proeminente mais à direita.

Como pode-se observar na passagem do Latim Clássico para o Latim Vulgar, poucos foram os casos em que ocorreu mudança de acento tônico nos vocábulos, permanecendo geralmente na mesma sílaba que era portadora de acento no Latim Clássico. O mesmo acontece na passagem do LV para o PA e, conseqüentemente, para o PB. Além disso, é importante notar que as proparoxítonas latinas já começam a se transformar em paroxítonas no Latim Vulgar, seja pela queda de vogais no meio da palavra, como atesta o *Appendix Probbi* (*speculum, non speclum; masculus, non masclus*), ou pelo apagamento de segmentos finais, como em *pensilis* > *pênsil; facilis, fácil*.

Em ambos os casos, esses apagamentos contribuíram para o surgimento de palavras paroxítonas terminadas em consoantes no PB, tidas como acentualmente irregulares. Nesse sentido, uma análise da mudança na estrutura dessas palavras pode auxiliar na explicação para esse acento tratado como irregular pela literatura. No tópico seguinte, apresentamos as descrições do acento no Latim Vulgar e as mudanças de acento que se constata nessa modalidade da língua e, em seguida, fizemos a análise métrica do acento nessa língua.

3.2. O acento no Latim Vulgar

Os estudos que tratam do Latim Vulgar, normalmente, se baseiam na vasta literatura existente do Latim Clássico. O acento, no LC, estava subordinado à quantidade da penúltima sílaba:

- i) se a penúltima sílaba for longa, o acento é paroxítono;
- ii) se a penúltima sílaba for breve, o acento recua para a sílaba anterior e o acento é proparoxítono;

Sendo assim, o Latim Clássico era conhecido como *Sermo urbanis*, ou seja, era o Latim literário, usado em tratados, documentos científicos, discursos. O Latim Vulgar, conhecido como *Sermo Vulgaris*, era uma modalidade popular do Latim, falada pelo povo camponês, pelos soldados e, até mesmo, pelas camadas superiores, mas no seio familiar (Martins, 2006).

No Latim Vulgar, ao ser confrontado com a modalidade clássica, uma das características mais marcantes no que se refere às vogais é a perda da duração vocálica, que dá lugar à intensidade vocálica. Maurer Jr. (1962, p. 12) exemplifica a perda da duração silábica no Latim Vulgar com dados como *acetu-* (>azedo, em português) e

sudore- (>suor, em português); essas palavras eram, em Latim Clássico, respectivamente *acētum* e *sudōrem*. Nesse sentido, é possível constatar “o desaparecimento do acento quantitativo do Latim Literário ou Clássico que foi suplantado pelo acento “tônico”, ou seja, o acento de intensidade tal como o conhecem hoje as línguas românicas (Ilari 2008, p.74).

Outra diferença importante entre o Latim Clássico e a modalidade popular, ou seja, o Latim Vulgar, é a inexistência de proparoxítona nessa modalidade. Nesse sentido, Magalhães (2004, p. 162) afirma que o Latim Vulgar é “uma língua cuja restrição da janela de três sílabas teve seu papel significativamente fortalecido, já que não restaram palavras cujo acento era atribuído além da segunda sílaba a contar da direita da palavra”. Exemplo disso são as formas *intégru-* e *colóbra* no Latim Vulgar, que passam a *inteiro* e *cobra* no PB; essas formas encontram antecedência nas formas no Latim Clássico *íntegrum* e *cólubra*.

O Appendix Probi, obra produzida por volta do século IV por um pedagogo ou professor cujo nome não se sabe ao certo, tinha por finalidade combater certos vícios de linguagem e ensinar a forma correta da expressão. Essa obra oferece-nos dados em que se pode constatar o fortalecimento da janela de três sílabas²² do Latim Vulgar e a opção por paroxítonas em relação às proparoxítonas do Latim Clássico. Assim se refere Silva Neto (1956, p. 31-32) ao Appendix Probi: “uma lista evidentemente organizada por um professor para uso dos seus alunos com duzentas e vinte e sete correções. O valor desse material consiste em que ele nos oferece material seguro e indiscutível”. Abaixo, algumas correções presentes na obra:

(21)

speculum non speclum

masculus non masclus

vetulus non veclus

vitulus non viclus

vernaculus non vernaclus

articulus non articlus

baculus non baclus

angulus non anglus

(Silva Neto, 1956, p. 53)

²² Essa restrição garante que o acento seja locado em uma das três últimas sílabas da palavra.

Nos dados do Appendix Probi elencados acima, podemos observar o fenômeno de síncope²³ eliminando vogais dentro da estrutura silábica da segunda sílaba, que é breve, a contar da borda direita da palavra do Latim Clássico. Com a eliminação dessa vogal, uma nova sílaba é criada e uma consoante C, antes sozinha em posição de coda da segunda sílaba a contar da borda direita, passa a formar um ataque complexo CC com a líquida da última sílaba. Portanto, ...CV.CVC#> ...CCVC#²⁴ e, dessa forma, as proparoxítonas do Latim Clássico passam a paroxítonas no Latim Vulgar. Essa mudança vai ser extremamente importante na produção de palavras paroxítonas tidas como irregulares do PB.

Silva Neto (1956, p. 71) afirma que “pode-se, sem exagero, falar numa repulsa ao hiato, repulsa essa que tende a desfazê-lo (...)”. Nesse sentido, a mudança de palavras como *pá.li.a* (Latim Clássico) > *pá. lya* (Latim Vulgar) > *pá.lha* (PB); *lán.ci.a* (Latim Clássico) > *lán.cya* (Latim Vulgar) > *lan.ça* (PB); **bá.ni.u* (Latim Clássico) > *bá.nyu* (Latim Vulgar) > *bá.nho* (PB) demonstram mais um argumento em favor de que as proparoxítonas do Latim Clássico, ao perder o hiato e formar um ditongo e uma posterior palatalização²⁵, essas palavras proparoxítonas passam a paroxítonas no Latim Vulgar.

Essas duas distinções entre o Latim Clássico e o Latim Vulgar — a perda da duração silábica e o fortalecimento da restrição da janela de três sílabas — foram essenciais para definir as diferenças na estrutura dessas línguas. Segundo Ilari (2008, p.74), “o acento de intensidade do Latim Vulgar recai normalmente na mesma sílaba que era portadora do acento tonal do Latim Culto (clássico), há, contudo, deslocamentos em três situações principais”.

Maurer Jr. (1959, p. 56) afirma que o acento do Latim Vulgar concorda, com poucas exceções, com o da língua literária. No entanto, ele pontua que “como só a língua clássica nos fornece a chave do sistema, isto é, o lugar do acento tônico se determina pelo peso da penúltima sílaba, é claro que a língua vulgar pressupõe uma fase antiga em que a duração era comum a todo o latim”. Quednau (2004) aponta quatro casos em que a mudança de acento do Latim Clássico para Latim Vulgar ocorreu:

²³ A palavra *speculum* era pronunciada como *speclum* no LV. Com essa mudança, podemos observar o processo de síncope, ou seja, a vogal *u* é apagada e a consoante se associa à sílaba precedente.

²⁴ O símbolo # significa final de sílaba.

²⁵ A forma *bá.ni.u* do LC possui um hiato. Posteriormente, o hiato desaparece e tem-se um ditongo no LV (*bá.nyu*). Em seguida, esse ditongo passa por um processo de palatalização, ou seja, o ditongo *nyu* deixa de ser produzido nos alvéolos e passa a ser produzido no palato como *nho*, resultando na palavra *ba.nho*.

1) “Positio Debilis” (posição débil) a que era seguida de grupo consonantal (oclusiva + r, em geral). A sílaba em que figurava a vogal era considerada comum no latim clássico, isto é, podia ou não receber o acento, segundo as necessidades do verso. Na prosa, porém, era átona. O latim vulgar tornou-a tônica. O português conservou a acentuação do latim vulgar. Os dados utilizados foram retirados do trabalho de Quednau (2004). Ex.:

Íntegru (latim clássico) – *intégru* (latim vulgar) > *inteiro* (português)

Cáthedra (latim clássico) – *cathédra* (latim vulgar) > *cadeira* (português)

Cólubra (latim clássico) – *colóbra* (latim vulgar) > *cobra* (português)

Ténebras (latim clássico) – *tenébras* (latim vulgar) > *trevas* (português)

Essa característica do Latim Vulgar, ou seja, a existência absoluta de palavras paroxítonas oferece argumento para entender o PB como uma língua advinda dessa modalidade popular do latim. A permanência da tonicidade no Latim Vulgar e no PB registra a manutenção dessa relação estreita entre esses dois momentos da história da língua portuguesa.

2) Em hiatos formados por i, e + vogal breve, respeitando a regra de acento do Latim Clássico, o acento tônico se alojava na terceira sílaba a contar da borda direita, visto que a vogal breve não atrai o acento. Já no Latim Vulgar, o acento se deslocava para a vogal da sílaba seguinte, conforme os exemplos de Quednau (2004).

muliere (latim clássico) – *mulière* (latim vulgar) > *mulher* (português);

filíolos (latim clássico) > *filíolus* (latim vulgar) > *filhos* (português);

pariete (latim clássico) > *pariète-* (latim vulgar) > *parede* (português).

Nunes (1975), destacando o caráter conservador do acento, explica as alterações em 1 e 2 como meramente fonéticas. Segundo o autor, essas mudanças operadas no Latim Vulgar são mantidas no Português Arcaico e ainda persistem no Português Contemporâneo. Um outro aspecto do Português Moderno enraizado no Latim Vulgar é o sistema vocálico, preservado até hoje.

3) Casos de recomposição – no processo de recomposição, recupera-se a acentuação da palavra simples, o que equivale a deslocar o acento dos afixos

para o radical, ou seja, *cóntinet* é reanalisado em *cum+ténet*, prevalecendo a acentuação da forma simples *ténet*. Ex.: *Cóntinet* (latim clássico) – *continet* (latim vulgar) > *contém* (português).

4) Por fim, Maurer Jr (1959, p. 73) aponta, como a quarta mudança, o caso das palavras estrangeiras. Nelas, o Latim Vulgar conservava, até onde os hábitos da língua permitissem, a sílaba tônica de origem, sem levar em conta a duração da penúltima, que não constituía fato de fixação dela. A exceção fica para os empréstimos gregos que, quando entravam por via erudita, conservavam a acentuação culta inclusive submetendo-se ao princípio da duração da penúltima sílaba, como em *Sócrates e parábola*.

Portanto, o Latim Vulgar, no que diz respeito à estrutura métrica, caracteriza-se como um sistema altamente simples, uma vez que a duração das vogais não mais exercia função na língua e outros processos demonstrados acima contribuíram para que, nessa modalidade do latim, dificilmente o acento fosse alojado além da segunda sílaba a contar da borda direita da palavra. Nunes (1975, p. 68) cita ainda alguns casos de proparoxítonas que restaram na língua e que, segundo ele, são de transmissão popular: *érvodo, víbora, lídimio, dízima, dívida, hóspede, pêssego, lágrima, còvado*. Por fim, é mister salientar que o acento intensivo do Latim Vulgar estava confinado à segunda sílaba, independentemente da estrutura interna da sílaba.

Na próxima seção, apresentamos a análise métrica do Latim Vulgar e, em seguida, algumas descrições do acento do Português Arcaico.

3.2.1. Análise métrica do Latim Vulgar

Para a definição do acento primário do Latim Vulgar apresentado a seguir, de acordo com a análise de (Rondinini, 2009), levamos em conta que o sistema possuía acentos penúltimos, como registra a literatura revisada até aqui. Nesse sentido, ignoramos as proparoxítonas, dado seu caráter de excepcionalidade. Como o domínio do acento no Latim Vulgar, temos as duas sílabas finais, o que oferece duas estruturas silábicas distintas, como apresentado abaixo (Rondinini, 2009):

- a. *catédra, pariéte, colóbra, pálya, bányu* etc.
- b. *muliérem, spéclum, vernáclus, tenébras* etc.

A partir do modelo de Hayes (1995), podemos perceber que o troqueu é o pé que melhor identifica o Latim Vulgar, independentemente de sua caracterização mórica ou silábica. O troqueu mórico leva em consideração a estrutura interna da sílaba, ou seja, a relação de peso — ou mora — entre os elementos da sílaba.

Se identificamos o Latim Vulgar como um troqueu moraico, basta construir um pé não-iterativo²⁶ da direita para a esquerda. Nos casos em (b), utilizamos o instrumento da extrametricidade da consoante final, posição não-marcada. Os exemplos foram retirados de Saraiva (1993).

(22) O troqueu mórico no Latim Vulgar

(x .) (x .) (x .)
a. ca.té.dra pa.ri.é.te co.ló.bra

(x .) (x .) (x .) (x .)
b. mu.li.é.re<m> spé.clu<m> ver.ná.clu<s> te.né.bra<s>

Por meio do troqueu silábico, basta construir um pé não-iterativo da direita para a esquerda. A diferença do troqueu mórico é que, aqui, não é necessário fazer referência à extrametricidade:

(23) O troqueu silábico no Latim Vulgar

(x .) (x .) (x .) (x .) (x .)
a. ca.té.dra pa.ri.é.te co.ló.bra pá.lya bá.nyu

(x .) (x .) (x .) (x .)
b. mu.li.é.rem spé.clum ver.ná.clus te.né.bras

Nesse sentido, as formalizações acima demonstram como o conjunto de processos envolvendo a mudança do acento do Latim Clássico para o Latim Vulgar convergem para o acento na penúltima sílaba nessa modalidade popular da língua e, assim, diferenciá-la do Latim Clássico.

²⁶ Faz-se apenas a construção de um pé. O processo não se repete.

No Latim Vulgar, como se pode observar com as palavras *muliérem*, *spéclum*, *vernáclus* e *tenébras*, já se observa as paroxítonas terminadas em consoantes, que são as paroxítonas ditas irregulares pela literatura da área.

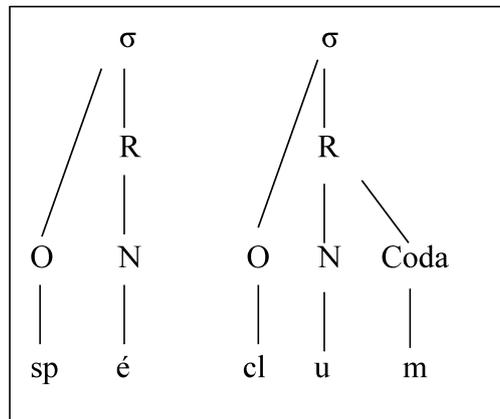


Figura 7: Paroxítona terminada em consoante no LV (*spéclum*)

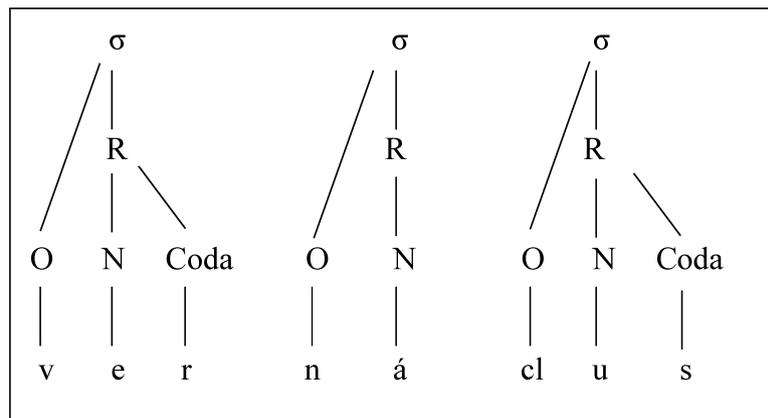


Figura 8: Paroxítona terminada em consoante no LV (*vernáclus*)

Portanto, podemos perceber que o LV já possuía palavras consideradas irregulares pela literatura, ou seja, paroxítonas terminadas em consoante. Demonstramos como, no entanto, essas palavras não sofreram deslocamento de acento, não podendo, pois, ser chamadas de paroxítonas irregulares em virtude do acento, pois ele permaneceu na mesma posição do LC. É o que se pode observar com o exemplo abaixo:

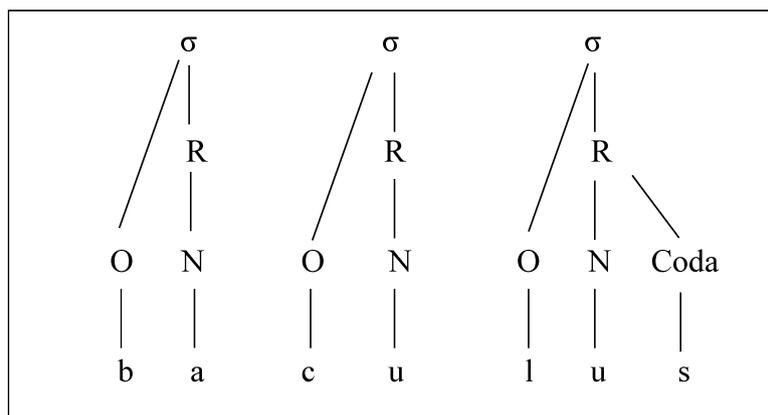


Figura 9: Escansão das sílabas (*baculus*)

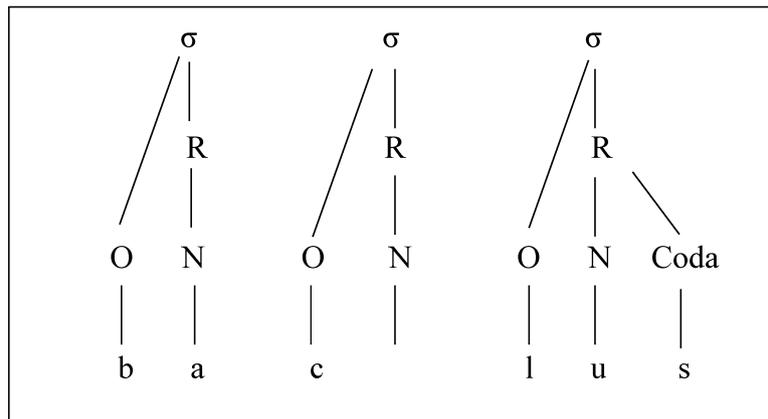


Figura 10: Apagamento do núcleo da penúltima sílaba (*baclus*)

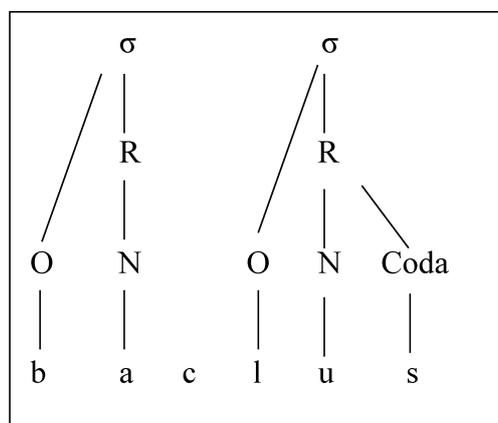


Figura 11: Apagamento da sílaba (*baclus*)

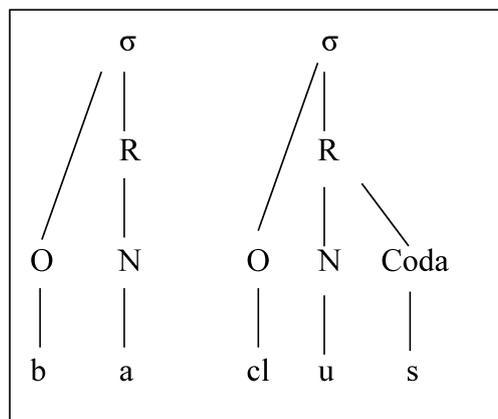


Figura 12: Associação da consoante extraviada à posição de coda da última sílaba (*baclus*)

Com essa mudança, a palavra proparoxítone latina torna-se uma paroxítone terminada em consoante no Latim Vulgar; o acento, no entanto, permanece na mesma posição. O que ocorreu nessas palavras foi um rearranjo silábico para que a consoante extraviada, em detrimento do apagamento silábico da penúltima sílaba, se aloje na posição de coda da sílaba precedente. Assim, essas palavras não são irregulares do ponto

de vista do acento, pois as paroxítonas terminadas em consoante do LV possuem o acento alojado na mesma sílaba do LC, o que ocorreu foi um rearranjo silábico para adequar a consoante da penúltima sílaba à posição de onset da sílaba precedente. No tópico seguinte, apresentamos os trabalhos que se ocuparam em descrever o acento no Português Arcaico e uma análise métrica do acento nessa modalidade do português.

3.3. O acento no Português Arcaico

As investigações das cantigas medievais têm sido a principal fonte de trabalhos que tratam do acento do Português Arcaico. Em pesquisas conhecidas sobre o tema, como Massini-Cagliari (1995) e Quednau (2000), chama a atenção o fato de que, ainda que as autoras tratem de forma diferenciada o padrão acentual do Português Arcaico, os dados de ambas apontam para a inexistência de acento antepenúltimo nesse período. Isso reforça a tendência, já constatada no Latim Vulgar, de que os processos que operaram nessa língua para a inexistência de proparoxítonas continuam valendo no Português Arcaico.

Massini-Cagliari (1995), sob os fundamentos da fonologia métrica de Hayes (1981) e utilizando seu inventário de pés, afirma que esse período da língua possuía sensibilidade generalizada ao peso silábico e, por isso, o pé adequado para a descrição do acento no Português Arcaico é o troqueu mórico. Sob outra ótica, mas usando também o modelo métrico de Hayes (1981), Quednau (2000) descreve o Português Arcaico a partir do troqueu irregular; nesse sentido, em ambas as descrições, o cabeça do pé é localizado à esquerda.

Para Quednau (2000), o Latim Clássico possuía um sistema acentual mais marcado, definido pelo troqueu irregular. Da mesma sorte, no ponto de vista da autora, o Português Arcaico retoma esse sistema acentual mais marcado e seu acento também pode ser analisado por meio de pés troqueus irregulares. Abaixo, a descrição do acento proposto por Quednau (2000):

(24)

- a. o acento recai sobre a sílaba final se esta for pesada: *natural, molher, ocajon, francês, valor, sagraçon, virgeu, sandeu;*
- b. se a última sílaba não for pesada, o acento é atribuído à penúltima sílaba, independentemente do seu peso, como em *fazenda, asperança, virgo, barco, alfaya, ribeira, freira, cavaleiro, pecado, ventura, vermelha, dia, queixume, bondade, fremosa.*

Os parâmetros utilizados por Quednau (2000, p. 186) são apresentados da seguinte forma:

(25)

- a. Troqueu irregular
- b. Direção da escansão: da direita para a esquerda
- c. Regra final (RF): à direita
- d. Construção dos pés: não-iterativamente

Os dados abaixo exemplificam a aplicação dos parâmetro do Português Arcaico, conforme Quednau (2000):

(26)

(x)	(x)	(x)	(x)	RF
(x .)	(x)	(x)	(x)	
—	—	—	—	
for.te	a.mor	vir.geu	pas.tor	

Portanto, a análise de Quednau (2000) reflete o sistema acentual do Português Arcaico como um retorno a um padrão mais marcado, como no Latim Clássico, em que a autora analisa o acento a partir do pé troqueu irregular. No PA, portanto, como demonstra Quednau (2000) não ocorreu a suposta irregularidade das paroxítonas terminadas em consoante. Nessa língua, como exposto em (24), se a palavra terminasse em consoante, ela possuía acento final e, se terminasse em vogal, o acento era penúltimo.

Na análise de Massini-Cagliari (1995), o Português Arcaico era uma língua generalizadamente sensível ao peso silábico e definida pelo troqueu moraico (Hayes, 1995). Diferentemente do Latim Clássico, em que apenas a segunda sílaba a contar da borda direita da palavra é sensível ao peso silábico, a autora chama a atenção para o fato de que, quando as duas últimas sílabas do PA são pesadas, a proeminência privilegia a última sílaba; e mais, “qualquer sílaba longa (ou pesada) posicionada na penúltima ou na última posição silábica atrai acento” (Massini-Cagliari, 1995, p. 206).

Os parâmetros utilizados pela autora na descrição do acento no PA estão abaixo:

(27)

Pé básico: troqueu mórico
 Quantidade de sílabas por pés: binário
 Dominância: esquerda

Sensibilidade à quantidade: sim

Direcionalidade: da direita para a esquerda

Regra final: à direita

Extrametricidade:

1. Constituinte: segmentos

2. Borda: direita

Pés degenerados: proibição fraca (permitidos quando nenhum pé canônico puder ser construído)

Quantidade silábica: elementos da rima

Iteratividade: não-iterativo

Aplicando os parâmetros na análise do acento do Português Arcaico, temos:

(28)

(x)	(x)	(x)	(x)	RF
(x .)	(x)	(x)	(x)	
v v v	v v -	- v	- -	
sa.grá.do	sa.gra.dón /	uír.go	uir.géu	

Os exemplos em (28) demonstram como o PA evitou a produção de paroxítonas terminadas em consoante. Isso se deu a partir do deslocamento do acento quando a última sílaba possui uma consoante em posição de coda. Se essa posição de coda da sílaba final estiver vazia, o acento recua para a penúltima sílaba:

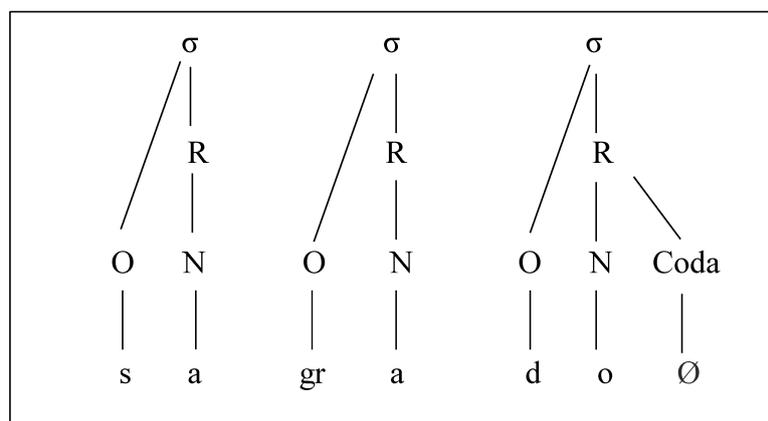


Figura 13: Posição de coda vazia na última sílaba (*sagrado∅*)

O símbolo \emptyset indica que a posição de coda da última sílaba *do* é vazia, portanto, o acento se aloja na sílaba anterior *gra*. Quando essa posição de coda possui um elemento, o acento é atraído para a sílaba final e é oxítono.

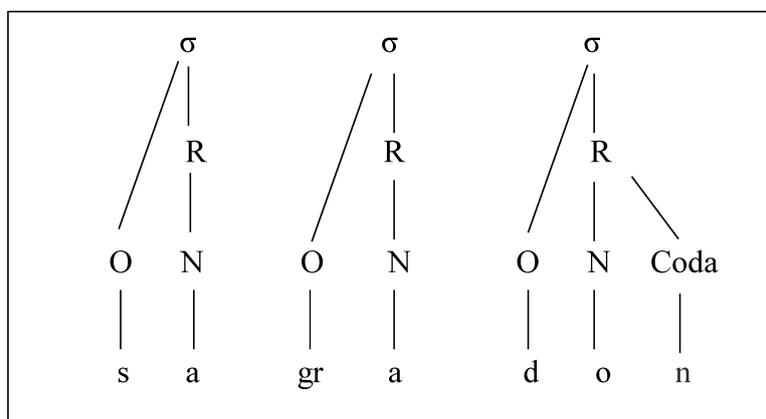


Figura 14: Posição de coda preenchida na última sílaba (*sagradón*)

Agora a posição de coda da última sílaba preenchida com a nasal *n* faz com que o acento seja atraído para essa sílaba. Dessa forma, portanto, o PA evitou paroxítonas terminadas em consoante, pois sempre que a última sílaba possui essa consoante em posição de coda o acento é atraído para aquela posição.

Em relação aos monossílabos leves, como nenhum pé canônico pode ser criado, Massini-Cagliari (1995) propõe a proibição fraca para pé degenerado:

(29)

(x) (x)

∨ ∨

ia hi

Nos casos de palavras paroxítonas, formadas pela última sílaba leve e a penúltima pesada, a autora constrói o pé troqueu moraico ignorando a sílaba leve, como apresentado abaixo em (30) a). Se as duas sílabas finais são pesadas, constrói-se o primeiro pé troqueu mórico, da direita para a esquerda, e a formação dos pés é interrompida, seguindo a não-iteratividade, como em (30) b):

(30)

(x) (x) (x) RF

(x) (x) (x)

a. for.te mor.te cou.sa

(x) (x) RF

(x) (x)

b. mor.tal pas.tor

Para o caso das palavras oxítonas terminadas em sílaba leve, a autora utiliza o pé degenerado na descrição e as entende como a parte monossilábica de compostos:

(31)
 (x)
 (x) (x)
 a# qui

O que se pode observar nas análises das autoras Quednau (2000) e Massini-Cagliari (1995), como aponta Magalhães (2004), é que a forma de analisar a sensibilidade silábica em ambos trabalhos são diferentes. Na descrição de Massini-Cagliari (1995), tanto a última quanto a penúltima sílaba são sensíveis ao peso silábico e, no caso das duas últimas sílabas finais pesadas, a proeminência privilegia a última sílaba. No entanto, para Quednau (2000), apenas a última sílaba é sensível ao peso, que é o posicionamento que consideramos para nossa análise. Em seguida, tecemos considerações a respeito do acento no Português Brasileiro.

3.4. O acento no Português Brasileiro

São variados os estudos que tratam da acentuação no PB e cada trabalho adota um modelo teórico diferente para a descrição do acento. Em relação ao acento primário no PB, Mira Mateus (1982, p. 1050) afirma que a posição das sílabas acentuadas nos nomes e adjetivos possui mais regularidade do que nos verbos. Além disso, para a autora, “a estrutura morfológica das palavras é importante na consideração da incidência de acento”, ou seja, o acento do PB é diferente para nomes e verbos.

Pode-se observar, na análise do acento de Mira Mateus (1982), a divisão das palavras do português em dois grupos, um de palavras regulares e outro de irregulares. Nas palavras regulares, cerca de 70% na língua, o acento nos nomes e adjetivos incide sobre a última vogal do radical. Essa vogal pode estar localizada no penúltimo lugar da palavra (cf. (32)) ou no último (cf. (33)).

(32)
cam+a
bonit+o
poet+a

(33)

*amor**animal**legal*

Existe, no entanto, um grupo de palavras irregulares, minoria na língua, em que o acento cai na penúltima vogal do radical. Nesse caso, Mira Mateus (1982) afirma que a última vogal nessas palavras é marcada no léxico como não-acentuável. Esse é o caso das paroxítonas irregulares, objeto de estudo do presente trabalho (cf. (34)):

(34)

*fácil**útil**jovem*

O acento no PB é previsível, ou seja, ele cairá sempre em uma das três últimas sílabas da palavra, assim como acontece no Latim Clássico e no Latim Vulgar, como em *girassol* (oxítona), *padaria* (paroxítona), *árvore* (proparoxítona). Essa restrição é chamada “Restrição da Janela de Três Sílabas” (Bisol, 1992).

Bisol (1992), valendo-se dos fundamentos da Fonologia Métrica, de Halle e Vergnaud (1987), entende o PB como sensível ao peso silábico. Nesse sentido, o PB tende a acentuar na última sílaba as palavras terminadas em consoante, por exemplo, *amor*, *armazém*, *pastel*. Não sendo a última sílaba terminada em consoante, o acento é penúltimo (*cama*, *porta*). Palavras paroxítonas terminadas em consoante (*móvel*, *lápiz*), oxítonas terminadas em sílaba leve (*café*, *pé*) e proparoxítonas (*árvore*, *pêndulo*) são exceções à regra geral do acento.

O que faz dessas paroxítonas terminadas em consoantes serem exceções é o fato de que, como postulado por Bisol (1992), sendo o PB sensível ao peso silábico, as palavras terminadas em consoante deveriam atrair o acento, sendo, portanto, oxítonas. No entanto, uma pequena quantidade de palavras não respeita essa regra e, ainda que terminem em consoante, preferem o acento paroxítono (*jovem*, *fácil*, *útil*, *tórax*). O trabalho de Araújo, Viaro e Guimarães-Filho (2007) demonstra que 62% das palavras do PB são paroxítonas; destas, apenas 4,92% são terminadas em consoantes. São essas palavras que fogem da regra geral do acento paroxítono que nos interessam no presente trabalho.

Essa porcentagem de palavras converge com os dados encontrados no dicionário de cinco volumes do Caldas Aulete (1958) por Bisol (1992). As palavras reunidas foram separadas nas consoantes finais L, R e S. Os dados mostraram que 65% das palavras terminadas em L, 97% das terminadas em R e 65% das terminadas em S são oxítonas. Portanto, palavras paroxítonas terminadas em consoante representam, segundo a proposta da autora, uma irregularidade acentual.

Para conseguir uma generalização da regra de acento, Bisol (1992) utiliza o recurso da *extrametricidade* para formalizar a descrição das palavras paroxítonas irregulares. Em palavras como *fácil*, *jovem*, *lápiz*, *látex*, a consoante final é *extramétrica*, ou seja, é invisível à regra de atribuição do acento, não conferindo peso à sílaba final. Isso quer dizer que a extrametricidade deixa a última consoante invisível às regras de acento e, assim, a palavra se regulariza como se fosse paroxítona terminada em vogal.

(35)

(x .)

fá.ci<l>

(x .)

lá.pi<s>

A análise de Lee (1997) utiliza o modelo da Fonologia Métrica (Hayes, 1991), adaptando o modelo da Fonologia Lexical Prosódica (Lee, 1995), e apresenta o acento do português como sendo insensível ao peso silábico e sensível à categoria lexical; além disso, postula que as regras de acento dos não-verbos ocorrem em um nível a, ao passo que as regras de acento dos verbos ocorrem em um nível b. No entanto, ainda que em sua descrição o autor minimize a utilização do recurso da *extrametricidade* e postule a insensibilidade do português ao peso silábico, Lee (1994) encontra problemas ao descrever o acento paroxítono de palavras terminadas em consoante. Nesse sentido, ele assinala esses casos, assim como Bisol (1992), como marcados. O autor postula uma regra diferente para os não-verbos com casos marcados e outra regra para os casos não marcados, conforme os exemplos de Lee (1997):

(36)

Regra do acento primário do não-verbo:

i) Casos não-marcados: constituinte binário, cabeça à direita, direção:

direita para a esquerda, não-iterativo:

café

almoço

tonel

(. *)

(. *)

(. *) Regra

(*)

(*)

(*) RF

ii) Casos marcados: constituinte binário, cabeça à esquerda, direção: direita para a esquerda, não-iterativo:

túnel	jovem	
(* .)	(* .)	Regra
(*)	(*)	RF

Para Massini-Cagliari (1999, 564), que considera o PB sensível ao peso, o conjunto de parâmetros acentuais do PB, de acordo com os fundamentos da Fonologia Métrica, de Hayes (1995), é o seguinte:

(37)

pé básico: troqueu moraico
 sílabas por pés: binário
 dominância: esquerda
 sensibilidade à quantidade: sim
 direção: direita para a esquerda
 iteratividade: não-iterativo

O acento do PB pode ser visto em:

(38)

(x)	(x .)
a.mor	panela
/ \	
μ μ	μ μ

No entanto, segundo Massini-Cagliari (1999), o acento é atribuído diferentemente para as proparoxítonas e para as paroxítonas terminadas em sílaba travada, pois elas não seguem o padrão *default*. Assim, a autora postula a existência de pés datílicos e espondáicos para essas palavras:

(39)

(x . .)	(x .)
ár.vo.re	re.vól.ver
σ σ σ	— —

O símbolo σ representa uma sílaba qualquer, sem levar em conta a estrutura interna e — representa uma sílaba pesada. Para Massini-Cagliari (1999), esses pés são atribuídos em um nível mais profundo no léxico, isto é, no primeiro extrato lexical.

Magalhães (2004, 2010) propõe uma análise dos nomes no PB utilizando princípios da Teoria da Otimidade. Sua proposta pretende “restringir a liberdade de projeções no plano métrico de maneira que somente o centro primário possa atingir a segunda linha na grade” (Magalhães, 2004, p. 83). Diferentemente do modelo de Halle e Vergnaud (1987), em que os constituintes eram ilimitados e *Conflation*²⁷ era incumbido de apagar acentos inexistentes, Magalhães utiliza um instrumento chamado Controlador do Plano Métrico (CPM), que limita o tamanho dos pés, elimina a extrametricidade e dá conta da restrição da janela de três sílabas no PB.

Os três princípios que regulam o CPM são: i) *Designated Terminal Element*²⁸ (Lieberman e Prince, 1977), que garante que o elemento mais proeminente de um constituinte seja localizado no elemento terminal mais acentuado; ii) tem-se a projeção do asterisco (Halle e Vergnaud, 1987) e iii) o princípio TROCHEE (Hayes, 1995), que estabelece a formação de pés trocaicos, isto é, um pé binário de proeminência inicial.

As restrições utilizadas por Magalhães (2010) são: PrWd-RIGHT, que determina o alinhamento da borda direita da palavra prosódica à borda direita de algum pé; PROJ-SON, que garante que toda soante que pertence a um pé projete uma mora na grade; PARSE- σ , que estabelece que toda sílaba deve ser escandida em um pé; GRID μ -HEAD, que exige que cada pé projete uma mora cabeça; e SHARED- μ , que proíbe moras compartilhadas. Portanto, em sílabas pesadas finais, o candidato vencedor é o que metrifica apenas a sílaba final:

$$(40)$$

μ	μ	μ
a.mor		

Nesse caso, a mora inicial da sílaba final é mais proeminente que a mora projetada pela consoante, respeitando o princípio TROCHEE (Hayes, 1995).

²⁷ A função da conflação é eliminar acentos secundários apagando tudo menos o constituinte principal (Hayes, 1995).

²⁸ Elemento designado terminal.

Em palavras terminadas em sílaba leve, as restrições GRID μ - HEAD e PrWd-RIGHT garantem a projeção de um cabeça em cada sílaba e que o pé esteja alinhado com borda direita (cf. (41)).

$$(41)$$

$$\begin{array}{ccc} \mu & \mu & \mu \\ | & | & | \\ \text{pa} & . \text{lha} & . \text{\c{c}o} \end{array}$$

Essas formas são consideradas regulares na descrição de Magalhães (2004, 2010). O padrão irregular, isto é, as paroxítonas terminadas em sílaba pesada e as proparoxítonas são, para o autor, marcadas e a restrição de fidelidade ranqueada mais alto determina que o acento já atribuído seja mantido no output. As restrições utilizadas nesses casos por Magalhães (2010) são: STRESSFAITHFULNESS (Hyde, 2001), que garante o acento do *input* na mesma posição do *output*; PROJ-OBSTRUENT, que determina que toda obstruente pertencente a um pé tenha uma marca na grade; SHARED μ -WEAK, que proíbe mora compartilhada em sílaba não acentuada; e DEP- μ , que proíbe inserção de mora.

Desse modo, Magalhães (2004, 2010) divide as paroxítonas terminadas em consoante de duas formas: i) as que terminam em obstruente e ii) as que terminam em soante (cf. (42)):

$$(42)$$

$$\begin{array}{ccc} & & X \\ (X \quad) & & (X \quad X \quad) \\ \mu \quad \mu & & \mu \quad \mu \mu \\ | \quad | & & | \quad || \\ \text{lá} \quad . \text{pis} & & \text{lí} \quad . \text{der} \end{array}$$

No caso de *lápiz*, a obstruente da última sílaba não projeta mora e, no caso de *líder*, a soante projeta uma posição vazia na grade.

Como se pode observar, as paroxítonas terminadas em consoante são consideradas casos marcados — irregulares — em todas as propostas apresentadas pela literatura da área. Nesse sentido, acreditamos que uma análise diacrônica dessas palavras pode auxiliar na explicação do acento considerado irregular. No capítulo posterior, apresentamos a metodologia, a seleção e a distribuição dos dados.

4. METODOLOGIA

Nessa seção, apresentamos os procedimentos metodológicos que foram desenvolvidos para a coleta de dados e análise da pesquisa. Como dividimos a metodologia em duas partes – uma diacrônica e uma sincrônica –, tecemos, primeiramente, os passos para a seleção dos dados da análise diacrônica, a forma de coleta, divisão dos dados, busca da origem e procedimento de análise.

Posteriormente, tratamos dos procedimentos metodológicos para a parte sincrônica da pesquisa: seleção e número dos participantes, critérios para a criação e separação das pseudopalavras que serão lidas, apresentação das palavras distratoras, divisão dos grupos de palavras e divisão dos participantes.

4.1 Parte Diacrônica: coleta e organização do *corpus* da diacronia do PB

Com o intuito de reunir um número expressivo de palavras paroxítonas terminadas em consoante, o *corpus* foi extraído do novo dicionário Houaiss (2015) na versão impressa e em CD-room. Esse dicionário conta com, aproximadamente, 32 mil vocábulos e a escolha de usá-lo para extrair nosso *corpus* se deu por alguns motivos: i) o dicionário permite extrair um número expressivo de palavras paroxítonas terminadas em consoante, objeto de análise desse estudo; ii) por ser um dicionário atual (2015, acredita-se que palavras novas incorporadas na língua estejam presentes nesse *corpus*; iii) a partir desse banco de palavras já reunidas no dicionário, a generalização de uma explicação para as irregularidades acentuais das paroxítonas terminadas em consoantes será mais ampla.

Para extrair nossos dados, utilizamos, como *corpus*, o dicionário Houaiss (2015); selecionamos todas as palavras paroxítonas terminadas por consoante, seguindo a ordem alfabética. O resultado dessa separação foi uma lista composta por 551 palavras paroxítonas irregulares. Essa quantidade de palavras representa aproximadamente 0,58% do total de palavras do dicionário. Além disso, se comparado aos 62% de palavras paroxítonas encontradas no dicionário, essas 551 palavras correspondem a 2,77% do total de palavras paroxítonas, que são as terminadas em consoantes, todas as outras são terminadas em vogais. Esses dados fortalecem o argumento de que essas palavras podem ser uma exceção à regra geral do acento do PB de acentuar, como oxítona, palavras terminadas em consoante.

4.1.1. Critérios de inclusão e exclusão de palavras

Inicialmente, incluímos, na lista criada, todas as palavras paroxítonas terminadas em consoantes; posteriormente, optamos por excluir alguns estrangeirismos presentes no dicionário Houaiss (2015), por exemplo, *e-banking*, *e-booking*, *designer*, *fax-modem*, *webdesigner*, *webmaster* e *weekend*. Desconsideramos, também, palavras pouco usuais, como *ágar*, *ágar-ágar*, *jângal* e *máuser* e algumas composições repetitivas, deixando apenas a palavra de origem, como *adenovírus*, *lentivírus*, *papilomavírus* (deixamos apenas a palavra *vírus*); *biocombustível* (*combustível*); *biodiesel* (*diesel*); *anticlímax* (*clímax*); *antimíssil* (*míssil*); *extrassensível*, *fotossensível* (*sensível*). Além disso, o nome próprio *Adônis* também foi excluído, somando um total de dezenove palavras descartadas²⁹.

4.1.2. Grupos de palavras e análise dos dados

Feita a lista de palavras paroxítonas irregulares, com a exclusão das palavras supracitadas, contabilizamos um total de 532 palavras paroxítonas irregulares. Ao analisar essas palavras, observamos que a maioria (278) eram palavras formadas de verbos + sufixo *-vel* formador de adjetivo, exemplo: *acessar* > *acessível*; *aconselhar* > *aconselhável*; *amar* > *amável*; *perdoar* > *imperdoável*. Além disso, encontramos 88 palavras formadas pelo sufixo *-agem*. Portanto, para buscar uma explicação para o acento irregular, resolvemos separar as palavras em três grupos: i) palavras formadas por verbo + sufixo *-vel*, que sempre se tornam paroxítonas irregulares; ii) palavras formadas pelo sufixo *-agem* e iii) demais palavras.

Paroxítonas terminadas em sufixo <i>-vel</i>	Paroxítonas terminadas em sufixo <i>-agem</i>	Demais paroxítonas	Total de palavras
278	88	166	532

Quadro 1: Relação das palavras paroxítonas selecionadas no dicionário Houaiss (2015)

²⁹ A escolha por desconsiderar essas palavras se justificou pelo fato de serem palavras de outras origens, que não latina, estrangeirismos e palavras formadas por composição.

Optamos por separar as palavras em dois grupos porque percebemos que a busca na diacronia delas seguiu dois caminhos diferentes. No grupo i), a origem do sufixo *-vel* nos deu uma explicação adequada para o acento irregular nessas palavras originadas de verbo + sufixo (*comestível; deplorável, falível, impensável, incansável, lamentável, palpável*); no grupo ii), a análise mais adequada se deu na busca da raiz latina dessas palavras para observar se houve deslocamento do acento (*cadáver, jovem, fútil, lápis, líder, projétil*). A lista de palavras paroxítonas irregulares pode ser consultada no Apêndice A.

Depois de separar as palavras em dois grupos, buscamos uma explicação diacrônica para as palavras do primeiro grupo – mais da metade das palavras. Para isso, procuramos criar uma generalização para a regra do acento dessas palavras que, ao que tudo indica, do ponto de vista diacrônico, não revelam irregularidade, pois apenas uma regra (a incapacidade do sufixo latino de portar acento, o que permanece no PB) é capaz de explicar todas as palavras desse grupo. O Grupo 2 parece indicar que a tão discutida irregularidade das paroxítonas terminadas em consoante não se faz presente, pois o acento tende a permanecer na mesma posição de sua língua de origem. Portanto, essas palavras entram como irregulares no PB, mas, do ponto de vista diacrônico, são regulares, por manterem a posição do acento da língua de origem.

4.2. Coleta e organização do *corpus* da sincronia do PB

A nossa metodologia sincrônica buscou analisar como o falante do PB atribui acento tônico às palavras dissílabas terminadas em consoantes. Nesse sentido, observando a existência de palavras dissílabas terminadas em consoantes acentuadas graficamente e não acentuadas graficamente (respectivamente, *fácil e jovem*) e, ainda, a existência, no PB, de cinco diferentes consoantes em final de sílaba (*L, M, R, S, X*), selecionamos oitenta palavras-alvo que foram divididas em quatro grupos: i) Grupo A – pseudopalavras não-acentuadas; ii) Grupo B – palavras- α não-acentuadas; iii) Grupo C – pseudopalavras acentuadas e iv) palavras- β , como se observa no Quadro 1.

A hipótese de que a consoante em final de sílaba no final da palavra confere peso à sílaba e, por isso, atrai o acento, justifica a seleção de todas as palavras-alvo terminadas em consoantes, sejam elas l, m, r, s ou x. O objetivo é analisar, por meio do teste de oitiva, como o falante acentua as palavras-alvo terminadas em sílaba pesada. As possibilidades são duas: o falante as acentua como paroxítonas, contrariando a hipótese, ou ele as acentua como oxítonas, confirmando a hipótese de que o PB possui a última sílaba

sensível ao peso silábico. Para o desenvolvimento do teste de oitiva, solicitamos que os participantes lessem a lista de palavras, sendo feita a gravação de cada uma das produções. Posteriormente, todas os registros foram ouvidos e analisamos a produção de cada um dos participantes, marcando a posição das sílabas acentuadas, última ou penúltima.

Como no PB temos tanto palavras acentuadas graficamente como palavras não acentuadas graficamente, optamos por incluir palavras marcadas com acento diacrítico para analisar se esse acento interfere na leitura do falante e, portanto, na atribuição de peso à sílaba. Além disso, alternamos as duas estruturas (CV.CVC e CVC.CVC) encontradas em palavras paroxítonas irregulares do PB para observarmos se a consoante no final da segunda sílaba, a contar da borda direita da palavra interfere no acento.

PALAVRAS-ALVO			
NÃO-ACENTUADAS		GRUPO A - PSEUDOPALAVRAS	GRUPO B - PALAVRAS-α
	Terminadas em L	4 palavras	4 palavras
	Terminadas em M	4 palavras	4 palavras
	Terminadas em R	4 palavras	4 palavras
	Terminadas em S	4 palavras	4 palavras
	Terminadas em X	4 palavras	4 palavras
ACENTUADAS		GRUPO C - PSEUDOPALAVRAS	PALAVRAS-β
	Terminadas em L	4 palavras	4 palavras
	Terminadas em M	4 palavras	4 palavras
	Terminadas em R	4 palavras	4 palavras
	Terminadas em S	4 palavras	4 palavras
	Terminadas em X	4 palavras	4 palavras

Quadro 2: Relação entre número de palavras e consoantes finais

Cada um dos quatro grupos de palavras-alvo somou um total de vinte palavras. Para cada uma dessas palavras, criamos duas palavras distratoras. As palavras distratoras foram incluídas para evitar que o participante perceba o padrão das palavras que estamos analisando. Dessa forma, somamos um total de 240 palavras (80 palavras-alvo e 160 palavras distratoras). Como as palavras-alvo são todas terminadas em consoantes, criamos as palavras distratoras terminadas pelas cinco vogais: *a, e, i, o, u*. De todo o modo, essas palavras serão descartadas.

A Fonologia de Laboratório, através de pesquisa experimental, permite obter estímulos de fala controlados. As palavras selecionadas para gravação foram inseridas em sentenças preservando o ritmo prosódico³⁰. Nesse sentido, procuramos evitar que ao falante fosse solicitado fazer a leitura de palavras isoladas, optando por incluir essas palavras em frases-veículos formadas por estruturas sintáticas idênticas: verbo + palavra-alvo + adjunto com quatro sílabas (*grito morbi todo dia/ falo morbi toda hora*).

Apresentamos, a cada um dos vinte participantes, 240 palavras, 80 palavras-alvo e 160 palavras distratoras; resultaram, portanto, para analisar como o falante da modalidade culta do PB acentua sincronicamente as palavras de duas sílabas terminadas em consoante, um total de 4.800 palavras. Desse total, 1.600 palavras, que são as palavras-alvo, foram descritas em termos de acento. As outras 3.200 palavras, que são as distratoras, foram descartadas.

Selecionamos para nosso teste vinte participantes com ensino superior completo. Esse recorte se justifica na tentativa de estabelecer uma descrição de como o acento é produzido por falantes escolarizados, ou seja, falantes que utilizam uma modalidade mais culta da língua. Os participantes foram selecionados na Universidade Federal de Uberlândia. Cada participante fez a leitura de 240 frases-veículos que foram apresentadas em folha A4, fonte Arial, tamanho 12, com cada frase disposta em uma linha, como num texto em verso. Como os participantes fizeram a leitura de uma grande quantidade de palavras, optamos por dar uma pausa de dez minutos quando eles estivessem na metade da leitura.

³⁰ Chamamos essas nossas sentenças de frases-veículos.

4.2.1. Grupo A – Pseudopalavras Não-Acentuadas

Para a elaboração do Grupo A, criamos vinte palavras-alvo, sendo dez com estrutura CV.CVC e dez com estrutura CVC.CVC. Cada uma das cinco consoantes finais contou com um total de quatro palavras, duas com cada uma das estruturas. Essas palavras foram chamadas de pseudopalavras, porque respeitam a estrutura fonotática da língua, mas não existem no léxico.

Além disso, para o Grupo A, optamos em não acentuar graficamente as palavras; dessa maneira, queríamos analisar como o participante acentuaria a palavra dissílaba terminada em consoante sem o auxílio do acento diacrítico. Nosso objetivo com esse grupo é analisar se o falante acentua pseudopalavras terminadas em consoantes como oxítonas, ou seja, se a consoante em final de sílaba em final de palavra confere peso à sílaba final e, por isso, atrai o acento tônico. As pseudopalavras criadas foram as seguintes:

(43)

Terminadas em L:

CV.CVC: *natil, fanel*

CVC.CVC: *larnel, lortil*

Terminadas em M:

CV.CVC: *famem mobim*

CVC.CVC: *tarlom, falbam*

Terminadas em R:

CV.CVC: *conir, nicor*

CVC.CVC: *nolcar, beltor*

Terminadas em S:

CV.CVC: *vules, namis*

CVC.CVC: *parlis, nerfes*

Terminadas em X:

CV.CVC: *fabix, lomax*

CVC.CVC: *tirbax, filnex*

4.2.2. Distratoras do Grupo A

Todas as variáveis observadas para a criação das pseudopalavras do Grupo A foram mantidas para a criação das pseudopalavras distratoras, com apenas duas divergências: i) as pseudopalavras distratoras são em número dobrado, e ii) as pseudopalavras distratoras são encerradas por vogal. Portanto, as quarenta pseudopalavras distratoras foram divididas em cinco grupos, cada grupo representa uma das vogais, em oposição às consoantes finais do grupo A. É importante ressaltar que as palavras distratoras serão descartadas e que analisamos apenas as palavras-alvo.

(44)

Terminadas em A:

CV.CV: *nala, maba, pota, boma*

CVC.CV: *nalca, molba, tilca, folpa*

Terminadas em E:

CV.CV: *rote, nole, mobe, lape*

CVC.CV: *falbe, tolte, perce, barle*

Terminadas em I:

CV.CV: *teli, nopi, fobi, cibi*

CVC.CV: *porli, marbi, vonti, nerti*

Terminadas em O:

CV.CV: *cono, balo, fibo, tono*

CVC.CV: *palbo, tarto, mirbo, tormo*

Terminadas em U:

CV.CV: *folu, boru, capu, fepu*

CVC.CV: *farbu, tancu, simpu, carnu*

4.2.3. Grupo B – Palavras α Não-Acentuadas

As palavras do Grupo B foram chamadas de palavras α , porque essas palavras existem no PB e são acentuadas graficamente. No entanto, retiramos o acento diacrítico dessas palavras para observar se o participante é influenciado pela ausência do acento diacrítico, ainda que ele já conheça aquela palavra da língua.

Além disso, como todas as palavras selecionadas para esse grupo são paroxítonas terminadas em consoantes e possuem acento diacrítico – ou seja, são irregulares do ponto de vista acentual –, poderemos analisar se a consoante final atrai o acento tônico em palavras previamente conhecidas pelo falante, mas que não possuem a marcação original do acento diacrítico. Temos, portanto, vinte palavras originariamente acentuadas, cujo acento diacrítico foi retirado:

(45)

Terminadas em L:

disel, futil

docil, fossil

Terminadas em M ou N (nasal):

eden, liquen

carmem, hifen

Terminadas em R:

boxer, eter

cancer, almiscar

Terminadas em S:

bilis, anus

planctons, menfis

Terminadas em X:

climax, latex

cortex, coccix

4.2.4. Distratoras do Grupo B

Assim como as pseudopalavras distratoras do Grupo A, todas as variáveis observadas para a criação das palavras α do Grupo B foram mantidas para a criação das palavras- α distratoras do Grupo B, com apenas duas divergências: i) as palavras- α distratoras são em número dobrado, e ii) as palavras- α distratoras são encerradas por vogal.

De todo o modo, o objetivo dos grupos de distratores é apenas dificultar para o falante a apreensão de qualquer padrão entre as palavras-alvo. Todas as palavras dos grupos de distratores serão descartadas posteriormente. As quarenta palavras- α distratoras foram divididas em cinco grupos, cada grupo representa uma das vogais, em oposição às consoantes finais do Grupo A:

(46)

Terminadas em A:

midia, legua, labia, giria

persia, nescia, hostia, cornea

Terminadas em E:

tenue, serie, icone, etipe

fluisse, fluiste, fruisse, fruiste

Terminadas em I:

taxi, cali, peni, juri

biquini, joquei, cauboi, caqui

Terminadas em O:

taro, agio, acido, ambito

analogo, exito, amago, merito

Terminadas em U:

ilheu, labeu, piteu, increu

guineu, beleleu, xexeu, arpeu;

4.2.5. Grupo C – Pseudopalavras Acentuadas com diacrítico

Para a elaboração do Grupo C de palavras, optamos por criar pseudopalavras portadoras de acento gráfico. O Grupo C seguirá todos os passos para a criação das palavras do Grupo A, mas, ao contrário desse, acentuará graficamente as pseudopalavras.

Inserimos o acento gráfico na segunda sílaba a contar da borda direita da palavra para tentar assinalar o acento tônico paroxítono. Como essas palavras serão encerradas por consoantes, queríamos analisar se o falante seria guiado pelo acento diacrítico para acentuar essas pseudopalavras. Ou seja, pretenderíamos observar se a consoante final em

inaudível	indecomponível
inegável	indefectível
incabível	indelével
incalculável	indescritível
incansável	indesculpável
incensurável	indesejável
incoercível	indestrutível
incognoscível	indevassável
incombustível	indiscutível
incomensurável	indispensável
incomparável	indissolúvel
incompatível	indivisível
incompreensível	indizível
incomunicável	indubitável
incomutável	inefável
inconcebível	inegável
inconciliável	inelegível
inconfessável	inelutável
inconfundível	inenarrável
inconjugável	inesgotável
inconsolável	inesquecível
incontável	inestimável
incontestável	inevitável
incontrolável	inexorável
inconvertível	inexplicável
incorrigível	inexpressável
inocorrível	inexprimível
incriticável	inexpurgável
incrível	inextinguível
inculpável	inextricável
incultivável	infalível
incurável	infatigável
indecifrável	inflamável
indeclinável	inflexível

uma palavra nova atrai o acento do falante, ainda que a palavra fosse marcada como paroxítone pelo acento diacrítico. Se a constatação for verdadeira, teremos um forte indício de que o português possui a última sílaba da palavra sensível ao peso silábico.

(47)

Terminadas em L:

CV.CVC: *fómal, pábil*

CVC.CVC: *córpil, fármol*

Terminadas em M ou N (nasal):

CV.CVC: *cátem, fílem*

CVC.CVC: *tórven, sérmim*

Terminadas em R:

CV.CVC: *tófar, lépor*

CVC.CVC: *cálpár, dílfer*

Terminadas em S:

CV.CVC: *fímis, tárus*

CVC.CVC: *pórtis, várgos*

Terminadas em X:

CV.CVC: *lágex, mínux*

CVC.CV: *bérfix, léstix*

4.2.6. Distratoras do Grupo C

Todas as variáveis observadas para a criação das pseudopalavras do Grupo C foram mantidas para a criação das pseudopalavras distratoras, com apenas duas divergências: i) as pseudopalavras distratoras são em número dobrado, e ii) as pseudopalavras distratoras são encerradas por vogal. Portanto, as quarenta pseudopalavras distratoras foram divididas em cinco grupos. É importante lembrar que as palavras distratoras serão todas descartadas.

(48)

Terminadas em A:

CV.CV: *páfa, táfa, líca, fúpa*

CVC.CV: *cámfa, nínca, lórpa, fárga*

Terminadas em E:

CV.CV: *táfe, gáve, díve, fúpe*

CVC.CV: *férne, pólfе, rénfе, filte*

Terminadas em I:

CV.CV: *máli, tóli, gúmi, rápi*

CVC.CV: *mólci, fóрпи, bélfі, várpi*

Terminadas em O:

CV.CV: *fápo, tíbo, gépo, búdo*

CVC.CV: *férго, mísро, tárto, bélso*

Terminadas em U:

CV.CV: *rápu, tímu, télu, gáxu*

CVC.CV: *rirtu, pórlu, vísfu, vúrpu*

4.2.7. Grupo D – Palavras β Não-Acentuadas

Chamamos as palavras do Grupo D de palavras β , porque elas existem na língua portuguesa e não são acentuadas graficamente. No entanto, nós acentuamos essas palavras com acento diacrítico para observar como o falante pronuncia palavras oxítonas terminadas em consoantes conhecidas por ele, mas que foram marcadas com o acento diacrítico na sílaba anterior. A nossa pergunta, portanto, é: qual o papel do diacrítico na penúltima sílaba em palavras frequentes e oxítonas?

Como todas as palavras desse grupo terminam em consoante e a regra geral do PB é acentuar palavras terminadas em consoante como oxítonas, inserimos o acento diacrítico na posição paroxítona para observar se, mesmo conhecendo a palavra, o falante ignora a consoante final e acentua a palavra como paroxítona, de acordo com o acento diacrítico. Caso essa hipótese se confirme, será um indício de que o falante se atenta mais

com o acento diacrítico para acentuar tonicamente as palavras do que com a consoante em posição final de sílaba em final de palavra.

(49)

Terminadas em L:

vógal, vítal

vérbal, póstal

Terminadas em M:

fútum, fúcim

árbim, bélem

Terminadas em R:

dúrar, déver

díspor, díscar

Terminadas em S:

sófas, cáfes

cômpos, míssos

Terminadas em X:

bótox, pírex

vértex, fórnix

4.2.8. Distratoras do Grupo D

Todas as variáveis observadas para a criação das palavras β do Grupo D foram mantidas para a criação das palavras β distratoras do Grupo D, com apenas duas divergências: i) as palavras α distratoras são em número dobrado, e ii) as palavras- α distratoras são encerradas por vogal.

Como foram adicionados acentos diacríticos para as palavras-alvo do Grupo D, mantivemos o acréscimo do acento diacrítico para evitar que o falante perceba o padrão e o critério de criação das palavras. Nos casos em que foi impossível encontrar palavras oxítonas com a configuração desejada, optamos por selecionar palavras paroxítonas menos usuais na língua. Portanto, quarenta palavras β distratoras foram divididas em cinco grupos, cada grupo representa uma das vogais, em oposição às consoantes finais do Grupo D:

(50)

Terminadas em A:

*sófa, cája, xára, séra**gámba, cárta, pórtta, tórta*

Terminadas em E:

*máne, chúle, chále, bíde**párte, márte, tárde, mórte*

Terminadas em I:

*pêri, fáli, pêdi, gúri**márli, pérdi, mórri, násci*

Terminadas em O:

*jílo, vóvo, mílho, filho**tánto, mánto, cánto, dánço*

Terminadas em U:

*gúru, tábu, mênú, tátu**bámbu, ángu, xámpu, índu*

4.2.9. Alocação das Palavras em Frases-Veículos

Para simular com mais eficácia a fala espontânea do participante, criamos frases padronizadas para alocarmos as pseudopalavras. Dessa forma, acreditamos que os dados coletados se tornaram mais confiáveis no que diz respeito a espontaneidade. As frases criadas obedeceram a estrutura “verbo com duas sílabas + pseudopalavra + adjunto com quatro sílabas”, como nos exemplos abaixo:

(51)

- a) *Grito* (verbo de duas sílabas)+ *marbi* (pseudopalavra)+ *todo dia* (adjunto com quatro sílabas).
- b) *grito* (verbo de duas sílabas)+ *forpibil* (pseudopalavra)+ *calmamente* (adjunto com quatro sílabas).

- c) *diga* (verbo de duas sílabas)+ *pabernax* (pseudopalavra)+ *para ele* (adjunto com quatro sílabas).
- d) *Falo* (verbo de duas sílabas)+ *nerfes* (pseudopalavra)+ *toda hora* (adjunto com quatro sílabas).

Depois de alocarmos as palavras dentro das frases, obtivemos uma lista com 240 frases de mesma estrutura e organizadas de acordo com a ordem de criação dos grupos: A, B, C e D. No entanto, para evitarmos a ordem das palavras e não permitir que o falante percebesse o padrão, utilizamos o site *Browserling*. Esse site é de uso simples, apenas copiamos as frases para o site em ordem e selecionamos a opção *Randomize Lines!*, que misturou, aleatoriamente, todas as 240 frases criadas.

4.2.10. Apresentação das pseudopalavras e leitura dos participantes

As 240 frases randomizadas foram sendo apresentadas aos participantes, em folha A4, fonte Arial, tamanho 12, para serem lidas. Para gravá-los, utilizamos um gravador profissional TASCAM portátil e digital. Esse gravador é de utilização prática e cria um arquivo de áudio em formato .wav ou .mp3, além de possuir microfones de alta qualidade, o que está relacionado diretamente à qualidade do áudio.

Após a gravação de todos os dados dos grupos, ouvimos os áudios de cada participante e selecionamos as palavras que nos interessam, ou seja, as oitenta palavras-alvo. Conforme fomos ouvindo a leitura dessas palavras, criamos uma grade métrica para cada uma delas, de acordo com a Teoria Métrica-Paramétrica, de Hayes (1995), para marcar em qual sílaba o participante produziu o acento e, assim, constatarmos se o português é sensível ao peso da última sílaba. O texto apresentado aos participantes, randomizado, segue abaixo. Cada participante fez a leitura integral de todo o texto.

(52)

grita jílo toda hora	grita fápo duas vezes
grita boxer toda hora	grite fúpe toda hora
digo tilca para ela	digo xára para ela
digo amago toda hora	grita agio toda hora
grita lágex para ela	digo máne toda hora
grite cali duas vezes	grite pêdi calmamente
digo molba toda hora	digo nínca para ela

grita exito duas vezes
 diga tolte toda hora
 grita éter calmamente
 digo taro toda hora
 digo acido calmamente
 grita joquei para ela
 grite tárto duas vezes
 diga gúmi toda hora
 diga táfe toda hora
 grita míssos para ela
 diga bélfí duas vezes
 grite mínux toda hora
 diga cauboi calmamente
 grita nerfes para ela
 digo várgos para ela
 grita dúrar duas vezes
 grite carmem para ela
 grita fluiste calmamente
 digo parlis toda hora
 diga farbu calmamente
 grita pólfé duas vezes
 digo cánfa toda hora
 grite teli para ela
 grita folpa calmamente
 diga bélem duas vezes
 digo míspo toda hora
 grite tarto calmamente
 grita palbo para ela
 digo anus duas vezes
 diga piteu, toda hora
 grita simpu calmamente
 grite nerti toda hora
 diga conir, para ela
 grita sófa duas vezes

digo gúru calmamente
 grite liquen toda hora
 grita midia calmamente
 diga lórpa duas vezes
 grite séra toda hora
 grita várpi para ela
 digo dílfér calmamente
 grita fibo duas vezes
 grita díve calmamente
 grite vértex para ela
 diga larnel duas vezes
 grita rénfé toda hora
 digo falbe calmamente
 grita máli duas vezes
 diga postal para ela
 grite tímu toda hora
 grita cômpos duas vezes
 digo tábu calmamente
 grita legua duas vezes
 grite márte toda hora
 diga cálpar calmamente
 grita pórlu toda hora
 digo tíbo calmamente
 grita vísfu para ela
 grita táfa duas vezes
 grita vonti para ela
 grite márli toda hora
 digo folu para ela
 grita maba calmamente
 diga sérmim toda hora
 grita tarlom calmamente
 digo nalca duas vezes
 grita persia para ela
 diga mánto toda hora

digo famem para ela	digo bótox duas vezes
grita hífen duas vezes	grita tárde para ela
digo bilis toda hora	diga tórven calmamente
grita fúcim calmamente	digo páрте toda hora
grite rírtu calmamente	digo cono duas vezes
diga tánto para ela	grita taxi calmamente
diga mílho duas vezes	grite mórrí toda hora
grita gáxu para ela	grita fímis para ela
grite pêri toda hora	digo bérfix duas vezes
diga cátem calmamente	grita filho toda hora
grita bámbu calmamente	grita xámpu toda hora
digo tirbax toda horav	digo caqui para ela
grita gúri toda hora	grite hostia duas vezes
diga serie para ela	digo vóvo para ela
diga cárla toda hora	diga incre toda hora
grita docil duas vezes	grita fútum calmamente
digo porli toda hora	grite giria toda hora
diga tancu para ela	diga etipe duas vezes
grite nole toda hora	

4.3 Metodologia Estatística

Tendo em vista que buscamos descobrir os possíveis fatores que afetam o modo de leitura dos participantes, estimamos uma regressão logística para verificarmos, com mais detalhes, os resultados encontrados com base em nossa amostra. Além disso, tal procedimento foi capaz de demonstrar a confiabilidade nesses corolários obtidos.

Como nosso objetivo foi analisar os determinantes do modo de leitura, a variável dependente “y” pode assumir o valor 0 ou 1 – zero quando oxítone ou um quando paroxítone – logo, tratou-se de uma variável binária. Portanto, a justificativa pelo uso da regressão logística é exatamente o fato de que nossa variável dependente não é uma variável contínua. Quando trabalhamos com uma variável dependente binária, a função de regressão é a probabilidade dessa variável ser igual a 1, dado “x”. Ou seja, buscamos saber qual o efeito das variáveis explicativas “ x_n ” sobre a probabilidade de y ser igual a 1, isto é, $P(y=1|x)$. Neste caso, o coeficiente “ β_n ” da regressão mede a variação na

probabilidade de que o “y” seja igual a 1; um coeficiente positivo indica aumento de probabilidade, já o negativo indica redução dessa (Hosmer e Lemeshow,1989).

Matematicamente, temos:

$$P(y=1|x) = 1/1+e^{-g(x)} \quad (1)$$

Onde,

$$g(x) = (\beta_0 + x_1 \beta_1 + \beta_2 x_2 + \beta_3 x_3 + \dots x_n) \quad (2).$$

Desse modo, quando a função $g(x)$ tende ao infinito pelo lado direito, a probabilidade de y ser igual a 1 tende a 1. Isto é:

$$G(x) \rightarrow +\infty, \text{ então } P(y=1) \rightarrow 1.$$

Caso contrário, quando a função $g(x)$ tende ao infinito pela esquerda, a probabilidade de y ser igual a 1 tende a 0. Ou seja:

$$G(x) \rightarrow -\infty, \text{ então } P(y=1) \rightarrow 0.$$

Graficamente, temos:

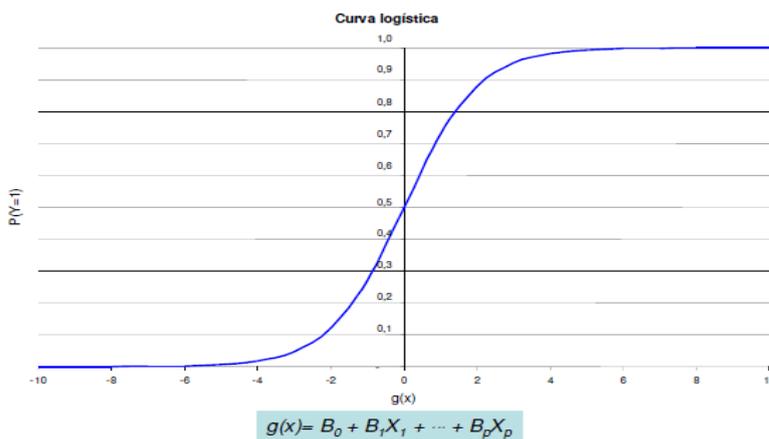


Gráfico 1: Regressão Logística

Nossas variáveis independentes correspondem ao número de palavras lidas como paroxítonas ou oxítonas, podendo assumir valores entre 1 e 4, isto é, esse intervalo entre 1 e 4 correspondem as possibilidades de leituras que os participantes podem efetuar, portanto, tratam-se de variáveis contínuas. Desse modo, tem-se que um participante pode processar 2 palavras como oxítonas e 2 como paroxítonas, do mesmo modo, outro participante pode processar 1 palavra como oxítone e 3 como paroxítonas, além das outras possibilidades que podemos supor.

Assim, nossas variáveis independentes são os grupos de palavras que foram apresentados anteriormente. Dessa maneira, além de “ x_n ” reportar os valores observados em cada grupo – A, B, C e D –, capta, também, as informações apresentadas nas tabelas

referentes às terminações de consoantes. Logo, nosso modelo estimado pode ser representado por:

$$P(\text{leitura}=1|x) = 1/1 + \exp^{-(\beta_0 + \beta_1 x_1 + \beta_2 x_2 + \beta_3 x_3 + \beta_4 x_4)} \quad (3)$$

Onde:

x_1 = grupo A

x_3 = grupo C

x_2 = grupo B

x_4 = grupo D

Crítérios de inclusão dos participantes: A criação do recorte para a seleção dos participantes do Grupo A atendeu aos seguintes critérios: INCLUSÃO a) ter mais de 18 anos de idade; b) possuir ensino superior completo.

Crítérios de exclusão dos participantes: A criação do recorte para a seleção dos participantes atendeu aos seguintes critérios: EXCLUSÃO a) ter menos de 18 anos de idade; b) não possuir ensino superior completo.

Riscos: Devemos ressaltar que de acordo com a resolução 466/12, qualquer pesquisa oferece riscos ao participante. O risco mínimo é o de identificação do participante. Para tentar suprimir tais riscos, os participantes não tiveram a sua identidade revelada em nenhum momento. Cada participante recebeu um código aleatório, apenas para identificar uma realização de um determinado participante e não de outro. Além disso, o participante não será identificado quando o material de registro for utilizado para propósitos de publicação científica ou educativa e isso foi informado ao participante. Cada participante recebeu um código que em nada está relacionado com sua identidade. Para minimizar os riscos de identificação, codificamos o título de cada gravação com números, para evitar o uso do nome dos participantes; (ex.: participante 001, participante 002 etc).

Orçamento: o gasto para custeio da pesquisa foi apenas para xerox; portanto, utilizamos R\$ 20,00 para desenvolver nossa metodologia.

A seguir, apresentamos cada um dos quatro grupos de palavras-alvo, explicitando como cada uma foi criada e/ou apenas selecionada e modificada a partir de uma palavra existente na língua.

5. ANÁLISE DIACRÔNICA DOS DADOS

5.1. Grupo 1: Sufixo *-vel*

O *corpus* colhido no dicionário Houaiss (2015) constou de um total de 551 palavras paroxítonas irregulares. Desse total, excluímos dezenove palavras, restando 532 palavras. Optamos por dividir essas palavras em três grupos, como demonstrado na metodologia: i) palavras terminadas pelo sufixo *-vel*; ii) palavras terminadas pelo sufixo *-agem* e iii) demais palavras. As palavras do primeiro grupo somam um total de 278 palavras paroxítonas irregulares terminadas pelo sufixo *-vel*, o que representa, aproximadamente, 52,25% do total de palavras paroxítonas irregulares colhidas no dicionário.

A	confiável
abominável	confortável
acessível	considerável
aconselhável	conversível
admirável	crível
admissível	culpável
adorável	comestível
afável	corresponsável
agradável	corruptível
amável	D
amigável	dedilhável
amorável	defensável
amovível	deplorável
aprazível	desagradável
apresentável	descartável
B	desejável
biodegradável	desfavorável
C	desnível
cabível	desprezível
coercível	dirigível
cognoscível	descartável
compatível	detestável
compreensível	divisível

durável

E

elegível

estável

execrável

F

falível

favorável

flexível

fungível

fusível

H

horrível

I

ilegível

imarcescível

imbatível

imemorável

imensurável

imiscível

imóvel

impagável

impossível

impecável

impenetrável

impensável

imperceptível

imperdível

imperdoável

imperecível

inexequível

infindável

injustificável

interminável

impermeável

imperscrutável

imperturbável

implacável

imponderável

impossível

impostergável

impraticável

imprescindível

imprescritível

imprestável

impreterível

imprevisível

improferível

improvável

imutável

inabalável

inabitável

inaceitável

inacessível

inacreditável

inadiável

inadmissível

inafiançável

inalienável

inalterável

inapelável

inaplicável

inapreensível

inaproveitável

inarrável

inarredável

inatacável

inatingível

infusível	intransponível
inigualável	intratável
iniludível	inumerável
inimaginável	invencível
inimitável	invendável
ininteligível	invendível
injetável	inviável
inolvidável	inviolável
inominável	invisível
inoxidável	irascível
inqualificável	irrealizável
inquebrantável	irreconciliável
inquestionável	irreconhecível
insaciável	irrecuperável
insanável	irrecusável
insensível	irreduzível
insaciável	irreduzível
insofismável	irrefutável
insolúvel	irremediável
insondável	irreparável
insopitável	irrepreensível
instável	irresistível
insubstituível	irresponsável
insuperável	irretorquível
insuportável	irreversível
insustentável	irrevogável
intangível	J
intocável	justificável
intolerável	L
intraduzível	lamentável
intragável	lastimável
intransferível	legível
intransitável	M
intransmissível	maleável

miscível	reversível
miserável	S
móvel	saudável
N	sensível
notável	sociável
P	solúvel
palpável	sugestionável
passável	sustentável
possível	sofrível
perecível	solúvel
perfectível	solvável
possível	supersensível
potável	T
previsível	tangível
praticável	temível
provável	tolerável
R	transitável
razoável	transmissível
reciclável	terrível
realizável	tratável
reprovável	V
rentável	viável
respeitável	volúvel
responsável	vulnerável

A origem do sufixo *-vel* oferece-nos pistas para explicar o motivo de o acento, nas paroxítonas terminadas por consoante L, ter sido alocado como paroxítono e não como oxítono, que é o padrão regular do PB. Segundo Saraiva (1993), esse sufixo tem origem no sufixo latino *-bilis*, *e*: “passível de”, mais raramente “agente de” algo indicado pelo radical, que de regra é verbal; exemplo, *abominabilis*, *horribilis*, *spectabilis*, *immutabilis*, *commendabilis*.

No Latim Clássico, em palavras com mais de duas sílabas, a primeira sílaba a contar da borda direita da palavra é extramétrica, ou seja, essa sílaba é invisível para a

aplicação da regra de acento. Para analisarmos o acento dessas palavras, é necessário retomarmos a regra de acento do Latim Clássico. Essa regra é determinada pela duração da penúltima sílaba, i) acentue a penúltima sílaba se ela for pesada; ii) do contrário, acentue a sílaba anterior.

Os parâmetros para a aplicação do acento, segundo a Fonologia Métrica, de Hayes (1995) são:

(53)

Tipo de pé: Troqueu mórico;

Direção da escansão: direita para a esquerda

Construção do pé: não-iterativa

Extrametricidade: sílaba final

Regra final: à direita

(54)

(x)	(x)	(x) RF
(x)	(x)	(x)
<i>abominabi<lis></i>	<i>horribi<lis></i>	<i>spectabi<lis></i>

Como se pode perceber, como a última sílaba *-lis* é extramétrica e a penúltima sílaba *-bi-* é leve, o acento só pode se alojar na sílaba anterior, caracterizando todas essas palavras como proparoxítonas.

O sufixo latino *-bīlis* chega ao português como *-vel*. Segundo o dicionário eletrônico Houaiss (2015), em Camões, observava-se a forma *-bil*, sendo, portanto, uma forma intermediária entre o Latim Clássico e o PB: *possibil*, *inexpugnabil*, *imóbil*, *insensibil*, *insufribil*, *instábil*, *invencibil*, *invisibil*, *insufribil*, *instábil*, *invencibil*, *invisibil*, *terribil*, *vendibil*, *volúbil*; mas encontrava também a variação *-vel*: *notável*, *memoráveis*. Dessa forma, temos as formas *-bīlis* > *-bil* > *-vel*.

É importante destacar que a estrutura desse sufixo passou por uma mudança importante, o apagamento do *i* e do *s* finais. Com esse apagamento, a consoante *l* fica sem sílaba para se fixar. Por isso, ela deixa de ser *onset* da última sílaba e passa a ser *coda* da sílaba anterior. Desse modo, a sílaba *-lis* da forma latina deixa de existir e a sílaba *-bi*, antes leve, passa a *-bil*, ou seja, uma sílaba pesada. A representação dessa mudança está nas figuras a seguir, segundo modelo silábico de Selkirk (1982):

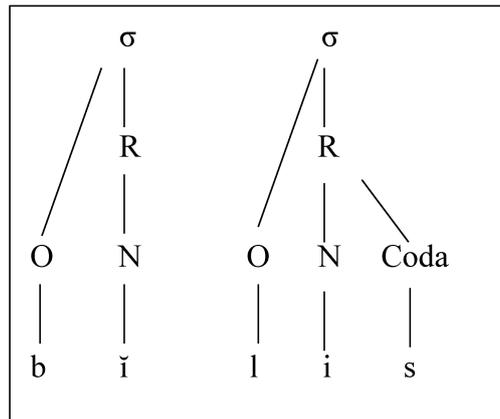


Figura 15: Representação silábica da palavra “*bīlis*”

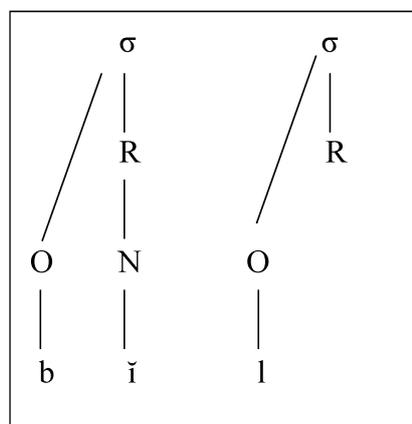


Figura 16: Apagamento do *is* final na palavra “*bīlis*”

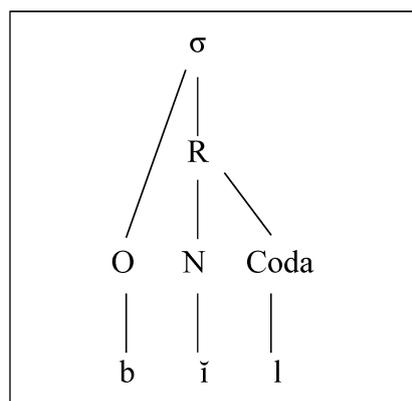


Figura 17: Associação do *l* como coda da sílaba anterior

Posteriormente, há outra mudança no sufixo *-bil*, o *b* passa a *v*, e o *i* passa a *e*; portanto, temos *-bil* > *-vel*. A impossibilidade do sufixo *-bīlis* de receber acento permanece a mesma, tanto em Camões, com as formas *possibil*, *inexpugnabil*, *imóbil* etc., quanto no PB, com as formas *insuperável*, *insubstituível*, *irreparável* etc. Assim, a regra do acento do Latim Clássico, que impede que o sufixo *-bīlis* receba acento, continuou

atuando, tanto sobre as formas *-bil*, constatada em Camões, quando em *-vel*, presentes no PB.

Podemos afirmar, portanto, que os radicais latinos que recebiam o sufixo *-bīlis* entravam regularmente na regra de acento do Latim Clássico. No entanto, ao passar para as formas do Português Arcaico e do PB, o sufixo latino mantém sua impossibilidade de ser acentuado, produzindo palavras “irregulares” para o sistema do PB, que tende a acentuar palavras terminadas em consoantes como oxítonas, caracterizando o português como sensível ao peso silábico.

Assim, essas palavras paroxítonas terminadas em consoantes, chamadas “irregulares” pela literatura, não apresentam irregularidade do ponto de vista diacrônico, mas, sim, regularidade, que pode ser expressa pela regra:

(55)

i) em palavras terminadas pelo sufixo *-vel*, construa um troqueu silábico da direita para a esquerda.

Essa regra faz uma mudança no tipo de pé presente nas palavras formadas por esse sufixo. Em Latim Clássico, construía-se um troqueu mórico da direita para a esquerda, no PB, constrói-se um troqueu silábico, também da direita para a esquerda; a regra final é à direita e a construção dos pés é não-iterativa:

(56)

Latim Clássico	>	Português Brasileiro
(x)		(x) RF
(x)		(x .)
pen.si.bi.lis	>	pên. Sil
(troqueu mórico)		(troqueu silábico)

Latim Clássico	>	Português Brasileiro
(x)		(x) RF
(x)		(x .)
a.ma.bi.lis	>	a.má.vel
(troqueu mórico)		(troqueu silábico)

Por fim, acreditamos que a classificação como irregulares, no PB, das palavras paroxítonas terminadas pelo sufixo *-vel* não está de acordo com a sua natureza. O PB fez a manutenção da regra de acento do Latim Clássico, que não permitia acentuar esse

sufixo. Essa regra permaneceu presente no português, verificado já em Camões, como consta no dicionário eletrônico Houaiss (2015). Portanto, não há irregularidade, visto que a regra de acento dessas palavras, verificadas desde o Latim Clássico, permanece a mesma.

O que houve, conforme se comprova diacronicamente, utilizando os modelos fonológicos, foi a perda de material segmental e a consequente reestruturação interna da sílaba. O acento, contudo, permanece na mesma sílaba de origem, embora não mais na mesma posição. Logo, a diacronia coloca em xeque a propagada irregularidade. Na próxima seção, fazemos uma pré-análise das palavras do grupo ii), que são aquelas consideradas paroxítonas irregulares e que terminam com o sufixo *-agem*.

5.2. Grupo 2: Sufixo *-agem*

O sufixo *-agem* é apresentado por Cunha e Cintra (2001) como sufixos nominais que formam substantivos de outros substantivos:

SUFIXO	SENTIDO	EXEMPLIFICAÇÃO
<i>-agem</i>	a) noção coletiva b) ato ou estado	folhagem, plumagem, aprendizagem.

No nosso *corpus*, encontramos 88 palavras formadas por esse sufixo, somando um total de 15,9% do total de 553 palavras³¹;

A	beberagem
amostragem	C
amperagem	cabritagem
aniagem	camaradagem
aquaplanagem	carceragem
aragem	carruagem
B –	cartolagem
babugem	chantagem
bagagem	ciclagem
bandagem	D
bandidagem	defasagem

³¹ Esta lista de palavras não é exaustiva, dada a alta produtividade do sufixo *-agem* na língua

desvantagem

discagem

dosagem

drenagem

dublagem

E

embalagem

enfermagem

engrenagem

equipagem

esmaltagem

estampagem

F

ferragem

ferrugem

fotomontagem

frenagem

friagem

fuligem

G

garimpagem

gatunagem

granfinagem

grilagem

H

homenagem

I

imagem

J

jardinagem

L

lambujem

lanternagem

lavagem

linguagem

linhagem

listagem

M

malandragem

maquiagem

maquilagem

massagem

mestiçagem

metragem

micagem

milhagem

O

octanagem

P

padronagem

paisagem

passagem

pastagem

pelagem

personagem

pesagem

pilantragem

R

reciclagem

reportagem

rodagem

rolagem

roupagem

S

sabotagem

salsugem

selvagem

silagem

sondagem	V
T	vadiagem
tapagem	vagabundagem
tatuagem	vantagem
tavolagem	voragem
trucagem	vassalagem
tubagem	voltagem
tonelagem	voragem
tropagem	

O sufixo *-agem*, como demonstrado no trabalho de Gonçalves (2012), pode ter diferentes origens, dependendo de cada uma das palavras que se vai analisar. Esse sufixo pode ter vindo: i) do sufixo francês formador de substantivo; ii) da terminação latina *go/ginis* ou do iii) aportuguesamento com outros sentidos. A palavra *linhagem*, por exemplo, é considerada a palavra mais antiga da língua portuguesa terminada pelo sufixo *-agem*. O dicionário Houaiss (2015) data essa palavra como sendo do ano de 1188 e que tem como significado “série de gerações; linha de parentesco; genealogia, estirpe”. A diacronia dessa palavra pode mostrar o sufixo *-agem* advindo do francês, como em i).

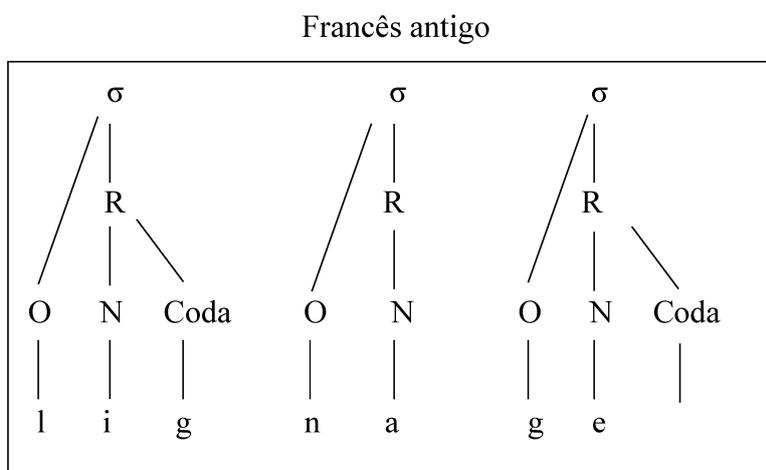
O dicionário atesta, ainda, a origem da palavra *linhagem* como sendo do francês antigo *lignage*, formada a partir de *ligne* + *-age*. O *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua* acrescenta que *lignage* é proveniente do antigo provençal *linhatge*. O importante a se observar aqui é o fato de que, sendo *linhagem* a palavra mais antiga da língua portuguesa terminada pelo sufixo *-agem*, como consta em Gonçalves (2012), se retomarmos sua origem no francês antigo *lignage* ou até mesmo no antigo provençal, perceberemos que não consta na origem dessa palavra a consoante nasal *m* na posição de coda silábica da sílaba final.

O fato é que o acento da palavra *linhagem* permanece na mesma posição da língua de origem, no caso o francês antigo *lignage*:

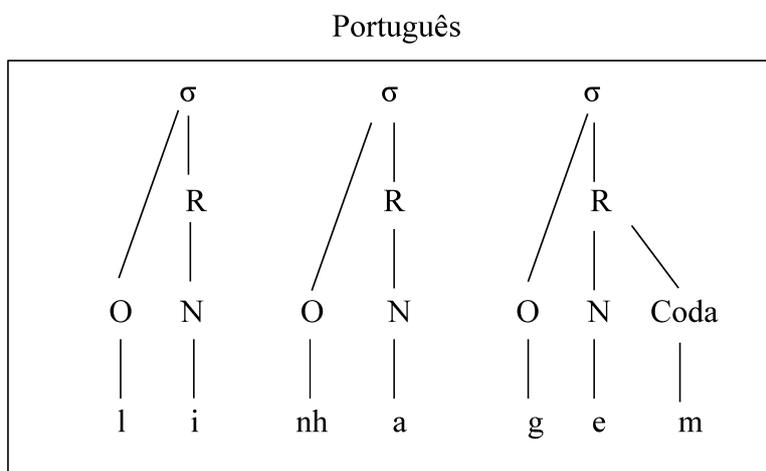
(57)

Antigo Provençal	Francês antigo	Português
x	x	x
x x x	x x x	x x x
<i>linhatge</i>	<i>lignage</i>	<i>linhagem</i>

A mudança dessa palavra se deu, portanto, no acréscimo do segmento final *m* em posição de coda na sílaba final na passagem para o português:



A partir do esquema arbóreo da palavra do francês antigo *lignage*, podemos observar que a sílaba final possui núcleo – elemento obrigatório da sílaba – e tem sua posição de coda não preenchida. Essa posição de coda vazia será preenchida, na passagem para o português, com a consoante nasal *m*, de acordo com a figura 19:



Portanto, o que podemos perceber é que grande parte das palavras terminadas pelo sufixo *-agem* segue a mesma regra da palavra “linhagem”, ou seja, possui o acento alocado na mesma sílaba da palavra de origem, mas adiciona uma consoante nasal na posição de coda da sílaba final. Um argumento para essa adição do segmento nasal pode

estar na assimilação com diversas outras palavras, como a palavra *imagem*. Esta, por sua vez, tem origem no Latim *imago*, como apresentado em ii).

Na evolução de *imago* > *imagem*, podemos perceber o mesmo argumento para a evolução de *lignage* > *linhagem*, embora tenhamos diferentes origens para cada uma dessas palavras. Em ambos os casos, o acento tônico permaneceu na mesma posição da língua de origem. O que aconteceu nessas palavras foi o acréscimo de material segmental (consoante nasal) na posição de coda da sílaba final.

Permanência do acento na mesma sílaba da língua de origem:

(58)

x	x
x x x	x x x
<i>imago</i>	<i>imagem</i>

A segunda marcação na grade das palavras acima marca a sílaba acentuada; tanto a forma latina, como a forma do português, possui a sílaba *ma* acentuada. Na figura 20, representamos a mudança silábica:

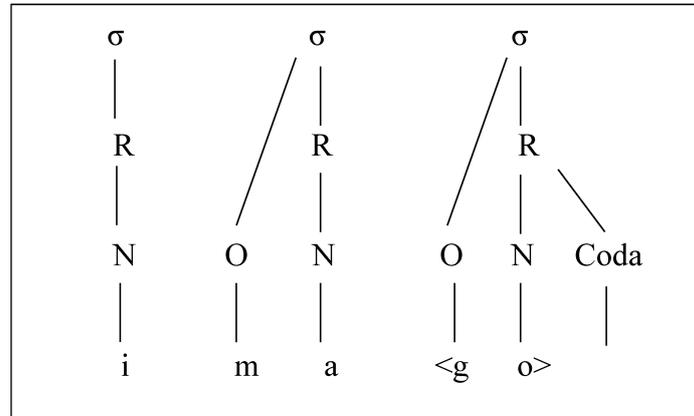


Figura 20: Posição de coda da sílaba final vazia no Latim Clássico (*imago*)

Os colchetes angulados na sílaba *go* indicam que a última sílaba no Latim Clássico era extramétrica. Nesse sentido, essa sílaba não interfere na atribuição do acento latino, que não possuía palavras oxítonas.

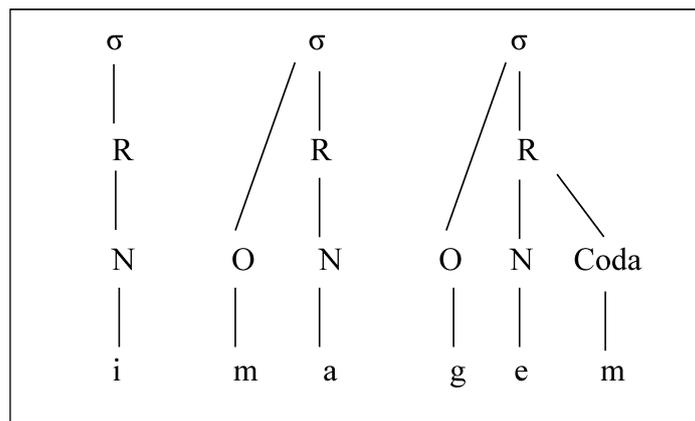


Figura 21: Posição de coda preenchida no Português Brasileiro (imagem)

Acreditamos que esses fatos diacrônicos revelam que essas palavras encerradas pelo sufixo *-agem* não são irregulares na sua forma de origem. Além disso, não há deslocamento do acento na passagem dessas palavras para o português, nem no caso do sufixo *-agem* da palavra *linhagem*, que tem origem francesa e nem no caso de *imagem*, que tem origem latina em *imago*.

O acento nessas palavras permaneceu na mesma posição. A mudança que ocorreu nesses vocábulos, portanto, não está relacionada à alteração na alocação do acento, mas no acréscimo de material segmental na posição de coda da sílaba final da palavra, como visto nos exemplos acima. A postulada irregularidade acentual para essas palavras não se sustenta diacronicamente, pois o acento permanece na mesma sílaba de origem.

As descrições do acento e da estruturação silábica das palavras *linhagem* – origem i) e *imagem* – origem; ii) generalizam a explicação para o grupo de palavras selecionado no dicionário Houaiss (2015) encerradas com o sufixo *-agem*, como em: *bagagem* < do francês *bagage*; *chantagem* < do francês *chantage*; *dublagem* < do francês *doublage*; *maquiagem* < do francês *maquillage*; *vantagem* < do francês *avantage*. A lista com as palavras terminadas com o sufixo *-agem* contém um total de 88 palavras, que podem ser consultadas no Apêndice A.

5.3. Grupo 3: Demais palavras

Do total de 532, 166 palavras são paroxítonas terminadas em consoantes que não são formadas com o sufixo *-vel* nem pelo sufixo *-agem*; essas palavras somaram

aproximadamente 31,20% do total. Alguns exemplos de palavras extraídas do dicionário estão abaixo:

A	Gospel	Pênis
Açúcar	Glúten	Q
Ágil	Grátis	Quórum
Álbum	L	R
B	Lápis	Repórter
Bílis	Lavagem	Revólver
C	M	S
Cadáver	Mártir	Sêmen
Câncer	Margem	T
Cônsul	N	Tênis
D	Nível	Têxtil
Débil	Níquel	Túnel
Difícil	O	V
F	Ordem	Vênus
Fácil	Ontem	Versátil
Frágil	P	Virgem
Fútil	Pajem	
G	Pires	

Observamos, nas palavras selecionadas, que em praticamente todos os casos o acento tônico do PB permanece na mesma posição que ocupava no Latim Clássico; os exemplos em 59 mostram a forma no PB e, depois, no LC:

(59)

Português brasileiro	<	Latim Clássico
<i>Cadáver</i>		<i>Cadāver</i>
<i>Córtex</i>		<i>Cortex</i>
<i>Débil</i>		<i>Debilitas, de DEBILIS, de DE- “fora”+ BILIS “força”</i>
<i>Difícil</i>		<i>Difficultas, de Difficilis, de DIS+FACILIS</i>
<i>Fêmur</i>		<i>Femur “coxa”</i>
<i>Fútil</i>		<i>Futilis</i>
<i>Glúten</i>		<i>Gluten “cola”</i>

<i>Grátis</i>	<i>Gratis “de maneira livre”</i>
<i>Infértil</i>	<i>IN + FERTILIS</i>
<i>Inútil</i>	<i>IN + UTILIS</i>
<i>Jovem</i>	<i>de Juvenes</i>
<i>Lápis</i>	<i>Lapis</i>
<i>Látex</i>	<i>Latex</i>
<i>Mister</i>	<i>Mister</i>

Portanto, mesmo nos casos em que existe uma mudança na estrutura da sílaba, o acento permanece na mesma posição da língua de origem, como se pode observar na representação abaixo:

(60)	
(x)	(x)
(x)	(x .)
<i>pén.si.<lis></i> (Proparoxítona em Latim) >	<i>pên.si<l></i> (paroxítona irregular no português)

Percebemos, portanto, que as palavras paroxítonas terminadas em consoante colhidas no dicionário não possuem a postulada irregularidade. Isso porque essas palavras não possuem deslocamento de acento, o que acontece é um rearranjo silábico na passagem das palavras do LC para o PB.

No caso de i), paroxítonas terminadas pelo sufixo *-vel*, o que aconteceu foi a perda de material segmental da sílaba final e a consequente reestruturação silábica, mas o acento permanece na mesma posição do LC: *amabilis* > *amável*. Em ii), o que acontece é o acréscimo de material segmental, mas o acento permanece na mesma posição, tanto na origem latina como na francesa, respectivamente, *imago* > *imagem*; *lignage* > *linhagem*. Em iii), ou seja, quando a palavra paroxítona terminada em consoante não é formada pelos sufixos *-vel* ou *-agem*, o acento também permanece na mesma sílaba da língua de origem.

Assim sendo, acreditamos que a o modelos métrico de Hayes (1995) e modelo silábico de Selkirk (1982) são eficazes em representar os processos que essas palavras passaram e mostrar que essa dita irregularidade acentual das paroxítonas terminadas em consoante do PB não converge com os fatos da língua, pois, como demonstrado, o acento dessas palavras permanece na mesma sílaba de origem.

6. ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS SINCRÔNICOS

Para podermos analisar com mais detalhes como foi a leitura dos participantes para cada grupo de palavras (A, B, C e D), utilizamos o *software* estatístico *stata*. Inicialmente, buscamos relacionar a quantidade de palavras lidas pelos participantes como oxítona e paroxítona para cada uma das consoantes finais (L,M/N,R,S,X), em cada grupo de palavras. Como cada consoante contava com um total de quatro palavras, mostramos também a quantidade de cada palavra lida como oxítona e paroxítona. Considerando que nosso foco principal é observar se as palavras terminadas em consoantes influenciam positivamente para uma leitura efetuada como paroxítona, em nossas análises, atribuímos o valor 1 quando a leitura foi realizada como paroxítona e 0 caso contrário. A seguir, apresentamos os resultados encontrados.

GRUPO A

Leitura	Terminadas em L				Total
	0	1	2	3	
0	5	4	4	3	4 20
1	4	3	4	4	5 20
Total	9	7	8	7	9 40

Tabela 1: Dados de produção das palavras terminadas em L (Grupo A)

No quadro acima, na linha “leitura” aparece a quantidade de palavras lidas, podendo ser 0, 1, 2, 3 ou 4, isto é, essa linha nos mostra se os participantes leram 0 palavras como oxítona ou 0 como paroxítona e assim por diante. A segunda linha representa o número de participantes que leram “x” número de palavras como oxítona e a terceira linha nos mostra a quantidade de participantes que leram “x” palavras como paroxítonas.

Considerando as palavras terminadas em L dentro do grupo A, percebe-se, por exemplo, que cinco participantes não leram nenhuma palavra como oxítona, enquanto outros cinco leram quatro palavras como paroxítona. Visando uma análise da proporção de palavras lidas como oxítona e paroxítonas dentro do subgrupo “terminadas em L”, as seguintes operações matemáticas foram utilizadas:

(61)

i) Somatório das leituras efetuadas como oxítonas

$$\sum x_0 * n = 5*0+4*1+4*2+3*3+4*4 = 37$$

ii) Somatório das leituras efetuadas como paroxítonas

$$\sum x_1 * n = 4*0+3*1+4*2+4*3+5*4 = 43$$

Portanto, o somatório das palavras terminadas em L, lidas como oxítonas dentro do grupo A, é 37, enquanto o somatório das paroxítonas é igual a 43. Fazendo a proporção entre esses valores e o número total de leitura que é igual a 80 (20 participantes multiplicado pelas 4 palavras), temos que 46,25% das leituras foram efetuadas como oxítonas e 53,75% como paroxítonas, como mostra as tabelas abaixo.

As tabelas que serão mostradas nas próximas páginas seguem o mesmo padrão da tabela gerada para as análises das palavras terminadas em L dentro do grupo A, portanto, podem ser interpretadas da mesma maneira.

Nas palavras terminadas em L, é interessante notar que cinco participantes dos vinte não pronunciaram nenhuma palavra como oxítona. Em relação à leitura das palavras com acento penúltimo, quatro participantes não leram nenhuma palavra terminada em L com esse tipo de acento.

Os dados para esse grupo de palavras, se comparado à leitura de palavras com acento penúltimo e palavras com acento último, não demonstram grande discrepância. A quantidade de participantes que leu todas as palavras com apenas um tipo de acento também foi equilibrada: quatro participantes leram todas as palavras com acento final e cinco leram todas com acento penúltimo.

Leitura	Terminadas em M/N					Total
	0	1	2	3	4	
0	7	6	4	2	1	20
1	1	2	4	6	7	20
Total	8	8	8	8	8	40

Tabela 2: Dados de Produção das palavras terminadas em M/N (Grupo A)

Os dados desse grupo se mostraram discrepantes. Quando as palavras do grupo A terminaram em M/N, sete participantes não leram nenhuma palavra com acento final,

contra apenas um participante que não leu nenhuma palavra com acento penúltimo. Além disso, apenas um participante leu o total de palavras (quatro) com acento final.

Por outro lado, sete participantes leram todas as quatro palavras com acento penúltimo. A porcentagem de leitura das palavras do grupo A terminadas em M/N foram, em sua maioria, com acento penúltimo.

Leitura	Terminadas em R					Total
	0	1	2	3	4	
0	3	5	2	6	4	20
1	4	6	2	5	3	20
Total	7	11	4	11	7	40

Tabela 3: Dados de Produção das palavras terminadas em R (Grupo A)

Em relação às palavras terminadas em R, os dados foram similares e, por isso, pouco discrepantes. Três participantes deste grupo não leram nenhuma palavra com acento final e quatro participantes não leram nenhuma com acento penúltimo.

Se observado o número de participantes que leu todas as palavras com acento penúltimo, temos quatro participantes que leram as quatro palavras com acento final e três que leram as palavras com acento penúltimo.

Leitura	Terminadas em S					Total
	0	1	2	3	4	
0	17	2	1	0	0	20
1	0	1	1	2	16	20
Total	17	3	2	2	16	40

Tabela 4: Dados de Produção das palavras terminadas em S (Grupo A)

As palavras terminadas em consoante S foram as mais discrepantes. Observe que 17 participam não leram nenhuma das quatro palavras com acento final. É necessário destacar que, quando se tratou de outras consoantes finais, a saber, M/N, R, X e L, em todos os casos tivemos participantes que leram todas as quatro palavras com acento final, com exceção apenas dessas palavras terminadas em S.

Leitura	Terminadas em X					Total
	0	1	2	3	4	
0	6	2	5	3	4	20
1	4	3	5	2	6	20
Total	10	5	10	5	10	40

Tabela 5: Dados de Produção das palavras terminadas em X (Grupo A)

Em relação à consoante final X, os dados demonstram que as leituras produzidas pelos participantes não foram muito discrepantes. Opa M relação ao acento final, seis participantes não leram nenhuma palavra com esse tipo de acento e quatro participantes leram todas com acento final.

Por outro lado, quatro participantes não leram nenhuma palavra com acento penúltimo e seis participante leram todas as palavras com esse acento.

GRUPO B

Leitura	Terminadas em L					Total
	0	1	2	3	4	
0	14	3	1	2	0	20
1	0	2	1	3	14	20
Total	14	5	2	5	14	40

Tabela 6: Dados de Produção das palavras terminadas em L (Grupo B)

As palavras terminadas em L do grupo B apresentaram valores bem discrepantes. Catorze dos vinte participantes não pronunciaram nenhuma das quatro palavras com acento final. Além disso, nenhum participante produziu todas as palavras com esse acento.

Por outro lado, nenhum participante desse grupo não produziu pelo menos uma palavra com acento penúltimo. Além disso, catorze participantes produziram todas as palavras com acento penúltimo.

Leitura	Terminadas em M/N					Total
	0	1	2	3	4	
0	17	2	1	0	0	20
1	0	0	1	2	17	20
Total	17	2	2	2	17	40

Tabela 7: Dados de Produção das palavras terminadas em M/N (Grupo B)

As leituras das palavras desse subgrupo mantiveram a tendência do subgrupo anterior, mas a discrepância foi ainda maior. Dezesete participantes dos vinte não produziram nenhuma palavra terminada em M/N com acento final e nenhum dos participantes produziu todas as palavras com esse acento.

Quando observamos a produção do acento penúltimo, vemos que nenhum participante não produziu pelo menos uma palavra com esse acento. Mais do que isso, dezesete participantes produziram todas as palavras com acento penúltimo.

Leitura	Terminadas em R					Total
	0	1	2	3	4	
0	6	7	5	2	0	20
1	0	2	5	7	6	20
Total	6	9	10	9	6	40

Tabela 8: Dados de Produção das palavras terminadas em R (Grupo B)

Nesse grupo, os dados mantêm boa discrepância na relação entre palavras produzidas com acento último e penúltimo. Seis participantes não leram nenhuma das palavras terminadas em R com acento final, sete leram apenas uma palavra com esse acento e nenhum participante leu todas com esse acento.

Por outro lado, nenhum participante não produziu pelo menos uma palavra com acento penúltimo e seis participantes produziram todas as palavras com esse acento.

Leitura	Terminadas em S					Total
	0	1	2	3	4	
0	16	3	1	0	0	20
1	0	0	1	3	16	20
Total	16	3	2	3	16	40

Tabela 9: Dados de Produção das palavras terminadas em S (Grupo B)

As pseudopalavras terminadas em S apresentaram resultado semelhante às pseudopalavras terminadas em S do grupo A. É discrepante, nessas palavras, a maior produção de acento penúltimo em detrimento do acento final. Dezesesseis participantes não produziram nenhuma palavra com acento final. Além disso, nenhum participante leu todas as palavras com esse acento.

Por outro lado, a maioria produziu acentos penúltimos. Dezesesseis dos vinte participantes produziram todas as palavras com acento penúltimo e nenhum deles não produziu pelo menos uma palavra com esse acento.

Leitura	Terminadas em X					Total
	0	1	2	3	4	
0	9	2	5	4	0	20
1	0	4	5	2	9	20
Total	9	6	10	6	9	40

Tabela 10: Dados de Produção das palavras terminadas em X (Grupo B)

Os dados das palavras terminadas em x também apresentaram discrepância. Nove participantes não leram nenhuma palavra desse subgrupo com acento final e nenhum produziu todas com esse acento.

Em relação ao acento penúltimo, todos os participantes leram pelo menos uma palavra com esse acento e nove deles leram todas elas com acento final.

GRUPO C

Leitura	Terminadas em L					Total
	0	1	2	3	4	
0	11	4	2	1	2	20
1	2	1	2	4	11	20
Total	13	5	4	5	13	40

Tabela 11: Dados de Produção das palavras terminadas em L (Grupo C)

As pseudopalavras terminadas em L do grupo C apresentaram maior produção de acentos penúltimos. Onze participantes não leram nenhuma das palavras com acento final e depois leram todas com esse acento. No entanto, ao observar a produção de acento penúltimo, vemos que apenas dois participantes não produziram nenhuma palavra com

esse acento e onze participantes, ou seja, mais da metade deles leram todas as palavras com acento final.

		Terminadas em M/N					
Leitura	0	1	2	3	4	Total	
0	11	6	2	1	0	20	
1	0	1	2	6	11	20	
Total	11	7	4	7	11	40	

Tabela 12: Dados de Produção das palavras terminadas em M/N (Grupo C)

As pseudopalavras terminadas em M/N também apresentaram maior produção de acento penúltimos. Onze participantes não leram nenhuma dessas palavras com acento final e nenhum deles leu todas com esse acento.

Por outro lado, todas os participantes leram apenas uma palavra com acento penúltimo e onze deles leram todas as quatro pseudopalavras com esse acento.

		Terminadas em R					
Leitura	0	1	2	3	4	Total	
0	12	2	3	2	1	20	
1	1	2	3	2	12	20	
Total	13	4	6	4	13	40	

Tabela 13: Dados de Produção das palavras terminadas em R (Grupo C)

Os dados desse subgrupo convergiram com os demais desse grupo, apresentando uma maior produção de acento penúltimos para as pseudopalavras. Apenas um participante leu todas as palavras com acento final e doze não leram nenhuma com esse acento.

Mas, se olharmos os dados do acento penúltimo, vemos que apenas um participante não leu nenhuma palavra com esse acento e doze participantes leram todas com acento penúltimo.

Leitura	Terminadas em S				Total
	0	2	4		
0	18	2	0		20
1	0	2	18		20
Total	18	4	18		40

Tabela 14: Dados de Produção das palavras terminadas em S (Grupo C)

Nesse subgrupo, nenhum participante leu todas as palavras com acento final e dezoito não leu nenhuma palavra com esse acento. Dezoito deles leram todas as palavras do grupo C terminadas em S com acento penúltimo e todos leram pelo menos uma palavra com esse acento.

Leitura	Terminadas em X				Total
	0	1	3	4	
0	11	5	2	2	20
1	2	2	5	11	20
Total	13	7	7	13	40

Tabela 15: Dados de Produção das palavras terminadas em X (Grupo C)

Em relação ao acento final, observamos que apenas dois dos vinte participantes leram todas as palavras terminadas em x com esse acento e onze não leram nenhuma delas com acento final.

Por outro lado, onze participantes produziram todas as palavras com acento penúltimo e apenas dois não produziram nenhuma delas com esse acento.

GRUPO D

Leitura	Terminadas em L					Total
	0	1	2	3	4	
0	8	4	1	2	4	19
1	5	2	1	4	8	20
Total	13	6	2	6	12	39

Tabela 16: Dados de Produção das palavras terminadas em L (Grupo D)

Essas pseudopalavras do grupo D apresentaram maior produção de acentos penúltimos. Pelo quadro, podemos observar que, em relação ao acento último, oito participantes não leram nenhuma das palavras com esse acento. Além disso, apenas quatro participantes produziram todas com acento final.

Em relação ao acento penúltimo, oito participantes produziram todas as palavras terminadas em L do grupo D com esse acento e apenas quatro não produziram nenhuma palavra com acento penúltimo.

Leitura	Terminadas em M/N					Total
	0	1	2	3	4	
0	7	6	3	3	1	20
1	1	3	3	6	7	20
Total	8	9	6	9	8	40

Tabela 17: Dados de Produção das palavras terminadas em M/N (Grupo D)

A partir dos dados de produção das palavras terminadas em M/N, pode-se perceber que a maioria dos falantes produziram acentos penúltimos. Apenas um participante leu todas as palavras com acento final e sete participantes não leram nenhuma palavra com esse acento.

Por outro lado, em relação ao acento penúltimo, apenas um participante não leu nenhuma palavra com esse acento e sete participantes leram todas as palavras com acento penúltimo.

Leitura	Terminadas em R					Total
	0	1	2	3	4	
0	8	5	3	2	2	20
1	2	2	3	5	8	20
Total	10	7	6	7	10	40

Tabela 18: Dados de Produção das palavras terminadas em R (Grupo D)

A maioria dos participantes produziram acentos penúltimos quando a consoante final foi R. Apenas dois participantes dos vinte leram todas as palavras com acento final e oito deles não leram nenhuma delas com esse acento.

Por outro lado, se observarmos a produção de acentos penúltimos, percebemos que oito participantes leram todas as palavras com esse acento e apenas dois não leram nenhuma delas com acento penúltimo.

Leitura	Terminadas em S				Total
	0	1	3	4	
0	9	8	3	0	20
1	0	3	8	9	20
Total	9	11	11	9	40

Tabela 19: Dados de Produção das palavras terminadas em S (Grupo D)

As pseudopalavras terminadas em S do grupo D seguiram o padrão geral dos demais grupos (A, B e C), ou seja, quando a consoante final de todos os grupos foi S, tivemos a maior porcentagem de produção de acentos penúltimos.

Se observarmos a incidência de acento final na tabela acima, podemos perceber que nenhum participante produziu todas as palavras com acento final. Além disso, nove participantes não produziram nenhuma palavra com esse acento.

Já em relação ao acento penúltimo, temos nove participantes que leram todas as palavras com esse acento. Sobretudo, todos os participantes desse grupo leram pelo menos uma palavra com acento penúltimo.

Leitura	Terminadas em X					Total
	0	1	2	3	4	
0	9	4	2	1	4	20
1	4	1	2	4	9	20
Total	13	5	4	5	13	40

Tabela 20: Dados de Produção das palavras terminadas em X (Grupo D)

Em relação às palavras terminadas em x, tivemos, também, maior produção de acentos penúltimos. Apenas quatro participantes leram todas as palavras com acento final, enquanto nove não leram nenhuma palavra com esse acento.

Já em relação ao acento penúltimo, tivemos nove participantes que leram todas as palavras com acento penúltimo e apenas quatro participantes não leram nenhuma delas com esse acento.

A seguir, faremos as interpretações dos resultados das regressões estimadas. Primeiramente, foi realizado uma regressão em função do grupo A e, posteriormente, foram realizadas mais três regressões adicionando novos grupos. Ou seja, a segunda regressão foi feita em função do grupo A e do grupo B; a terceira, em função dos grupos A, B e C e, por fim, a quarta regressão teve como variáveis explicativas os quatro grupos de palavras – A, B, C e D –.

A inclusão de novos grupos na regressão permite analisar as modificações nas variáveis estatísticas *loglikelihood*, *LR chi2* e no *pseudo R2*. Quanto ao valor do logaritmo de verossimilhança, espera-se que este diminua, em função da entrada de novos grupos na regressão (Gujarati e Porter, *cáp.* 15, 2011).

Logistic regression		Number of obs	=	200
Log likelihood = -126.072		LR chi2(1)	=	25.11
		Prob > chi2	=	0.0000
		Pseudo R2	=	0.0906

leitura	Odds Ratio	Std. Err.	z	P> z	[95% Conf. Interval]
grupoa	1.625244	.1656466	4.77	0.000	1.330954 1.984604

Tabela 21: Regressão em função do grupo A

O output gerado pelo programa reporta alguns valores relevantes para nossas interpretações, quais sejam: i) a estatística “*odds ratio*”, ii) a estatística *z*; iii) o $P>|z|$; iv) o *LR chi2*; iv) o *pseudo R2*; vi) a $prob>chi2$ e; viii) o *log likelihood*. As *odds ratio* (OR’s) convertem as probabilidades de ocorrência do evento em razões de chances de o evento ocorrer, ou seja, chances de a leitura ser efetuada como paroxítona, dado determinado grupo de palavras.

O cálculo da OR é útil pois, em alguns casos, o valor do coeficiente β_n pode ser maior que um ou menor que zero. Quando falamos em probabilidade, todos os valores devem estar no intervalo entre 0 e 1 e, portanto, nestes casos, a interpretação do coeficiente β_n seria equivocada. Assim, o cálculo da OR é realizado dividindo a probabilidade de o evento ocorrer pela probabilidade de não ocorrência do fenômeno, o que pode ser visto na fórmula abaixo:

$$OR = P(y=1) / 1 - P(y=1) \quad (4)$$

Desse modo, os números demonstrados em “*odds ratio*” no quadro acima sugerem que as chances de a leitura ser processada como paroxítona, quando o participante leu palavras do grupo A, aumenta, aproximadamente, em 1.63 vezes, para cada palavra

apresentada a ele nesse grupo. Acreditamos que isso possa acontecer devido ao fato de o participante ir estabelecendo uma lógica acentual de leitura a cada palavra que lhe é apresentada, influenciando a leitura das outras palavras com estruturas semelhantes. De acordo com Gujarati e Porter (2011), quando a razão de chances for menor que 1, a variável explicativa, em nosso caso, o grupo de palavras, reduz a chance de o evento ocorrer. Neste caso, reduz a chance de a leitura ser feita como paroxítona. Caso contrário, se a OR for maior que um, a variável previsora aumenta as chances de ocorrência do evento.

Os dados da regressão nos informam também que esse grupo de palavras ajuda a explicar 9,06% das variações na leitura, resultado encontrado multiplicando por 100 o valor do *pseudo R2*. Este valor parece pequeno, e de fato deveria ser, pois, pressupomos que outros grupos de palavras que foram construídos são relevantes na determinação do modo de leitura, portanto, esse baixo valor para o *pseudo R2* sugere a inclusão de novas variáveis explicativas no nosso modelo. Assim, espera-se que com a inclusão de novos grupos nas regressões, esse valor aumente. Por outro lado, esperamos que o valor para o *log likelihood* diminua, como já dito anteriormente. Observaremos isso na sequência das regressões.

Os valores das estatísticas LR χ^2 e $\text{prob} > \chi^2$ devem ser analisados quando há mais de uma variável independente no modelo, pois, esses valores informam se um conjunto de variáveis independentes tem, ou não, efeito sobre as variações na variável dependente. Portanto, as interpretações quanto a essas estatísticas serão realizadas posteriormente.

Por fim, a estatística z e o valor de $P > |z|$ nos mostram se a variável independente é estatisticamente significativa na determinação do modo de leitura. Nessa primeira regressão, tais valores sugerem que o grupo A influencia de modo significativo a leitura dos participantes, pois o valor de z está fora da área de rejeição da hipótese nula (H_0). Ou seja, estabelecendo a hipótese nula de que o grupo é significativo na determinação do tipo de leitura, não a rejeitamos, pois o valor da estatística z não está contido na área de rejeição da H_0 , que engloba o intervalo entre -1,96 a 1,96, para um nível de confiança de 95% (Gujarati e Porter, capítulo V, 2011). Ademais, o p -valor reforça essa conclusão, pois aceitaríamos a H_0 até o limite de $P > |z| = 0,05$, tendo em vista que estamos trabalhando com um intervalo de confiança de 95%.

significantes para determinar a ocorrência, ou não, da leitura ser processada como paroxítona, conclusão obtida ao verificar os valores do LR χ^2 juntamente com a $Prob > \chi^2$. Para analisar tais estatísticas, estabelecemos a hipótese nula de que todas as OR's são iguais a zero e, neste caso, tal hipótese é rejeitada em favor da hipótese alternativa de que essas são diferentes de zero, até mesmo a 1% de nível de significância. É importante lembrar, no entanto, que neste trabalho utilizamos, como é comum na literatura, um nível de 5%.

Por fim, os valores da OR's mostram que, no modelo completo, o grupo A influencia negativamente para um modo de leitura como paroxítona, pois, seu valor foi menor que 1, assim como para o grupo D. Tais valores mostram que as chances de a leitura ser realizada como paroxítona nesses grupos são reduzidas em, aproximadamente, 0.27 vezes para cada palavra adicionada no grupo A e em 0.35 vezes para cada palavra adicionada no grupo D. Por outro lado, os grupos B e C influenciam positivamente para uma leitura ser efetuada como paroxítona, à medida que novas palavras são incluídas nestes grupos. Os valores das OR's para esses grupos foram 5.38 para o grupo B e 11.27 para o grupo C, isto é, as chances de a leitura ser realizada como paroxítona, quando uma nova palavra entra no grupo B, aumenta em 5.38 vezes, enquanto para o grupo C as chances são elevadas mais de 11 vezes, para cada nova palavra adicionada.

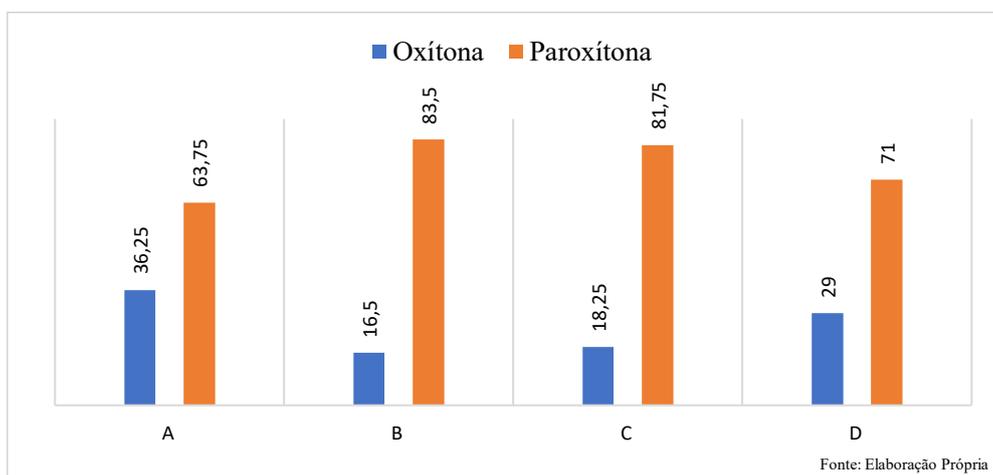


Gráfico 2: Gráfico com as leituras por grupo, sem distinção de terminações

7. ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS SINCRÔNICOS

Para produzirmos nossa análise prévia, nos atemos à análise da gravação de vinte participantes. Cada participante leu um total de 240 palavras (80 palavras-alvo e 160 distratoras). Apenas as oitenta palavras-alvo nos interessaram, pois as distratoras tinham, como única finalidade, impedir que o participante percebesse o padrão das palavras-alvo.

As oitenta palavras-alvo foram divididas em quatro grupos, a saber: Grupo A – Pseudopalavras Não-Acentuadas, Grupo B – Palavras α Não-Acentuadas, Grupo C – Pseudopalavras Acentuadas com diacrítico e Grupo D – Palavras β Não-Acentuadas. Cada grupo contou com um total de vinte palavras.

Além disso, dentro de cada um dos quatro grupos, dividimos as vinte palavras em cinco seções, cada seção contém quatro palavras terminadas com as consoantes, *l, r, s, m, n ou x*. Procuramos, por meio da audição das gravações, apresentar como o falante acentuou as seguintes palavras:

(62)

Terminadas em L:

Matil, Panel, Larnel, Formil

Terminadas em R:

Tonir, Tipor, Moltar, Veltor

Terminadas em S:

Tulis, Talus, Parlis, Nerfes

Terminadas em M:

Camem, Mobim, Tarlom, Falbam

Terminadas em X:

Fabix, Lomax, Tirbax, Filne

7.1. Grupo A

Para as palavras do Grupo A, optamos por criar vinte pseudopalavras terminadas em cada uma das consoantes *x, l, r, s, m/n*. Nosso interesse com essas palavras foi observar se o falante, ao produzir a leitura de uma nova palavra, alocaria o acento na última sílaba, obedecendo o peso que a consoante final produz na sílaba e, portanto, atrai o acento, ou se ele desconsideraria a consoante final e produziria a sílaba com acento penúltimo. Vamos aos dados:

➤ **Palavras terminadas em L**



Gráfico 3: Palavras terminadas em L (Grupo A)

Nas pseudopalavras *natil*, *lortil*, *fanel* e *larnel*, todas terminadas em *l*, o falante produziu 54% das vezes palavras com acento penúltimo, demonstrando facilidade em desconsiderar a consoante final *l* para atribuição do acento, o que vai contra a regra geral do PB. A regra geral é acentuar palavras terminadas em consoantes com acento final, pois a consoante confere peso à sílaba e atrai o acento tônico. O mesmo acontece em palavras do PB como *anel*, *cruel*, *anzol*, *cordel*, *carrossel* etc., nas quais a consoante final atribui peso à sílaba final e faz com que ela atraia o acento, sendo todas palavras oxítonas.

Os resultados obtidos não convergem com a regra geral. Assim, percebemos que os participantes desconsideraram a consoante *l* 54% das vezes para atribuir acento à palavra, como nas palavras do PB *fácil*, *amável*, *pênsil* etc. Como atentado na análise diacrônica, o sufixo *-vel* é bastante produtivo e, por isso, possuímos na língua uma grande quantidade de palavras terminadas em *l* com acento penúltimo. Acreditamos que esse fato contribuiu para a facilidade com que o falante desconsiderou a consoante *l* final ao atribuir acento à palavra, pois fatos como esse são comuns na língua.

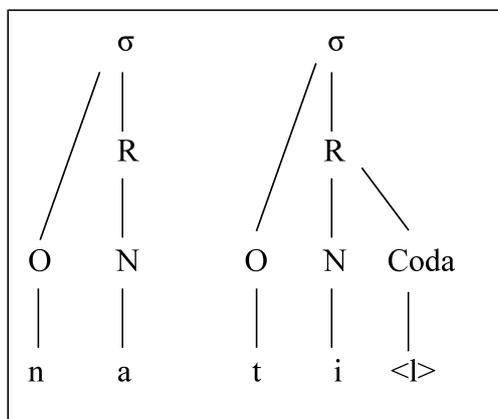


Figura 22: Consoante final extramétrica (*natil*)

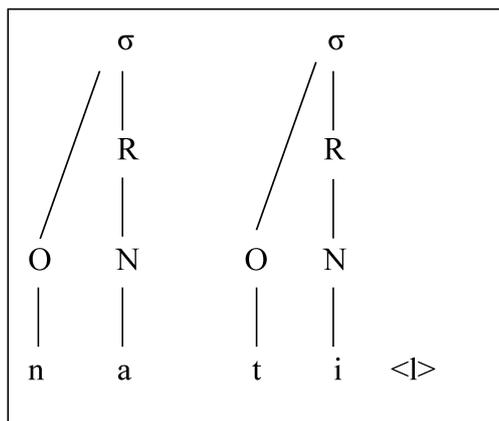


Figura 23: Consoante final l em posição de coda silábica desconsiderada (*nati*)

As pseudopalavras terminadas em *l* convergem, também, com a descrição de Bisol (1992). Como visto acima pelos colchetes angulados < e >, a consoante final *l* é extramétrica e não interfere na atribuição do acento à pseudopalavra.

➤ Palavras terminadas em M/N



Gráfico 4: Palavras terminadas em M/N (Grupo A)

As palavras terminadas em nasais *m/n*, a saber, *mobim*, *famem*, *falbam* e *tarlon* foram produzidas 70% das vezes com acento penúltimo, contrariando a regra geral do PB, que acentua palavras terminadas em consoante com acento na última sílaba, com em *armazém*, *neném*, *marrom* etc. Os nossos dados não convergem com a regra geral do PB e o falante não demonstra dificuldade em desconsiderar a consoante final *m* para atribuir acento à palavra.

(63)

x	x
x x	x x
mobi<m>	fame<m>

Os colchetes angulados < e > mostram que a consoante final *m* das pseudopalavras foi desconsiderada para a atribuição do acento, que foi alocado na penúltima sílaba. Desse modo, mais uma vez nossos dados convergem com a descrição de Bisol (1992) para palavras paroxítonas terminadas em consoantes que desconsideram a consoante final da última sílaba na atribuição do acento da palavra.

Existem muitas palavras paroxítonas terminadas em *m* no PB, embora elas não representem a regra geral. Um dos principais motivos para a grande quantidade de paroxítonas terminadas em *m* é a produtividade do sufixo *-agem*, como apresentado mais detalhadamente na nossa análise diacrônica. São exemplos palavras como *chantagem*, *bandidagem*, *defasagem*, *engrenagem* etc. Nesse sentido, acreditamos que, como nossos participantes já possuem a extrametricidade dessa consoante final *m* lexicalmente marcada em diversas palavras da língua, eles não tiveram problemas em desconsiderar a consoante nasal no final da sílaba e produzir as pseudopalavras terminadas em *m* com acento penúltimo.

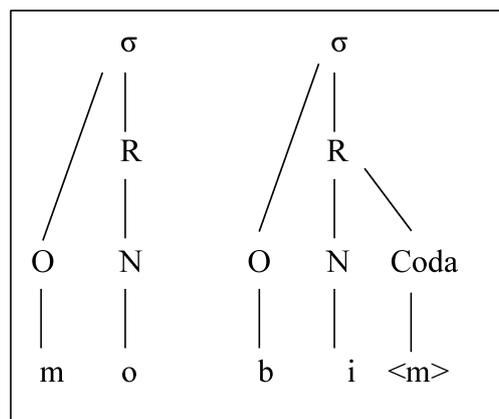


Figura 24: Consoante final extramétrica (*mobim*)

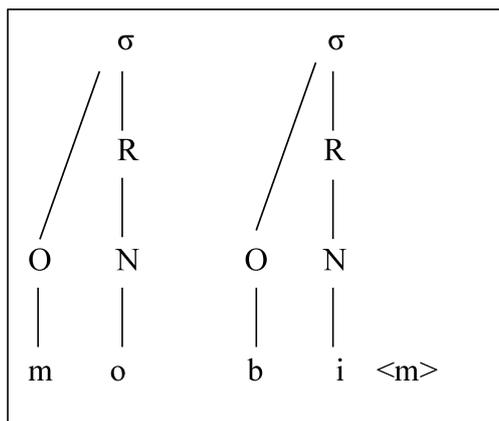


Figura 25: Consoante final *m* em posição de coda silábica desconsiderada (*mobim*)

➤ **Palavras terminadas em R**



Gráfico 5: Palavras terminadas em R (Grupo A)

Nas palavras terminadas pela consoante *r* (*nicor*, *conir*, *beltor* e *nolcar*) tivemos dados que vão em outra direção em relação às demais consoantes finais *s*, *l*, *m/n* e *x*. Os dados apontam para uma maior produção de palavras oxítonas, com uma total de 54%, o que demonstra que o falante tem mais dificuldade de desconsiderar a consoante *r* em final de sílaba no final da palavra, fazendo com que o acento seja atraído para a sílaba final:

(64)

x	x
x x	x x
nicor	conir

A maior parte das palavras do PB que terminam em *r* são oxítonas: *tambor*, *flor*, *amar*, *etc.*, por isso, acreditamos que o falante do PB tem mais dificuldade de desconsiderar essa consoante na atribuição do acento.

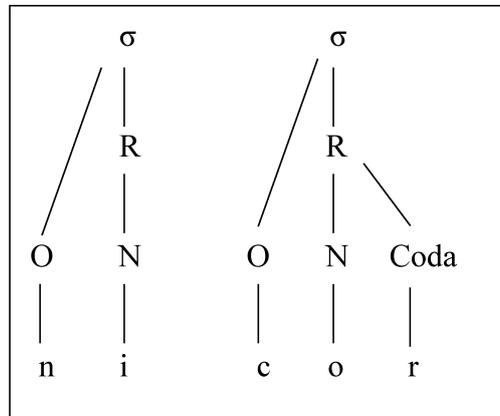


Figura 26: Consoante final *r* em posição de coda silábica não extramétrica (*nicor*)

Apesar de termos palavras paroxítonas terminadas em *r*, como *mártir*, *caráter*, *revólver*, elas são minoria e muitas são de origem estrangeira. Os falantes optaram por acentuar a maioria das pseudopalavras terminadas em *r* obedecendo à regra geral, ou seja, acentuar palavras terminadas em consoante, no caso *r*, como oxítonas, evidenciando a sensibilidade ao peso que a consoante *r* em posição de coda silábica confere à sílaba.

➤ Palavras terminadas em S



Gráfico 6: Palavras terminadas em S (Grupo A)

As palavras terminadas em *s*, a saber, *namis*, *vules*, *parlis* e *nerfes* foram, em sua maioria, acentuadas com acento penúltimo (95%). Temos, no PB, palavras oxítonas

terminadas em *s*, como *país*, *português* e *através*; nas quais, a consoante final *s* faz parte do radical da palavra. No entanto, quase todos os participantes leram as pseudopalavras terminadas em *s* com acento penúltimo, como nas palavras do PB *virus*, *atlas* e *pires*, em que o *s* também faz parte do radical da palavra.

O sufixo *-s* é marcador de plural no PB; assim sendo, esse sufixo não interfere na alocação do acento nas palavras, como em: *casa* > *casas*, *mesa* > *mesas*, *menino* > *meninos*. Acreditamos, portanto, que o fato de esse sufixo ser lexicalmente extramétrico no PB pode ter influenciado para que quase todos os participantes tenham produzido a maioria das palavras com acento penúltimo, ignorando o *s* final na atribuição do acento tônico.

Assim sendo, é possível perceber, por meio de nossos dados, que o participante tem extrema facilidade em desconsiderar a consoante final *s* da palavra para alocar o acento na sílaba penúltima, pois 95% deles produziram as pseudopalavras terminadas em *s* com acento penúltimo:

(65)

x

x x

vule<s>

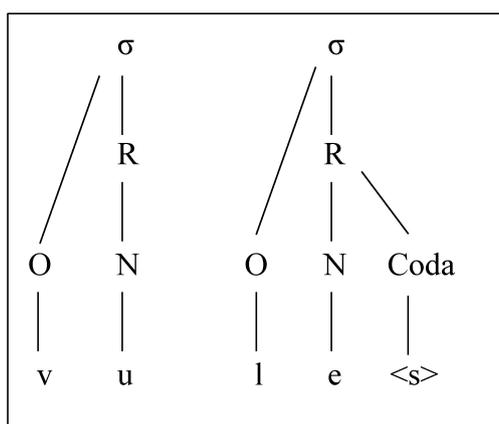


Figura 27: Consoante final *s* extramétrica (*vules*)

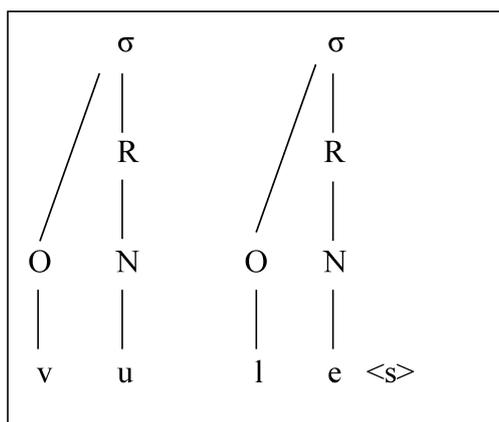


Figura 28: Consoante final *s* em posição de coda silábica desconsiderada (*vules*)

Essa altíssima taxa (95%) de produção de acentos penúltimos pode estar relacionada ao fato de a consoante *s* final ser associada ao sufixo marcador de plural *-s*, que é invisível na atribuição do acento à palavra. Como os plurais de palavras paroxítonas (*casas, anjos, morros* etc.) são comuns ao falante, ele desconsidera com facilidade o *s* em posição de coda em sílaba final de pseudopalavras, convergindo com a extrametricidade de palavras paroxítonas terminadas em consoante postulada por Bisol (1992).

➤ Palavras terminadas em X



Gráfico 7: Palavras terminadas em X (Grupo A)

As palavras terminadas em *x*, como *lomax, tirbax, filnex* e *fabix*, permitem duas produções possíveis: como oxítona (regra geral) ou como paroxítona. Nesse sentido, os falantes podem associá-las com palavras como *xerox* e *inox*, e produzi-las com acento final, ou associá-las com palavras como *clímax* e *látex* e produzi-las como acento

penúltimo. Como apresentado no Gráfico 6, 54% dos falantes produziram as palavras terminadas em L com acento penúltimo, contra 46% de participantes que as produziram com acento final.

(66)

x	acento penúltimo	x	acento final
x x		x x	
lomax		lomax	

Embora a maioria dos participantes tenha produzido acento penúltimo, contrariando a regra geral de marcar o acento na sílaba final de palavras terminadas em consoante, os valores foram bem equilibrados, com 54% produzindo mais paroxítonas contra 46% que produziram mais oxítonas (respeitando a regra geral). Parece-nos que o falante não tem dificuldade em desconsiderar a consoante final *l* para atribuição do acento em pseudopalavras terminadas em consoante.

Assim sendo, os dados desse grupo de palavras convergem com a descrição do PB postulada por Bisol (1992). Ao descrever paroxítonas terminadas em consoante como *frágil*, *jovem*, *mártir* etc., Bisol (1992) utiliza o recurso da extrametricidade para desconsiderar a consoante final da palavra na alocação do acento:

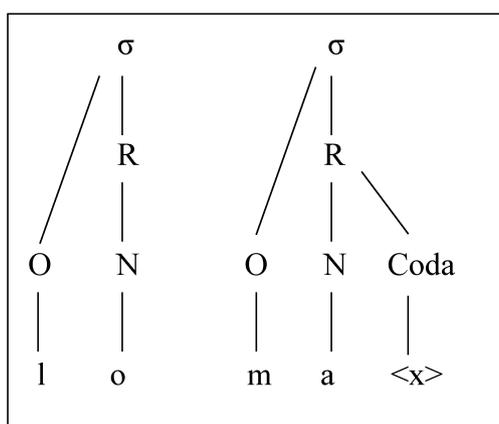


Figura 29: Consoante final x extramétrica
(lomax)

Os colchetes angulados < e > mostram que a consoante x é extramétrica, ou seja, ela não interfere na alocação do acento da palavra, ou seja, a sílaba *max* é tomada como uma sílaba sem segmento na coda silábica:

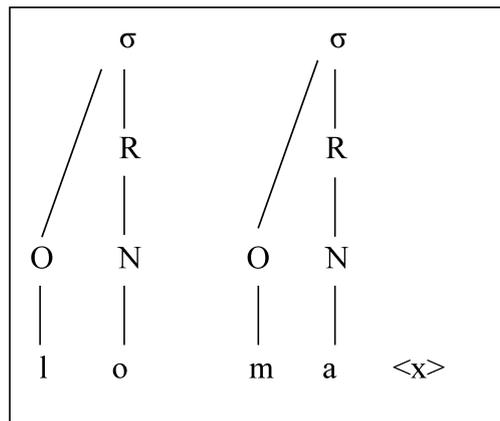


Figura 30: Consoante final x em posição de coda silábica desconsiderada (lomax)

Como a sílaba *max* não possui segmento em posição de coda silábica, pois o *x* foi desconsiderado devido à extrametricidade, a palavra é tomada como uma sequência de duas sílabas leves e, portanto, o acento recai na sílaba *lo*:

(67)

x

x x

loma<x>

Os dados, portanto, convergem com a extrametricidade postulada por Bisol (1992), pois o participante parece não ter dificuldade em desconsiderar a consoante final *x* dessas palavras e marcar o acento como na regra geral, ou seja, com acento penúltimo como se a palavra fosse formada por duas sílabas leves.

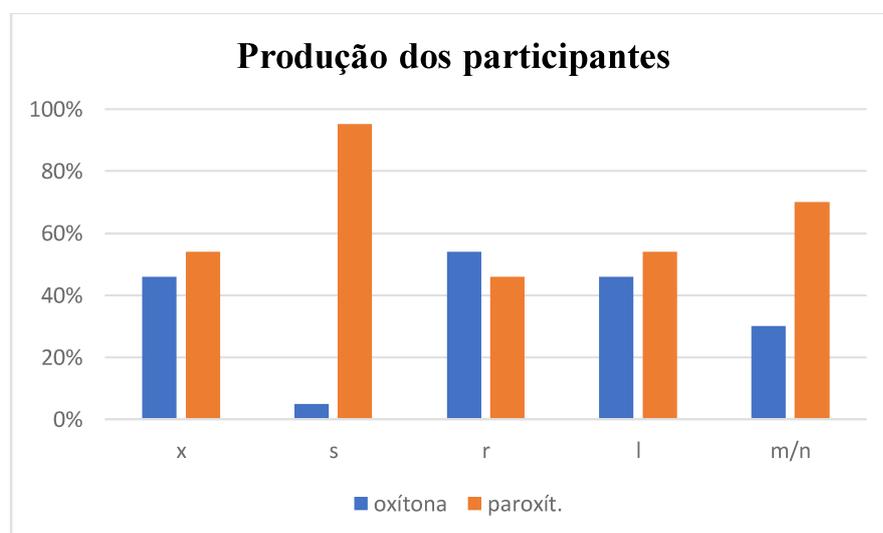


Gráfico 87: Produção dos participantes do Grupo A

Como se pode observar, os dados da produção dos participantes do Grupo A mostram que eles tiveram mais facilidade em desconsiderar as consoantes *x*, *l*, *m/n* e *s* em final de sílaba no final da palavra, respectivamente, mas tiveram mais dificuldade em desconsiderá-la quando a consoante final foi *r*. Nesse sentido, o falante do PB parece não ter dificuldade em desconsiderar a grande parte das consoantes finais para atribuir acento tônico à novas palavras.

7.2 Grupo B

As palavras do Grupo B existem no PB e são acentuadas graficamente, como em *fútil*, *dócil*, *éter*, *câncer* etc. No entanto, optamos por retirar o acento diacrítico dessas palavras para observar se, com a ausência do acento diacrítico, a consoante final atrairia o acento para a última sílaba. Seguem os dados:

➤ Palavras terminadas em L



Gráfico 9: Palavras terminadas em L (Grupo B)

As palavras terminadas em *l*, a saber, *disel*, *futil*, *docil*, *fossil*, foram produzidas, 86% das vezes, com acento penúltimo. Nesse sentido, entendemos que, ainda que o participante não possua o acento diacrítico para guiar a alocação do acento na palavra, ele já possui a consoante *l* final dessas palavras marcadas como extramétrica no léxico.

Além disso, acreditamos que a grafia dessas palavras pode ser uma possível explicação para a manutenção do acento paroxítono, pois, apesar da retirada do acento gráfico, a grafia continua a mesma, além de serem palavras comuns no dia a dia das pessoas.

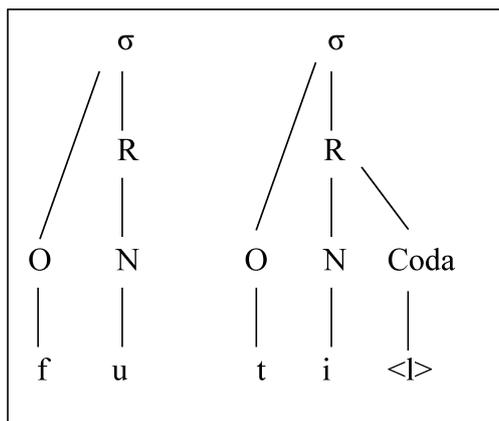


Figura 31: Consoante final extramétrica (futil)

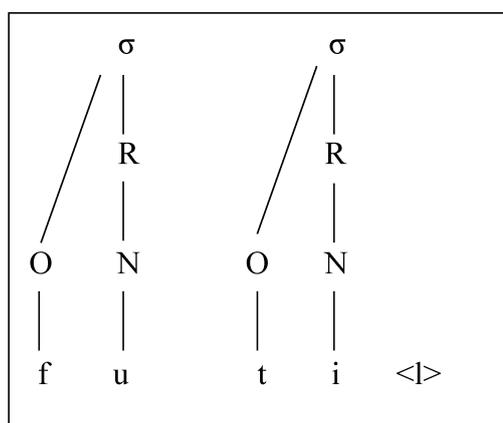


Figura 32: Consoante final l em posição de coda silábica desconsiderada (futil)

A maioria dessas palavras, por terem a consoante final extramétrica, é tomada como uma palavra de duas sílabas leves e, por isso, o acento é alojado na penúltima sílaba:

(68)

x	x
x x	x x
futil	docil

Por outro lado, apenas 14% dos participantes foram influenciados pela consoante em posição de coda *l* e alocaram o acento na última sílaba. Desse modo, acreditamos que, ao retirar o acento diacrítico dessas palavras, a maior parte dos participantes (86%) tenha desconsiderado a consoante final e produzido o acento penúltimo, a ausência do acento diacrítico fez com que 14% dos participantes optassem por alocar o acento na última sílaba, respeitando a regra geral do PB de marcar como oxítonas palavras terminadas em sílaba pesada.

(69)

x	x
x x	x x
futil	docil

Nessas palavras, a consoante final é considerada na posição de coda silábica da sílaba final e, por isso, atribui peso à sílaba:

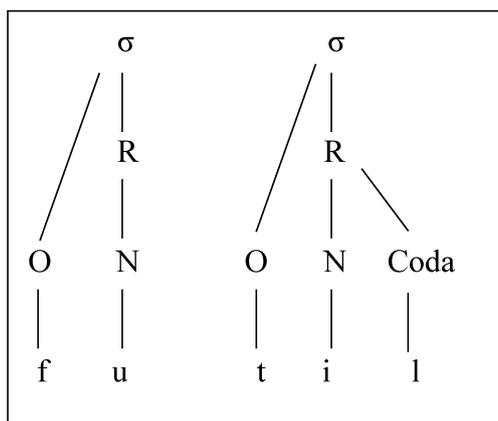


Figura 33: Consoante final não é extramétrica (futil)

Vemos, portanto, que o acento diacrítico (apagado nas palavras do grupo) e a consoante em posição de coda da sílaba final disputam a alocação do acento nessas palavras da língua que possuem acento penúltimo e terminam em consoante. Entendemos que o acento diacrítico permite ao falante desconsiderar mais facilmente a consoante em posição de coda da sílaba final, pois ele é um indicador do lugar de alocação do acento.

Ao retirarmos o diacrítico das palavras, entendemos que os participantes se dividiram entre os que reconheceram a palavra – influenciados, provavelmente, pela grafia – e, portanto, a consoante *l* final como extramétrica, acentuando-as com acento penúltimo, como na forma original dessas palavras, e os participantes que, embora possam tê-las reconhecido, foram levados pelo peso projetado pela consoante final *l* à última sílaba e alocaram o acento na sílaba final.

➤ **Palavras terminadas em M/N**



Gráfico 10: Palavras terminadas em M/N (Grupo B)

As palavras *eden*, *liquen*, *carmem* e *hifen*, terminadas com as nasais *m* e *n* em posição de coda da sílaba final, foram acentuadas pelos participantes 95% das vezes como paroxítonas, desconsiderando as consoantes finais *m* e *n* para alocar o acento com mais facilidade do que nas palavras terminadas em *l*, por exemplo. Assim como no caso das palavras terminadas em *l*, acreditamos que a manutenção do acento diacrítico se deu em virtude da grafia das palavras.

(70)

x	x
x x	x x
ede<n>	carme<n>

As consoantes finais *m* e *n* foram desconsideradas para adequar a palavra à regra geral:

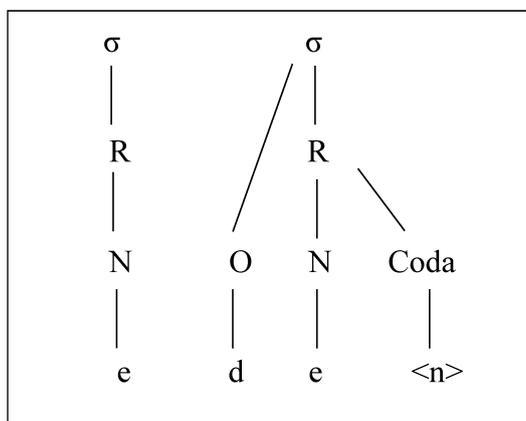


Figura 34: Consoante final extramétrica (eden)

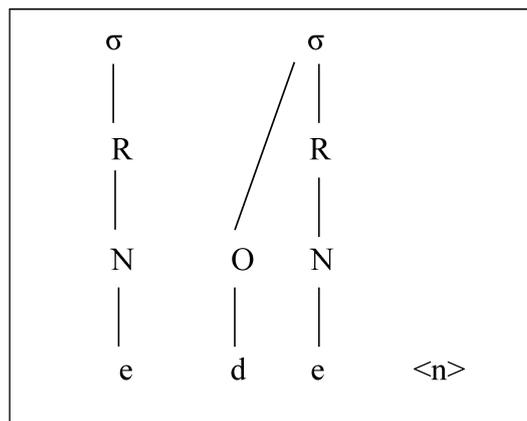


Figura 35: Consoante final n em posição de coda silábica desconsiderada (eden)

Os participantes pareceram precisar menos do acento diacrítico nessas palavras para demonstrar a alocação do acento do que nas palavras terminadas em *l*, por exemplo. Além disso, podemos inferir que a consoante final *l* atrai mais o acento para a sílaba final do que as consoantes nasais *m* ou *n*. Um dos fatores para isso pode ser o grande número de paroxítonas terminadas em *m* que possuímos no PB, como detalhado na análise diacrônica. Assim, é comum ao falante ignorar essas consoantes nasais em posição de coda no final da palavra, pois eles já têm essas consoantes marcadas lexicalmente como extramétricas em diversas palavras da língua.

➤ Palavras terminadas em R



Gráfico 81: Palavras terminadas em R (Grupo B)

As palavras terminadas em *r*: *boxer*, *eter*, *cancer* e *almiscar* apresentam, assim divergência em relação as palavras terminadas em *r* do grupo A. Como se percebe pelo gráfico, 71% das leituras foram com acento penúltimo. Portanto, os participantes tiveram

mais facilidade para desconsiderar a consoante final *r* e alocar o acento na penúltima sílaba.

(71)

x	x
x x	x x
eter	cancer

A partir da segunda marcação na grade, vê-se que a maior parte dos falantes produziu as palavras terminadas em *r* que tiveram o acento diacrítico retirado com acento na penúltima sílaba. Isso mostra que essa consoante *r* é desconsiderada na atribuição do acento com facilidade na maior parte das produções, mesmo na ausência de acento diacrítico na penúltima sílaba. Nesse caso, os falantes tiveram mais facilidade de tornar a consoante final extramétrica:

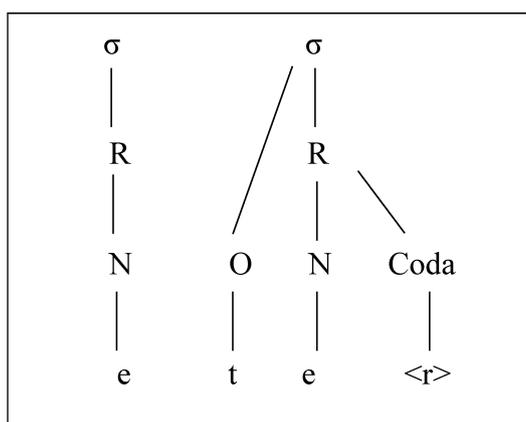


Figura 36: Consoante final *r* extramétrica (eter)

Esses dados do Grupo B não convergem com os dados do grupo A. No grupo B, os dados indicaram que a consoante *r* foi facilmente reconhecida como extramétrica e, por isso, os falantes alocaram, na maior parte das produções, o acento na penúltima sílaba, sem necessidade do acento diacrítico para sugerir a sílaba que deveria receber o acento; já no Grupo A, os participantes tiveram mais dificuldade em fazer esse reconhecimento e marcaram, na maioria das produções, acento na última sílaba.

➤ **Palavras terminadas em S**



Gráfico 92: Palavras terminadas em S (Grupo B)

Os dados colhidos a partir das palavras terminadas em *s* (*bilis*, *anus*, *planctons* e *menfis*) apontam que houve, também, convergência com os resultados obtidos pelas palavras terminadas em *s* do Grupo A. Isso quer dizer que praticamente todos os participantes leram as palavras terminadas em *s* do Grupo B com acento penúltimo, indicando muita facilidade em desconsiderar essa consoante *s* em posição de coda em final de palavra, ainda que sejam palavras existentes no PB. Aqui, também, acreditamos que a grafia das palavras tenha influenciado os falantes na produção de acentos penúltimos.

(72)

x	x
x x	x x
bili<s>	anu<s>

Mesmo que nessas palavras o *s* final faça parte do radical da palavra, o fato de sufixo *-s* marcador de número não interferir na alocação do acento se deve por ser lexicalmente marcado como extramétrico. Isso faz com que o falante desconsidere essa consoante *s* em posição de coda da sílaba final com mais facilidade, produzindo uma leitura em sua maioria com acento penúltimo. Assim, os participantes apresentaram menos dependência do acento diacrítico para marcar essas palavras como paroxítonas.

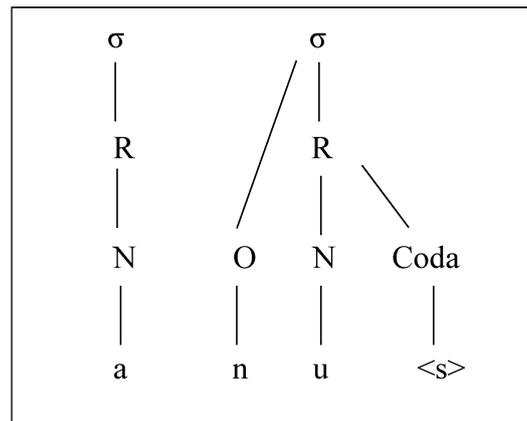


Figura 37: Consoante final extramétrica (anus)

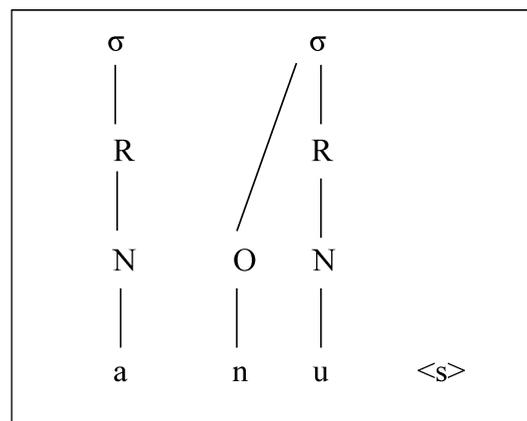


Figura 38: Consoante final s em posição de coda silábica desconsiderada (anus)

Os dados das palavras terminadas em *s* do Grupo B também convergiram com os dados do Grupo A das palavras terminadas na mesma consoante, assinalando que, mesmo em palavras existentes no PB, se retirado o acento diacrítico, o falante continua marcando a palavra com acento penúltimo com extrema facilidade.

➤ Palavras terminadas em X



Gráfico 103: Palavras terminadas em X (Grupo B)

As palavras *climax*, *latex*, *cortex* e *coccix*, todas terminadas em *x*, apresentaram dados equilibrados, mas com uma maior quantidade de produção de acentos penúltimos.

(73)

x	x
x x	x x
clima<x>	late<x>

Embora o falante desconsidere a consoante final *x* e acentue a palavra na penúltima sílaba na maioria das vezes, apresentando isso em 70% das leituras, 46% das palavras foram acentuadas como oxítonas, indicando que os participantes têm mais dificuldade em desconsiderar a consoante final *x* do que a consoante final *s*, por exemplo.

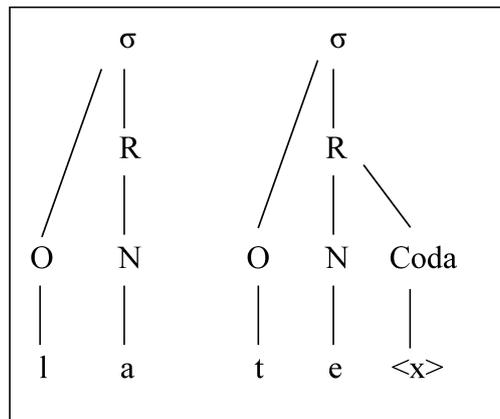


Figura 39: Consoante final extramétrica (latex)

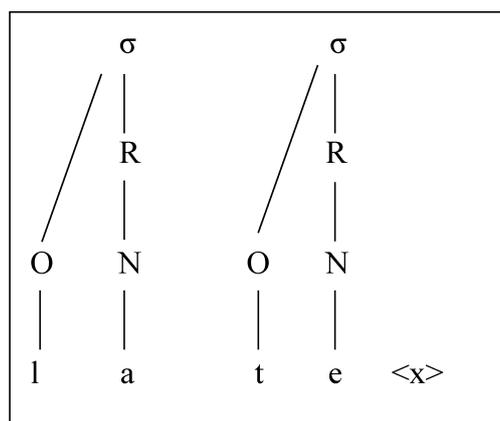


Figura 40: Consoante final *x* em posição de coda desconsiderada (latex)

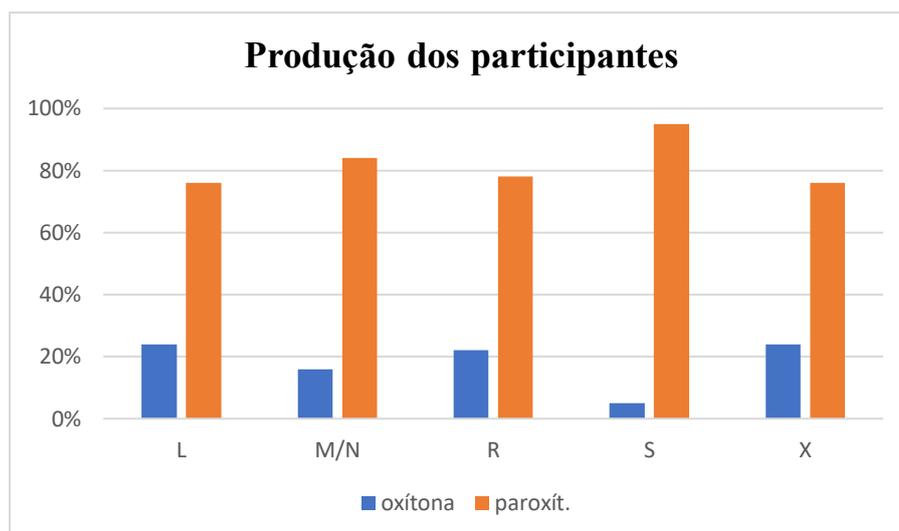


Gráfico 14: Produção dos participantes do Grupo B

Como se pode observar no Gráfico 14, que demonstra a porcentagem de palavras que foram produzidas como oxítona ou paroxítona com cada uma das consoantes finais *l*, *m/n*, *r*, *s* e *x*, a consoante *r* e a consoante *x* foram as que mais ofereceram dificuldade para o falante de, sem o auxílio do acento gráfico, apagar a consoante em posição de coda na sílaba final, ainda que ele já conhecesse a palavra previamente.

Acreditamos que o menor número de palavras paroxítonas terminadas em *r* e *s* no PB dificulta ao falante reconhecer com facilidade esses elementos como extramétricos, mesmo em palavras que ele já conheça, mas que tenha o acento diacrítico retirado. As produções de palavras marcadas com acento penúltimo terminadas em *l*, *s* e *m/n* apontam que o falante não possui muita necessidade do acento diacrítico para indicar a alocação do acento na penúltima sílaba, pois essas consoantes parecem ser identificadas mais facilmente como extramétricas.

7.3. Grupo C

Para a elaboração do Grupo C de palavras, optamos por criar pseudopalavras portadoras de acento gráfico. Desse modo, observamos como o falante acentua novas palavras terminadas em consoante que possui acento diacrítico na penúltima sílaba. A possibilidade de leitura como oxítona, desconsiderando o acento gráfico, pode ser um indicador de que a consoante final daquela palavra tem mais relação com a atribuição do acento tônico do que o acento diacrítico.

➤ **Palavras terminadas em L**



Gráfico 15: Palavras terminadas em L (Grupo C)

As pseudopalavras terminadas em *l* (*fómal*, *pábil*, *córpil* e *fármol*) foram facilmente produzidas como paroxítonas, como mostra o gráfico, com 76% das produções dos participantes.

(74)

x	x
x x	x x
fóma<l>	pábi<l>

A segunda marcação na grade mostra que as sílabas *fó* e *pá* foram escolhidas para a alocação do acento e os colchetes angulados < e > indicam que a consoante *l* foi desconsiderada na atribuição do acento à pseudopalavra.

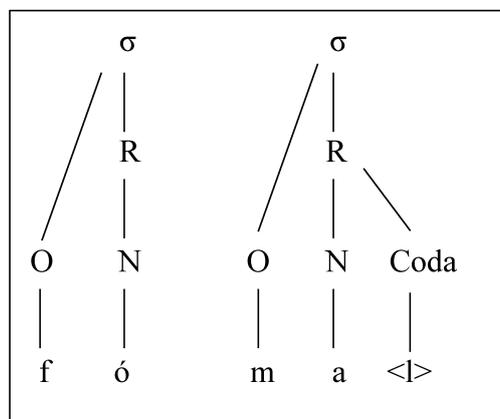


Figura 41: Consoante final extramétrica
(fómal)

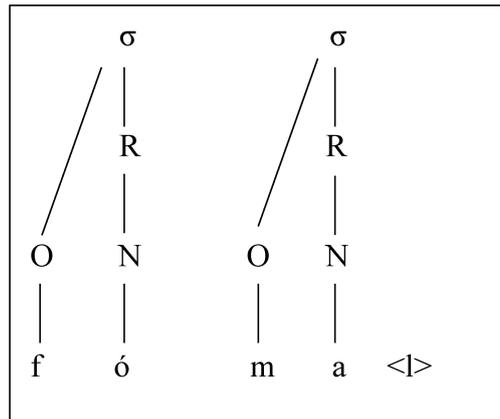


Figura 42: Consoante final l em posição de coda desconsiderada (fómal)

Percebemos, portanto, que, com o auxílio do acento diacrítico, os participantes não demonstraram dificuldade em reconhecer essa consoante em posição de coda da última sílaba como extramétrica, acentuando-as com facilidade com acento na penúltima sílaba.

➤ **Palavras terminadas em M/N**



Gráfico 16: Palavras terminadas em M/N (Grupo C)

As pseudopalavras terminadas em *m/n*, a saber, *cátem*, *filem*, *tórven* e *sérmin* foram facilmente produzidas pelo falante com acento penúltimo, indicando a sua facilidade em reconhecer essa consoante como extramétrica:

(75)

x	x
x x	x x
cáte<m>	file<m>

A segunda marcação na grade sugere a alocação do acento que os falantes produziram 84% das vezes, ou seja, com o acento alojado na penúltima sílaba. Os colchetes angulados demonstram que a consoante final *m* é extramétrica, ou seja, é invisível à regra de atribuição do acento.

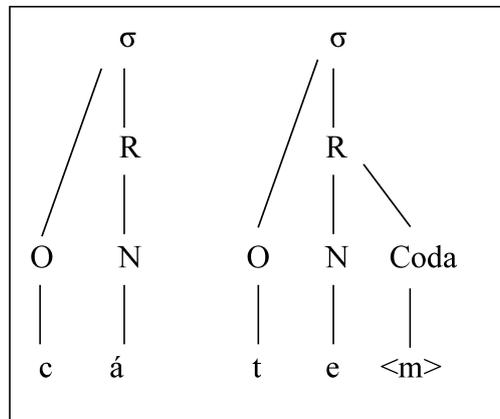


Figura 43: Consoante final extramétrica (cátem)

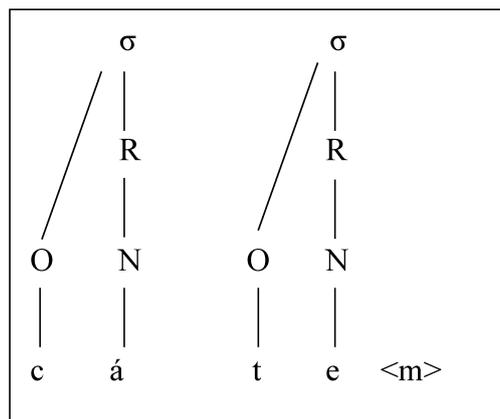


Figura 44: Consoante final *m* em posição de coda desconsiderada (cátem)

Percebemos, assim, que, com o auxílio do acento diacrítico e quando a consoante final foi *m/n*, o falante apresentou facilidade em marcar o acento na penúltima sílaba, pois como ele desconsidera a consoante final, ele atribui acento como se a palavra fosse formada por duas sílabas leves, ou seja, com acento paroxítono.

➤ **Palavras terminadas em R**



Gráfico 17: Palavras terminadas em R (Grupo C)

De acordo com os dados do gráfico, as palavras terminadas em *r*, a saber, *tófar*, *lépor*, *cálpár* e *dílfér* foram pronunciadas pelos falantes, na maior parte das vezes (78%) com acento penúltimo.

(76)

x	x
x x	x x
tófa<r>	lépo<r>

A segunda marcação na grade mostra que as sílabas *tó* e *lé* recebem o acento primário. Já os colchetes angulados indicam que a consoante final *r* é extramétrica, ou seja, não influencia na atribuição de acento à pseudopalavra.

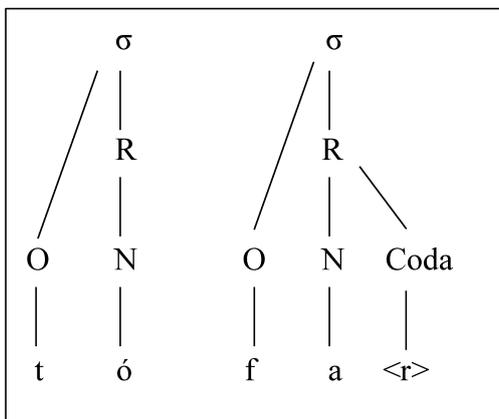


Figura 45: Consoante final extramétrica (tófar)

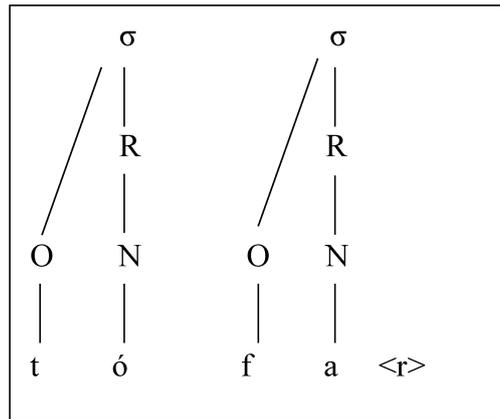


Figura 46: Consoante final r em posição de coda desconsiderada (tófar)

Desse modo, observamos que, com a ajuda do acento diacrítico, o participante não apresenta grande dificuldade em desconsiderar a consoante final r e atribuir acento à penúltima sílaba, enquadrando a pseudopalavra, portanto, à regra geral do PB.

➤ Palavras terminadas em S



Gráfico 1811: Palavras terminadas em S (Grupo C)

As palavras *fîmis*, *tárus*, *pórtis* e *várgos* foram acentuadas majoritariamente com acento penúltimo, ou seja, em 95% dos casos. Isso demonstra que, assim como no grupo A e B, a consoante final *s* é a que mais apresenta facilidade para o falante desconsiderar na atribuição de acento à palavra.

(77)

x	x
x x	x x
fîmi<s>	táru<s>

A segunda marcação na grade apresenta a posição em que o acento foi alocado em 95% das leituras produzidas com *s* em posição de coda da sílaba final. Os colchetes angulados marcam a consoante final *s* como extramétrica:

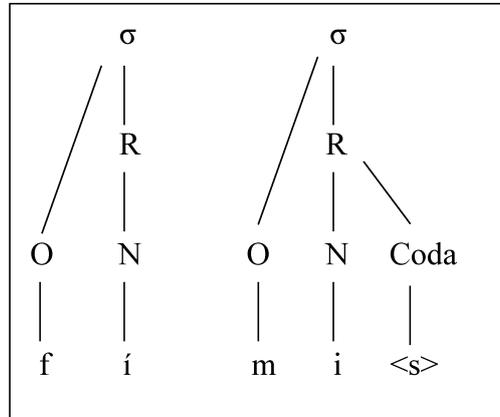


Figura 47: Consoante final extramétrica (fimis)

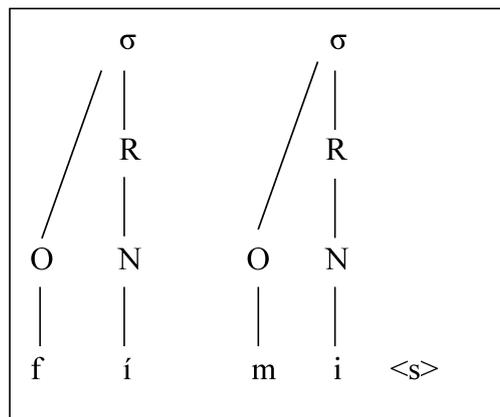


Figura 48: Consoante final *s* em posição de coda desconsiderada (fimis)

Observamos nesse grupo que, assim como nos grupos A e B, a consoante final *s* do Grupo C é a que apresenta mais facilidade de ser desconsiderada na atribuição do acento. Com o auxílio do acento diacrítico, praticamente todas as produções das palavras terminadas em *s* foram acentuadas com acento penúltimo.

➤ **Palavras terminadas em X**



Gráfico 129: Palavras terminadas em X (Grupo C)

As palavras *lágex*, *mínux*, *bérfix* e *léstix* também foram produzidas, na maioria das vezes, com acento penúltimo, somando um total de 76% das produções.

(78)

x	x
x x	x x
lágex<x>	mínux<x>

A segunda marcação na grade sugere que as sílabas *lá* e *mí* receberam o acento primário. Os colchetes angulados marcam a consoante extramétrica, que é desconsiderada na atribuição do acento.

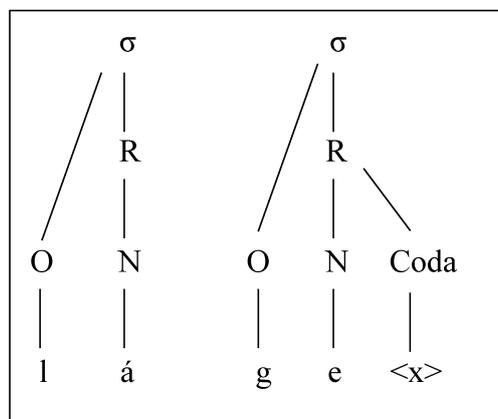


Figura 49: Consoante final extramétrica (lágex)

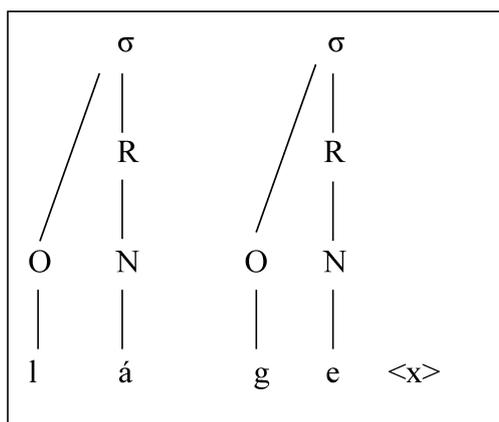


Figura 50: Consoante final x em posição de coda desconsiderada (lágex)

Observamos que, com o auxílio do acento diacrítico, o falante não demonstra dificuldade de marcar pseudopalavras terminadas em *x* com acento penúltimo, desconsiderando com facilidade a consoante em posição de coda.

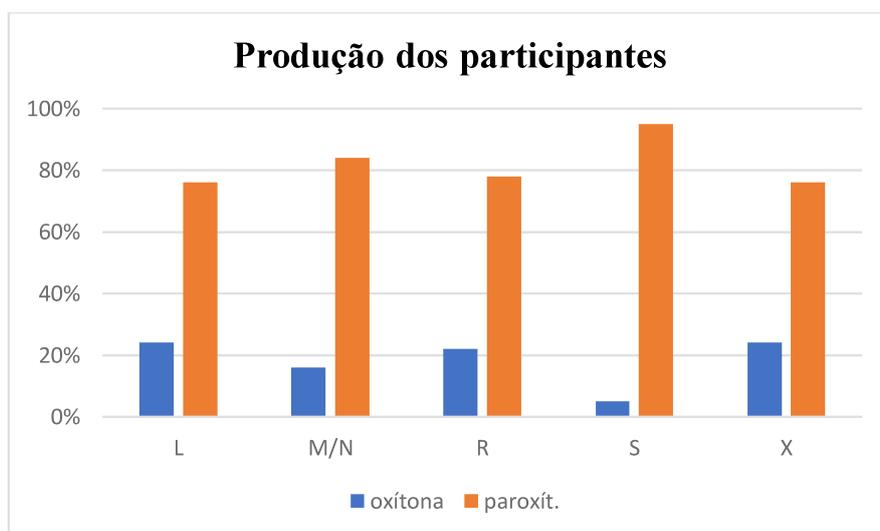


Gráfico 20: Produção dos participantes do Grupo C

Com os dados do Grupo C, conseguimos observar que, com o auxílio do acento diacrítico, os falantes não apresentam problemas em desconsiderar as consoantes finais na atribuição do acento. Assim sendo, o acento diacrítico interfere mais na atribuição do acento do que a consoante em posição de coda no final de pseudopalavras.

7.4. Grupo D

Nas palavras do Grupo D, utilizamos palavras oxítonas terminadas em consoantes existentes no PB. No entanto, acrescentamos um acento diacrítico na penúltima sílaba para observar se o participante, ainda que conheça as palavras como oxítonas, marca o acento obedecendo ao acento diacrítico. O fato de o falante conhecer previamente a palavra, que possui a última rima ramificada e, que é portadora de acento, talvez possa interferir na leitura. Isso pode fazer com que o participante respeite mais o acento diacrítico para marcar o acento na penúltima sílaba ou respeite mais o peso que a consoante em posição de coda da sílaba final confere à sílaba, marcando o acento na última sílaba.

➤ Palavras terminadas em L



Gráfico 131: Palavras terminadas em L (Grupo D)

As palavras *vógal*, *vítal*, *vérbal* e *póstal* foram lidas 65% das vezes com acento penúltimo, como mostra o exemplo abaixo:

(79)

x	x
x x	x x
vóga< >	víta< >

A segunda marcação na grade indica que as sílabas *vó* e *ví* receberam acento primário. Já os colchetes angulados sugerem que a consoante final *l* é extramétrica nessas palavras, ou seja, o falante desconsiderou a consoante *l* em posição de coda da sílaba final para atribuir acento à palavra:

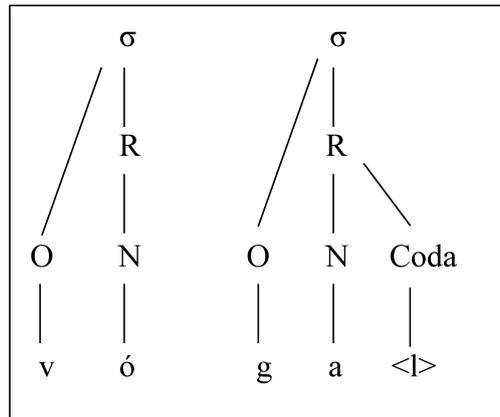


Figura 51: Consoante final extramétrica (vógal)

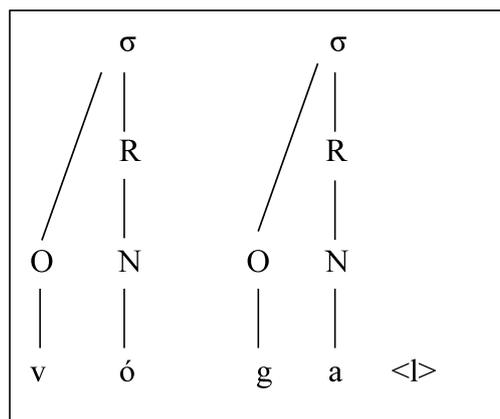


Figura 52: Consoante final *l* em posição de coda desconsiderada (vógal)

Podemos perceber que o falante não apresentou dificuldade em desconsiderar a consoante final *l* e atribuir acento penúltimo para as palavras, ainda que elas fossem conhecidamente oxítonas. Assim, vemos que o acento diacrítico é mais significativo para o participante na alocação do acento tônico do que a consoante *l* em posição de coda na sílaba final, pois, mesmo conhecendo a palavra, o participante alojou o acento na penúltima sílaba.

➤ **Palavras terminadas em M/N**



Gráfico 142: Palavras terminadas em M/N (Grupo D)

As palavras *fútu*, *fúci*, *árbi* e *bélem* também foram majoritariamente acentuadas como paroxítonas.

(80)

x	x
x x	x x
fútu<m>	árbi<m>

As duas marcações na grade demonstram que as sílabas *fú* e *ár* receberam acento primário.

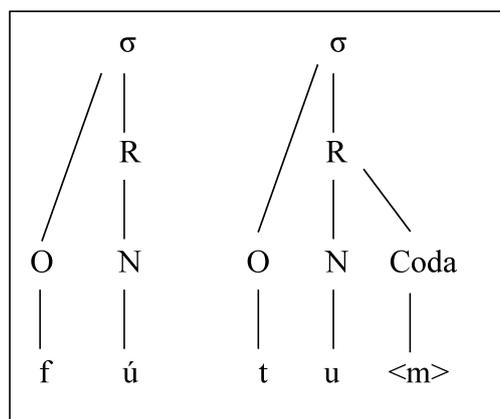


Figura 53: Consoante final extramétrica (fútu)

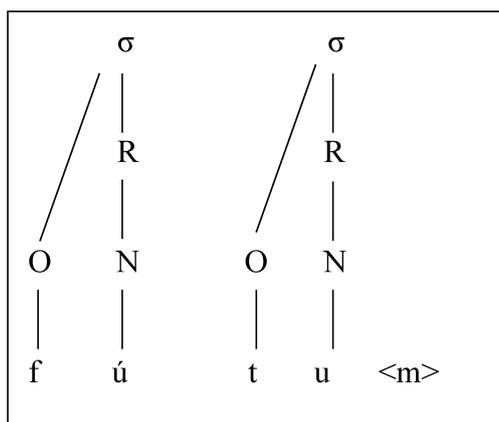


Figura 54: Consoante final m em posição de coda desconsiderada (fútu)

Podemos perceber que, quando a consoante em posição de coda foi *m/n*, o participante não teve dificuldade em marcar essa consoante como extramétrica e ignorá-la na atribuição de acento à palavra. Portanto, o acento parece ser mais significativo para o participante na alocação do acento tônico do que a consoante final, pois as palavras desse grupo são oxítonas da língua, mas, devido ao acento diacrítico, foram marcadas com acento penúltimo, desconsiderando a consoante final.

➤ Palavras terminadas em R



Gráfico 153: Palavras terminadas em R (Grupo D)

As palavras *dúrar*, *déver*, *díspor* e *díscar* foram lidas em 69% das vezes como paroxítonas, indicando que o falante não levou em consideração a consoante final para atribuir o acento à palavra.

(81)

x	x
x x	x x
dúra<r>	déve<r>

A segunda marcação na grade sugere que a sílaba *dú* e *dé* receberam o acento primário.

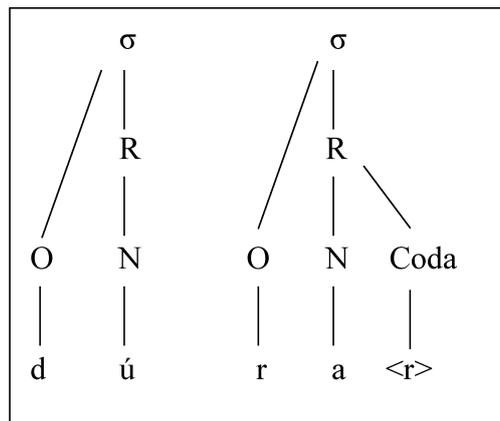


Figura 55: Consoante final extramétrica (dúrar)

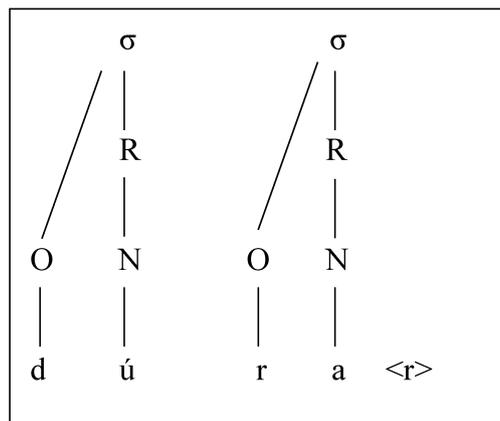


Figura 56: Consoante final r em posição de coda desconsiderada (dúrar)

A consoante final *r*, portanto, foi menos significativa na atribuição do acento tônico do que o acento diacrítico, mesmo em palavras oxítonas conhecidas por ele. O falante parece não ter dificuldade em apagar a consoante *r* em posição de coda de sílaba

final em palavras conhecidamente oxítonas, desde que tenha uma marcação de acento diacrítico na penúltima sílaba.

➤ **Palavras terminadas em S**



Gráfico 24: Palavras terminadas em S (Grupo D)

As palavras terminadas em *s*, a saber, *sófas*, *cáfes*, *cômpos* e *míssos* foram produzidas 79% das vezes com acento penúltimo, obedecendo ao acento diacrítico e ignorando a consoante *s* em posição final.

(82)

x	x
x x	x x
sófa<s>	cáfe<s>

As duas marcações na grade da sílaba *só* e *cá* demonstram que elas receberam o acento primário. O falante ignorou, portanto, a consoante final na atribuição de acento à palavra.

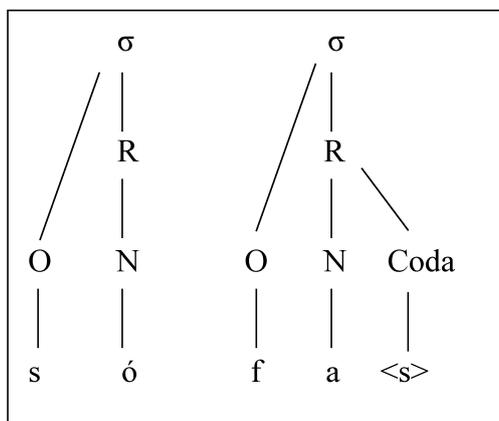


Figura 57: Consoante final extramétrica (sófas)

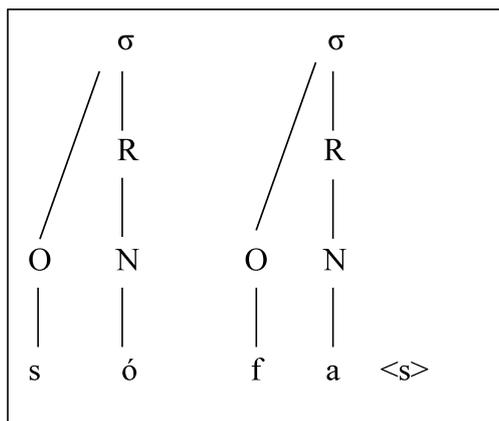


Figura 58: Consoante final s em posição de coda desconsiderada (sófias)

A consoante *s* em posição de coda na sílaba final também parece não ter apresentado dificuldade em ser apagada pelo falante, visto que a maior parte das produções foi com acento penúltimo. Mesmo que essas palavras fossem conhecidas pelo falante como oxítonas, o acento diacrítico parece ter bastante relevância para a alocação do acento, pois a maior parte dos participantes deslocaram o acento para a penúltima sílaba em virtude do acento diacrítico.

➤ Palavras terminadas em X



Gráfico 25: Palavras terminadas em X (Grupo D)

As palavras *bótox*, *pírex*, *vértex* e *fórnix* foram acentuadas, em sua maioria, com acento penúltimo, desconsiderando a consoante final *x* na atribuição do acento à palavra, nos exemplos em (82):

(82)

x	x
x x	x x
bóto<x>	píre<x>

As duas marcações na grade métrica sugerem que as sílabas *bó* e *pí* receberam acento primário.

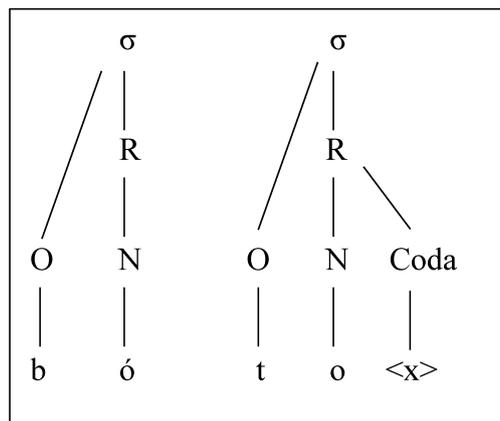


Figura 59: Consoante final extramétrica (bótox)

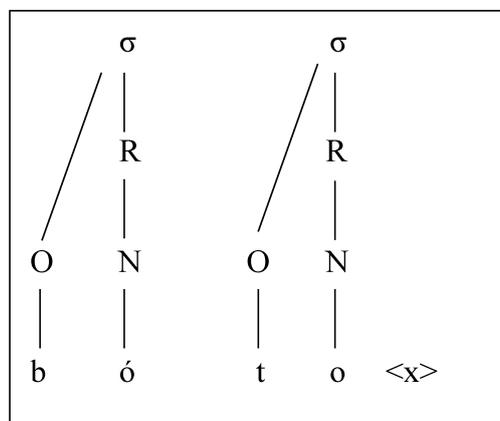


Figura 60: Consoante final x em posição de coda desconsiderada (bótox)

Vemos, portanto, que a consoante *x* em posição de coda da sílaba final, embora tenha sido desconsiderada pelo falante na alocação do acento na palavra, foi a que mais representou dificuldade aos participantes do Grupo D. Desse modo, acreditamos que a consoante *x* em posição final atraiu mais o acento que as outras consoantes finais do grupo, mas, ainda assim, a maior parte das produções foi com acento penúltimo.

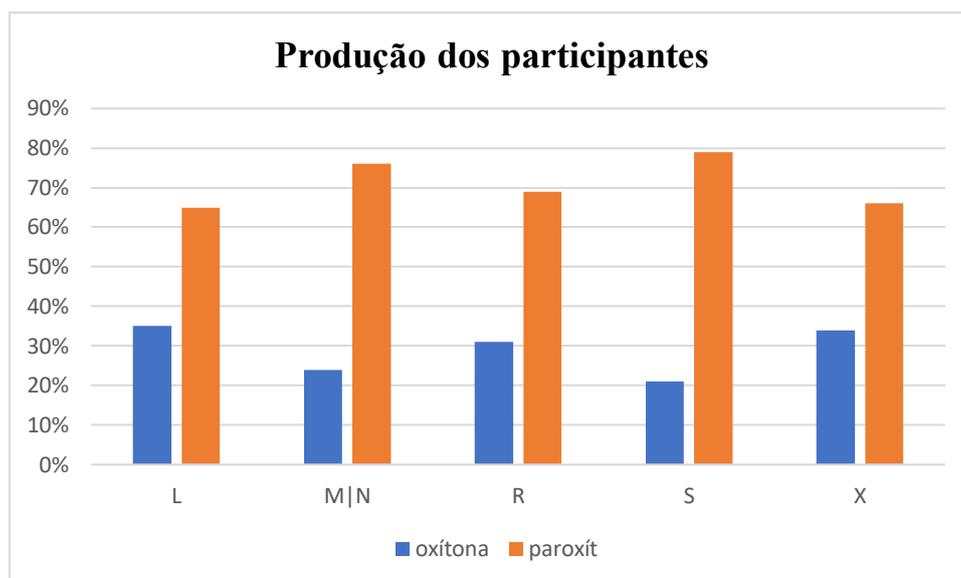


Gráfico 26: Produção dos participantes do Grupo D

Os dados do Grupo D indicam que o acento diacrítico é bastante relevante na alocação do acento na palavra, mais do que a consoante em posição de coda da sílaba final, mesmo em palavras conhecidamente oxítonas pelo falante. Os dados mostram que nesse grupo, todas as consoantes foram desconsideradas sem dificuldades pelo falante para adequar a palavra à regra geral e obedecer à marcação do acento diacrítico.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho percorreu quatro vertentes: i) empreendimento diacrônico, ii) empreendimento sincrônico para descrição de dados; iii) descrição teórica via modelos fonológicos e iv) desenvolvimento de uma metodologia de produção com análise estatística. No nosso empreendimento diacrônico, mostramos que as paroxítonas terminadas em consoante colhidas no dicionário Houaiss (2015), se observadas desde a origem, não apresentam irregularidade acentual, pois o acento permanece na mesma sílaba de origem.

Dividimos a explicação diacrônica em três grupos: i) terminadas por sufixo *-vel*; grupo ii) terminadas por sufixo *-agem*; e grupo iii) demais paroxítonas. Para o grupo i), os resultados sugerem que o acento continua na mesma posição da língua de origem. O que acontece é que a impossibilidade de receber acento do sufixo *-vel*, observada desde o Latim Clássico, faz com que as palavras que recebem esse sufixo alojem seu acento na sílaba anterior, ou seja, paroxítonas terminadas em consoante. Esses dados confirmaram nossa hipótese que dizia que a origem das palavras paroxítonas terminadas em consoante poderia dar uma explicação para a suposta irregularidade acentual. Na verdade, o caráter conservador do acento garantiu o questionamento acerca da apreendida irregularidade.

No grupo ii), os resultados demonstram que o sufixo *-agem* é produtivo na língua e também forma paroxítonas terminadas em consoante. Se observado desde a origem, esse sufixo, que pode ter origem latina (*-go\|-ginis*) ou francesa (*-age*), não recebia acento em latim, assim como no PB. No entanto, o acento dessas palavras permanece na mesma sílaba de origem, o que acontece é o surgimento de um material segmental *m* na posição de coda da sílaba final no PB, fazendo com que essas palavras sejam consideradas irregulares pela literatura. Novamente, o questionamento à irregularidade se sustenta.

As demais palavras do grupo iii) indicam que, se observada a origem delas, o acento também permanece na mesma sílaba de origem, o que acontece é o rearranjo silábico em alguns casos, mas o acento tônico permanece na mesma sílaba de origem. A dita irregularidade para essas palavras pode ser refutada por meio da análise da sua origem, mostrando que o acento não mudou de posição e, por isso, essas palavras não podem ser consideradas irregulares do ponto de vista diacrônico. Esses dados confirmaram nossa hipótese que postulava que o acento no PB se mantém na mesma sílaba de sua origem latina. Portanto, mais uma vez, o caráter conservador do acento joga

por terra a possibilidade de tratar essas palavras como irregulares. Nossa análise diacrônica comprovou essa afirmação.

Em nosso empreendimento sincrônico, analisamos como os falantes produzem palavras terminadas nas consoantes *l, r, s, m\|n* e *x*. Nosso objetivo foi observar se o falante era levado a acentuar essas palavras como oxítonas, respeitando o peso que a consoante em posição de coda atribui à sílaba final e, assim, atrai o acento; ou se o falante produziria as palavras com acento penúltimo, desconsiderando a consoante final.

Os resultados mostraram que, diferentemente dos dados diacrônicos, os dados sincrônicos confirmam a irregularidade acentual, pois a maioria das leituras produzidas pelos participantes foi com acento penúltimo. No teste sincrônico, os falantes não mostraram dificuldade em reconhecer a consoante final como extramétrica, ignorando-a na atribuição do acento à palavra. Os dados, portanto, convergem com a descrição de Bisol (1992), que analisa as palavras paroxítonas terminadas em consoante do PB utilizando o instrumento da extrametricidade para apagar a consoante final e adequar a palavra à regra geral do acento. Desse modo, os dados não convergiram com nossa hipótese iii), de que o falante opta por acentuar novas palavras terminadas em consoante como oxítonas, visto que a maior parte das produções das palavras de todos os grupos foi com acento penúltimo.

Em nosso empreendimento iii), mostramos que a Fonologia Métrica, de Hayes (1995), é adequada para demonstrar se e como ocorreram as mudanças do acento desde o Latim Clássico até o português brasileiro, bem como os tipos de pés propostos para analisar as línguas. Como não é possível fazer uma análise do acento sem se atentar à estrutura silábica, o modelo de Selkirk (1984) foi-nos importante para representar as mudanças internas que as sílabas sofreram e como essas mudanças influenciaram para que algumas palavras fossem consideradas acentualmente irregulares pela literatura.

Finalmente, em iv), tentamos produzir um método de análise estatística dos nossos dados sincrônicos que contribuísse para analisar de maneira mais ampla o significado dos dados. Além disso, a metodologia estatística permitiu que visualizássemos as diversas possibilidades de produção que os falantes efetuaram em cada um dos grupos, refinando a análise e dando mais veracidade às análises. Embora a nossa hipótese iv), de que o falante opta por acentuar novas palavras como oxítonas, porque o PB é sensível ao peso silábico, não tenha se confirmado em todas os grupos, há de se considerar que as consoantes finais, ainda que em menor quantidade, atraíram o acento em algumas palavras, inclusive nas que receberam acento diacrítico na sílaba penúltima.

Apesar de não termos tido tempo de fazer uma análise entre palavras com analogias e palavras distantes de analogias no PB, fica para nossos trabalhos futuros e para outros pesquisadores, pois, com certeza, as possibilidades de análise e descrição do acento em palavras paroxítonas no PB oferecem, ainda, diversas questões de extrema relevância para a pesquisa linguística.

Assim sendo, acreditamos na relevância do trabalho para a literatura e para a história do PB, uma vez que nosso empreendimento procurou contribuir tanto com uma visão sincrônica como diacrônica, enriquecendo, assim, os estudos linguísticos, sobretudo os que estão relacionados ao acento da nossa língua.

REFERÊNCIAS

ALLEN, W. S. The latin accent: a restatement. *Cambridge University Press*, v. 5 (2), p. 193-203, 1969. <https://doi.org/10.1017/S002222670000222X>

ALI, M. S. **Investigações filológicas**. Rio de Janeiro: Lucerna: 2006.

ARAÚJO, G. A.; GUIMARÃES FILHO, Z. O.; OLIVEIRA, L.; VIARO, M. E. As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: **O acento em português : abordagens fonológicas** [S.l: s.n.], 2007.

BISOL, L. Degeminação e Elisão. In: IX Congresso Internacional da ALFAL. Campinas: IELIUNICAMP,1990.

_____. (org.) **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: UNICAMP, n. 22, p. 69-80., 1992.

_____. O troqueu silábico no sistema fonológico (Um adendo ao artigo de Plínio Barbosa). *DELTA*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 403-413, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200007&lng=en&nrm=iso>. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502000000200007>

CAMARA JR., M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper e Row, 1968.

COLLISCHONN, G. A sílaba. In: BISOL, Leda (Org). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2001.

_____. O acento em português. In: BISOL, Leda. (Org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

COSTA, I. B. *O acento em português: estudo de algumas mudanças no modelo da Fonologia Gerativa*. 1978. 179f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1978. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270932>>.

FARIA, E. **Fonética histórica do Latim**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

HALLE, M., VERGNAUD, J. R. **An essay on stress**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1987.

HAYES, B. A metrical theory of stress rules. New York/London: Garland Publishing, 1985. (*Revisão feita pelo próprio autor de sua tese de 1980 e da publicação anterior feita pelo Indiana University Linguistics Club, em 1981.*)

_____. **Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. Compensatory lengthening in moraic phonology. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 2, p. 253-306, 1989. Disponível em: <<https://linguistics.ucla.edu/people/hayes/papers/HayesCompensatoryLengthening1989.pdf>>

HYDE, B. D. *Metrical and Prosodic Structure in Optimality Theory*. 2001. 416p. Dissertation (Doctor of Philosophy). Graduate Program in Linguistics, New Brunswick, New Jersey, 2001. Disponível em: <<https://rucore.libraries.rutgers.edu/rutgers-lib/38313/>>

HOLT, D. E. *The role of the listener in the historical phonology of spanish and portuguese: an optimality-theoretic account*. 1997. 262p. Dissertation (Doctor of Philosophy in Spanish Linguistics). Graduate School of Arts and Sciences of Georgetown University, Washington, D.C., 1997. Disponível em: <<https://rucore.libraries.rutgers.edu/rutgers-lib/38311/>>

HOUAISS, A.; VILLAR, M. (Org.) **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. CD-ROOM.

ILARI, R. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 2008.

ITÔ, J. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*, 1986. PhD. Dissertation. MA: University of Massachusetts, Amherst. Garland Publishers, New York: 1988.

LEE, S. H. Fonologia Lexical do Português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 23. Campinas: IEL/UNICAMP, 1992. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636848/4569>>

_____. Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil. 1995. 190f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1995. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270890>>

_____. O acento primário do português. *Revista de Estudos da Linguagem*, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 5-30, 1997. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2174> <https://doi.org/10.17851/2237-2083.6.2.5-30>

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On Stress and Linguistic Rhythm. *Linguistic Inquiry*, v. 8, n. 2, p. 249-336, 1977. Disponível em: <<http://language.ledc.upenn.edu/myl/LibermanPrince1977.pdf>>

MAGALHÃES, J. S. O acento: de regras a restrições. UFU, 2008. Disponível em: <https://www.academia.edu/5657931/O_Acento_de_regras_a_restri%C3%A7%C3%B5es>.

_____. O acento dos não verbos em português brasileiro no plano multidimensional. *Alfa*, São Paulo, v. 52, n. 2 405-430, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1525/1232>>.

MARTINS, M. F. Aspectos da fonologia prosódica Guarani Mbyá. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 4, n. 7, 2006. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/2c86eabc14289eabb7075464e8354431.pdf>>.

MASSINI-CAGLIARI, G. A Duração no Estudo do Acento e do Ritmo do Português. 1991. 2v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1991. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270351>>.

_____. **Acento e Ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico: um estudo do percurso histórico da acentuação em Português. 1995. 269f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1995. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270738>>.

_____. **Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 1999.

MATEUS, M. H. M.; DELGADO-MARTINS, M. R. Contribuição para o estudo das vogais átonas [ɨ] e [u] no português europeu. *Biblos*, v. 58, p. 111-128, 1982.

MAURER JR., T. H. **O Problema do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

MENA, L. Uma discussão sobre o acento em português e em espanhol. In: Encontro do Celsul, 5, 2003. Curitiba. Anais... Curitiba: Celsul. p. 749-754. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/104.pdf>>.

MENDONÇA, C. S. I. A Sílabas em Fonologia. *Working Papers em Linguística*, UFSC, n. 7, p. 21-40, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/6165/5720>>.

NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: Fonética e Morfologia**. 8 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1975.

PIKE, Kenneth. **Phonemics: A technique for reducing languages to writing**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1947.

QUEDNAU, L. R. O acento na evolução do Latim Clássico para o Latim Vulgar. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, v. 7, n. 1, p. 123-147, 2004. Disponível em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/3879/3118
<<https://doi.org/10.5433/2237-4876.2004v7n1p123>>

RAMOS, A. P.; TENANI, L. E. Análise métrica do apagamento das vogais postônicas não finais no dialeto do noroeste paulista. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 1, p.

21-34, 2009. Disponível em: < http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N1_02.pdf >

RONDININI, R. B. O acento primário no latim clássico e no latim vulgar: o tratamento da mudança na perspectiva da Teoria da Otimalidade. 2009. 183f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. 2009. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=137941>

SARAIVA, F. R. S. **Novíssimo dicionário latino-português**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993.

SELKIRK, E. The Syllable. In: HULST, H. V. d.; SMITH, N. (Eds). **The Structure of Phonological Representations: Part II**. Dordrecht: Foris, 1982.

_____. On the major class features and the syllable theory. In: ARONOFF, M.; OEHRLE, R. T. (Eds). **Language Sound Structure: Studies in Phonology**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1984.

SILVA NETO, Serafim da Silva. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. 6ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1993.

TROUBETZKOY, N.S. **Principes de Phonologie** (1939). Paris: Éditions Klincksieck, 1970.

VIARO, M. E. **Por trás das palavras: manual de etimologia do português**. São Paulo: Globo, 2004.

WETZELS, L. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 23, p. 19-55, 1992. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ce/ce/article/view/8636844/4565>>.

Browserling, 2018 – Disponível em: <<https://www.browserling.com/tools/random-lines>>

Origem da Palavra, 2018 – Etimologia. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/>>

Wickcionário – Disponível em: <<https://pt.wiktionary.org/wiki/>>

APÊNDICE – Lista de palavras paroxítonas irregulares

A	biodegradável
abominável	biodiesel
acessível	bórax
aconselhável	bóxer
açúcar	busílis
adenovírus	C
admirável	cabível
admissível	cadáver
adônis	câncer
adorável	celsius
afável	clímax
africânder	clitóris
ágar	closet
ágar-ágar	clóvis
ágil	cóccix
agradável	comestível
álbum	cônsul
álcool	contráctil
almíscar	corresponsável
âmbar	corruptível
amigável	córtex
amorável	D
amovível	débil
anti-clímax	deplorável
antimíssil	desagradável
ânus	descartável
aprazível	desejável
apresentável	desfavorável
audível	designer
B	desnível
bílis	descartável
biocombustível	detestável

diesel

diet

difícil

dímer

dísel

divisível

dólar

doping

durável

E

e-banking

e-booking

elegível

erétil

estável

estéril

eurodólar

execrável

extrasensível

F

falível

favorável

fax-modem

fêmur

fênix

flexível

fôlder

fórceps

fotossensível

freelancer

freezer

frenagem

friagem

fuligem

fungível

fusível

fútil

G

gângster

gêiser

glúten

grácil

grátis

H

habeas corpus

hábil

hamster

haras

hertz

hífen

hímen

hiper-

homenagem

home theater

horrível

I

ignóbil

ilegível

imarcescível

imbatível

imemorável

imensurável

imiscível

imóvel

impagável

impossível

impecável

impenetrável

impensável	inapreensível
imperceptível	inaproveitável
imperdível	inarrável
imperdoável	inarredável
imperecível	inatacável
impermeável	inatingível
imperscrutável	inaudível
imperturbável	inegável
implacável	incabível
imponderável	incalculável
impossível	incansável
impostergável	incensurável
impraticável	incoercível
imprescindível	incognoscível
imprescritível	incombustível
imprestável	incomensurável
impreterível	incomparável
imprevisível	incompatível
improferível	incompreensível
improvável	incomunicável
imutável	incomutável
inabalável	inconcebível
inábil	inconciliável
inabitável	inconfessável
inaceitável	inconfundível
inacessível	inconjugável
inacreditável	inconsolável
inadiável	inconsútil
inadmissível	incontável
inafiável	incontestável
inalienável	incontrolável
inalterável	inconvertível
inapelável	incorrigível
inaplicável	incorruptível

incriticável	inexpressável
incrível	inexprimível
inculpável	inexpurgável
incultivável	inextinguível
incurável	inextricável
indecifrável	infalível
indeclinável	infatigável
indecomponível	infértil
indefectível	inflamável
indelével	inflexível
indescritível	infusível
indesculpável	inigualável
indesejável	iniludível
indestrutível	inimaginável
indevassável	inimitável
índex	ininteligível
indiscutível	injetável
indispensável	inolvidável
indissolúvel	inominável
indivisível	inoxidável
indizível	inqualificável
indócil	inquebrantável
indubitável	inquestionável
inefável	insaciável
inegável	insanável
inelegível	insensível
inelutável	insaciável
inenarrável	insofismável
inesgotável	insolúvel
inesquecível	insondável
inestimável	insopitável
inevitável	instável
inexorável	insubstituível
inexplicável	insuperável

insuportável	irresistível
insustentável	irresponsável
intangível	irretorquível
intocável	irreversível
intolerável	irrevogável
intraduzível	J
intragável	jângal
intransferível	jovem
intransitável	justificável
intransmissível	L
intransponível	lambujem
intratável	lamentável
inúbil	lápis
inumerável	laser
inútil	lastimável
invencível	látex
invendável	lavagem
invendível	legível
inverossímil	lentivírus
inviável	líber
inviolável	libras
invisível	líder
irascível	líquen
irrealizável	M
irreconciliável	madras
irreconhecível	maleável
irrecuperável	máuser
irrecusável	miscível
irredutível	miserável
irreduzível	mister
irrefutável	modem
irremediável	mórmon
irreparável	móvel
irrepreensível	N

notável

nylon

O

ocultas

ontem

P

padronagem

paisagem

pagem

palpável

papilomavírus

passagem

passável

possível

pastagem

pênis

pênsil

perecível

perfectível

possível

potável

praticável

preênsil

projétil

provável

Q

quórum

R

rapper

razoável

reciclável

rentável

repórter

respeitável

responsável

reversível

revólver

risível

rotavírus

roupagem

S

sabotagem

saudável

sêmen

sensível

séssil

sociável

sofrível

solúvel

solvável

sóror

super-homem

supersensível

sútil

T

tangível

tênder

terrível

tonelagem

tropagem

tratável

tríplex

V

vassalagem

vênus

versátil

virgem

volátil

voltagem

voragem

W

webdesigner

webmaster

weekend

X

Y

Z